

RECONCILIA-TE PRIMEIRO

Ricardo Orestes Forni



EDITORA
LIVE

5ª edição

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Ricardo Orestes Forni

RECONCILIA-TE PRIMEIRO

(Romance espírita)

Reconcilia-te Primeiro *Ricardo Orestes Forni*

1* edição - setembro/2003 - 3.000 exemplares Capa:

Nori Figueiredo

Diagramação:

Editora EME

Revisão:

Rubens Toledo

DEDICATÓRIA

Ao

Companheiro amigo Paulo Lustosa, incansável incentivador dos meus pobres recursos literários, vibrante e intransigente adepto da Doutrina de Allan Kardec, na certeza de que este singelo romance será contemplado por você com os olhos da imortalidade e com as emoções descompromissadas dos interesses do mundo material.

Orestes

COMO SE FOSSE UM PREFÁCIO

Em *O Livro dos Espíritos*, edição da Federação Espírita Brasileira, com a tradução do Dr. Gillon Ribeiro, 82ª edição, na questão de número 625, Kardec pergunta à equipe de Espíritos que o auxiliaram na abençoada obra da Codificação qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo. A resposta foi pronta e categórica: JESUS!

Na questão de número 886, o Codificador indaga qual o verdadeiro sentido da palavra "caridade", como a entendia Jesus. Novamente a resposta é dada sem vacilações: "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas".

Então, a advertência sobre o perigo da manutenção do ódio na Terra é assunto sério porque o rancor, a mágoa, o ódio, não dão lucros a ninguém. E não adianta a cadeira elétrica: é necessário a "cadeira" do amor! Acertar tudo com todos pela lei da reencarnação é simples obrigação, e a consciência no dever retamente cumprido traz o amor para o coração, libertando o ser humano das amarras do passado culposos.

Estamos sem rumo há séculos, mas a Doutrina Espírita é luz nas trevas...

Em verdade, nunca devemos fazer justiça com as nossas mãos. Arrepende e reconciliar é um tema de agora para nos corrigirmos diante da Providência Divina o mais rápido possível. É necessário lutar com todas as forças ao nosso alcance para colocarmos luz em nossas ações, sublimando o amor. O arrependimento sincero não quita o débito, mas ameniza a dívida para com a própria consciência, ensinando-nos que devemos ir apagando as nossas faltas para crescermos por dentro e irmos caminhando para o Evangelho, através do amor.

Perdoar e desculpar é para sempre, sempre e sempre! Por isso, a meditação do perdão é assunto sério para todos nós, não só para Ana, Clara e o Cláudio, personagens do terceiro romance do

Orestes alicerçado nos ensinamentos da Doutrina, mas para todo ser humano, sem nenhuma exceção! Só é possível amar verdadeiramente como Jesus nos ensinou se aprendermos a perdoar sem restrições.

Diz o nosso querido benfeitor Emmanuel, na psicografia do saudoso tio Chico: "Leve alfinetada gera infecção, mas entendimento é remédio e perdão, é profilaxia."

O extraordinário Fénelon fala no capítulo XII, item **10** do Evangelho Segundo o Espiritismo, na edição da FEB, em **1861**: "Amai-vos uns aos outros e sereis felizes".

O romance do Orestes, *Reconcilia-te Primeiro...*, nos auxilia não somente na preparação para a vida física, mas também para a evolução do Espírito após a jornada terrestre. É uma leitura válida, de bom senso, com lógica em cima da razão, assentando suas afirmações e descrições sobre os ensinamentos da Doutrina Espírita, ajudando-nos a entender as graves e dolorosas consequências do cultivo do ódio e da ausência do perdão, convidando-nos a amar os nossos semelhantes.

O amor sempre cobre uma multidão de pecados, dizia Jesus. Emmanuel entende que "nós precisamos muito mais de paciência do que de sabedoria" para vivermos melhor, e ele relata no prefácio do livro do nosso querido André Luiz, *Entre a Terra e o Céu*, que "A lei é viva e a justiça não falha! Esquece o mal para sempre e semeia o bem cada dia!... Ajuda aos que te cercam, auxiliando-te a ti mesmo! O tempo não pára, e, se agora encontras o teu ontem, não olvides que o teu hoje será a luz ou a treva do teu amanhã!"

Por essas razões, é muito importante para os homens da Terra estarem sempre atentos com as notícias que chegam do Céu por canais de pessoas honradas e sérias que lutam para vivenciarem as lições de Nosso Senhor Jesus Cristo, como podemos verificar na lição chamada "Confia Sempre" de nossa benfeitora Meimei, pela psicografia do amado e distinto Chico.

Meimei assim se expressa: "Não percas a tua fé entre as sombras do mundo. Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue à frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo. Crê e trabalha.

"Esforça-te no bem e espera com paciência. Tudo passa e tudo se renova na Terra, mas o que vem do Céu permanecerá. De todos os infelizes, os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmos, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé e prosseguir vivendo.

"Eleva, pois, o teu olhar e caminha.

Luta e serve. Aprende e adianta-te.

Brilha a alvorada além da noite.

Hoje é possível que a tempestade te amarfanhe o coração e te atormente o ideal, aguillhoando-te com a aflição ou ameaçando-te com a morte. Não te esqueças, porém, de que amanhã será outro dia."

Peço licença aos senhores leitores para dedicar estas linhas sem brilho ao coração venerando e amável da Cacilda, que não poupa o seu esforço na luta de mãe todos os dias em dedicação aos filhos Orestes, José Eduardo e Oswaldo.

A ela o nosso apreço e a nossa alegria, com a gratidão de todos os momentos aqui na Terra. Com amor e carinho,

Oswaldo Cordeiro. Mirassol, SP, **15** de janeiro de **2003**.

O ENSINAMENTO ESQUECIDO

"Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto todos estais a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão, — Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceutil." — Mateus, cap. V w **25** e **26**.

A Doutrina Espírita veio reconduzir ao seu verdadeiro sentido e ampliar os grandiosos

ensinamentos do Cristo.

Essa passagem do Evangelho de Mateus contém uma séria e profunda advertência sobre o perigo da manutenção da cadeia do ódio entre os seres.

A única força capaz de exterminar o ódio ou transformá-lo em energia positiva é a força do amor.

A morte física não extingue o amor e nem o ódio, porque quem ama ou odeia é o espírito imortal que continua vivo para sempre, no corpo ou fora dele.

Transportamos para o mundo dos Espíritos e lá agimos, de acordo com a carga construtiva do amor ou destrutiva do ódio.

Não existe milagre em local algum do Universo, muito menos para além das vibrações da matéria densa onde continuamos a receber de acordo com as nossas próprias obras e ser aquilo que fizemos de nós mesmos.

Por isso, não devemos perder a menor oportunidade que seja para romper com as cadeias do ódio, geradoras de sofrimentos inúmeros através dos fenômenos obsessivos, onde o agredido retoma para cobrar, centavo a centavo, todo o sofrimento que um dia lhe foi imposto pelo agressor.

Reconciliar com o adversário enquanto estamos com ele em trânsito pela vida física, evitando que o mesmo transporte para a outra dimensão da existência a pesada e dolorosa cadeia de acusações contra nosso ser, capaz de alimentar o desejo de justiça com as próprias mãos, é atitude de amor ao próximo e a nós mesmos.

Se achamos difícil amar em virtude da grande soma de egoísmo que ainda nos caracteriza, é de extrema urgência conscientizarmo-nos de que a semeadura do mal jamais nos trará a colheita da felicidade e da paz.

Reconciliar com o adversário que em última análise é o nosso próximo, o nosso irmão perante Deus nosso Pai, é a recomendação esquecida de há mais de **2.000** anos!

Para conseguirmos esse intento é preciso amar aos inimigos, ou mais do que isso, é preciso amar o suficiente para não tê-los, evitando abrigar em nossas vibrações íntimas os desequilíbrios que permitam sejam rastreados por aquele a quem ofendemos um dia.

O quanto temos pago por nos entregarmos ao cultivo do ódio, à semeadura da mágoa, do desespero no coração de nossos semelhantes, de nos transformarmos em motivos das lágrimas do nosso próximo, somente a consciência de cada um poderá dizer.

Nas diretrizes dos Espíritos Superiores que devolvem os ensinamentos de Jesus à sua mais transparente pureza, encontramos poderosos auxiliares que nos tiram da inércia e da destruição do ódio, colocando-nos em movimento em direção do amor e do perdão, forças poderosamente construtivas do reino de Deus dentro de cada um de nós!

Como possuidores do livre-arbítrio, é necessário a decisão pessoal de cada um para que, no combate difícil ao orgulho, egoísmo e vaidade, possamos responder positivamente ao conselho de Jesus contido no Evangelho de Mateus:

"Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

Tupã, SP, **2** de junho de **2002**.

A ESCOLA E O LAR

O planeta Terra é uma das abençoadas escolas do Universo, com várias moradas para o espírito em evolução, conforme nos ensinava Jesus ao referir-se "às várias moradas na casa do Pai", que por comodismo temos interpretado como sendo locais privativos em um Céu de total improdutividade e de preguiça, incoerentes com Deus, que trabalha até hoje, ainda na afirmativa de Nosso Senhor.

Quantas vezes não somos flagrados cometendo a injustiça de maldizer o fato de estarmos vinculados a esse educandário, como se a razão de nossos problemas e sofrimentos estivesse no

planeta e não em nós mesmos. Como se livres da escola da Terra ou do corpo físico fosse o necessário e suficiente para nos quitarmos diante da própria consciência.

A Providência Divina construiu o orbe em que vivemos reencarnados, nele colocando tudo para que fôssemos felizes e vivêssemos em paz.

Na verdade, a Terra é o paraíso da inocente história de Adão e Eva que ainda é defendida por mentes incapazes de raciocinar sobre o tamanho do absurdo dessa hilariante origem do homem e da mulher. De um homem e uma mulher que não tendo antecessores deram nascimento a dois filhos, Caim e Abel, este último assassinado pelo próprio irmão, tendo povoado todo o planeta através de um mecanismo mágico ainda não identificado e tão pouco igualado pela mais evoluída das ciências... E aceito pelas mais preguiçosas inteligências...

No planeta encontramos rios de águas límpidas e vidas de animais a serviço da felicidade do homem. Este, entretanto, na sua ânsia de enriquecimento, poluiu e vem destruindo essas fontes de grandes recursos, como se jamais fosse sofrer o retomo de tal atitude.

Nos pulmões das matas virgens encontrávamos enormes filtros naturais enriquecendo a atmosfera necessária à nossa sobrevivência, com a entrada do oxigênio e a captação do gás carbônico nocivo à vida. O homem, na busca de mais riquezas, vem dizimando regiões de florestas que representam verdadeiros patrimônios de equilíbrio e bênçãos desse paraíso dilapidado século a século.

Para as milhares de árvores indiferentemente tombadas, enormes chaminés poluidoras são construídas, destruindo a camada de ozônio necessária à nossa proteção aqui no planeta, deixando de evitar a intensidade do calor e das irradiações solares que nos atingem. Isso sem contar os incêndios criminosos que dizimam enormes áreas de matas e espécies animais, desequilibrando a flora e a fauna com as suas respectivas consequências para os seres humanos.

Combinando elementos naturais, conseguimos construir explosivos úteis na abertura de estradas, entretanto, isso tem sido usado em assassinatos do próprio semelhante como tão bem demonstram os atentados terroristas avidamente noticiados pela imprensa divulgadora do pessimismo com o qual sintonizamos, só para citar um exemplo.

Do princípio de determinados vegetais, o homem deveria extrair elementos farmacológicos para o alívio da dor em suas mais diferentes formas e origens. Mas, no constante desvirtuamento das bênçãos da escola da Terra, esse mesmo homem preferiu drogar-se na tentativa inútil de fugir dos problemas por ele criado e que somente pelo próprio autor é que será resolvido através do princípio da ação e reação.

Através da inteligência, o ser humano chegou até a construção de aeronaves que deveriam servir para o entrelaçamento dos povos encurtando distâncias. Mas, essa mesma inteligência, desvirtuando as intenções divinas, carregou os aviões de bombas transformando-o em mortífera máquina de guerra. Para não ir muito longe, lembramos as cidades de Hiroshima e Nagasaki que conheceram o poder de destruição da bomba atômica na Segunda Guerra Mundial de pavorosas consequências.

Dessa maneira, poderíamos ir citando mais atitudes do homem destruindo esse paraíso e abençoada escola das almas que é o planeta que habitamos em busca da perfeição. Nesse educandário de luz que tantas vezes maldizemos, ecoam a todo momento, com a força de uma realidade atual, as palavras de advertência do Cristo: " Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

Nessa Casa do Pai, encontramos a mais rica oficina do espírito reencarnado, que é o lar! Quantos não o possuem?! Diríamos que muitos, ricos ou pobres, no sentido financeiro. Sim. Porque lar não é a construção de alvenaria, de madeira, de sapé ou pau-a-pique. Não! Quando utilizamos a palavra lar em seu sentido espiritual, nos referimos a um local onde o amor se manifeste através da renúncia, do respeito, da compreensão de uns para com os outros. Por não existirem essas condições é que muitos habitam verdadeiras mansões sem ter um lar!

Nesse laboratório de almas é que a sabedoria divina revela-se com grande intensidade. Nesse ambiente físico e psicológico estão reunidos espíritos ligados pelo amor de outros reencontros, como estão juntos espíritos devedores de outros tempos. Se assim não fosse, como que espontaneamente procuraríamos aquele a quem ofendemos para nos quitarmos perante a Lei? Sabendo que somos péssimos pagadores, embora excelentes credores, Deus reúne os endividados no mesmo ambiente consanguíneo, para que possam acertar-se perante a Lei Maior.

E assim que surge o marido complicado, a esposa difícil, os filhos problemáticos, os irmãos que parecem estranhos, pais odiados por filhos, filhos abandonados pelos pais, meninas seviciadas pelo próprio pai, pelo padrasto ou algum parente próximo e todas as mais variadas misturas de problemas que a imprensa não se cansa de alardear. Que não se entenda em momento algum que retomamos através da reencarnação para perpetuar o ódio, para cumprir a lei de Talião. Regressamos sempre, para que possamos, bem utilizando as oportunidades, crescer perante a própria consciência. Entretanto, de posse do livre-arbítrio, cada espírito reencarnado acaba decidindo como agir e reagir perante as situações que a Providência Divina nos proporciona, sempre visando a possibilidade do recerto, do retomo ao bom caminho.

Para revelar-se em toda a sua sabedoria e grandeza nesse laboratório dos espíritos endividados, surge a reencarnação com a bênção do esquecimento temporário das outras vidas. Como são ingênuos ou ignorantes todos aqueles que vêm na bênção do retomo ao corpo sem a lembrança do passado um argumento para decretar o absurdo da reencarnação! Absurdo seria se o marido visse na esposa de hoje aquela mulher que o traiu em outras vidas. Como reconciliar, lembrando-se do passado?! Absurdo seria se um irmão lembrasse que o outro foi o seu grande algoz de tempos anteriores. Como aprender a amá-lo agora?! Como reconciliar almas em atritos tão graves se a lembrança deles estivesse presente na atual existência?!

Para o preso que cumpriu a sua pena perante a sociedade, não seria melhor que ninguém soubesse que ele é um ex-presidiário? Não seria mais fácil para a sua reintegração na sociedade o esquecimento da situação anterior, para arrumar um emprego e recomeçar vida nova? Pois então! Somos todos prisioneiros de um passado de desequilíbrios. Entretanto, a Providência Divina foi tão benevolente, que podemos reiniciar uma nova tentativa de acerto, sem que ninguém conheça esse nosso passado de delitos perante a própria consciência. Podemos reiniciar, sem preconceitos ou a aversão daqueles que conosco convivem mais intimamente, amparados pela bênção do esquecimento temporário.

Como ver, então, nessa pausa de nossas lembranças do que fizemos em existências infelizes, um argumento contra a própria reencarnação?

Ah! Ser humano tão pequeno em qualidades morais e tão grande em orgulho, egoísmo e vaidade!

Nessa oficina de almas de onde podemos dar grandes saltos em nossa estrada em busca da perfeição, ecoa também a advertência não compreendida e esquecida de Jesus: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

O IMPLACÁVEL JUIZ DAS TREVAS

Para onde vamos após a morte do corpo físico? Antes dos ensinamentos dos Espíritos Superiores através da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, a resposta a essa pergunta era vaga, confusa, imprecisa. Acreditava-se fragmente que as "almas dos mortos" eram recolhidas para uma região desconhecida no Universo onde ficavam totalmente incomunicáveis, a espera do temível e terrível julgamento baseado em apenas uma única existência aqui no planeta. Essa ideia mal definida, juntamente com outras explicações dogmáticas para as aparentes injustiças do mundo, levou muitas pessoas ao descrédito total em relação a um ser absolutamente perfeito capaz de amar e exercer a

justiça sem máculas, e, por consequência, ao materialismo. Com as comunicações dos espíritos nas sessões mediúnicas, tudo foi se aclarando diante de provas robustas da continuidade do ser de uma forma lógica e coerente com a grandeza de Deus.

Hoje sabemos onde os Espíritos, plenos de vida, ficam e o que fazem. A afirmativa de que "nunca ninguém voltou para contar" está irremediavelmente destruída e destituída de verdade.

Não existem saltos na progressão e na sequência da vida do espírito imortal. No corpo físico ou fora dele, seguimos um caminho ditado por nossas atitudes na colheita natural e justa do plantio que realizamos.

E assim que muitos espíritos permanecem aqui na Terra mesmo como se encarnados ainda fossem. Outros são atraídos pelas regiões espirituais inferiores com as quais sintonizaram durante sua passagem pela vida física, como se um poderoso e gigantesco ímã os atraíssem para lá. Outros desencarnados são conduzidos por força de suas lutas e vitórias no planeta para regiões mais amenas e de repouso para, posteriormente à recuperação da desvinculação do organismo físico, darem sequência à caminhada em busca da perfeição. Finalmente, os espíritos que se caracterizaram pela vivência do amor partem céleres, vitoriosos, embalados por hinos de paz e felicidade entoados pela consciência tranquila no dever cumprido.

Essa distribuição dos espíritos é feita sem violências, seguindo a determinação de leis justas e misericordiosas que dão a cada um segundo as suas obras. Há um deslocamento automático do espírito atraído pela sintonia interior com a situação que lhe é afim, como as águas do rio procuram o mar, como o beija-flor procura o açúcar nas flores.

Se lembrarmos das escolas ao soar o sinal, as crianças vão se distribuindo por classes de acordo com a série em que estagiam para aprender. Da mesma forma, ao soar o chamado da morte, vamos nos encaminhando para a sala de aula em que estivermos vinculados por nossos erros e acertos. Tudo feito de maneira natural, automática, seguindo uma determinação superior inabalável.

Naquela região de sofrimentos próxima ao planeta Terra, vamos encontrar um implacável líder inspirado pelo ódio a falar a seus subordinados e comandados:

— Soldados da justiça! Aqui onde dominamos porque somos fortes, a justiça é rápida porque não vacilamos! Não nos envolvemos com lágrimas, com desculpas, com tentativas de justificar o que não deveria ter sido feito! Somos os justiceiros que distribuimos a sentença de acordo com a culpa do acusado. A lei que se abre para escutar choramingas, falsas justificativas, é fraca! Quando existe a culpa, a pena é imperativa!

O ambiente, onde aqueles espíritos eram dominados por um líder dedicado ao mal, era sufocante. Uma névoa malcheirosa distribuía-se por todo o local. Os pés assentavam-se sobre um terreno que parecia um enorme pântano. Aves estranhas faziam vôos rasantes alimentando-se de substâncias mentais ali exaladas pela presença do ódio e dos mais diversos tipos de desequilíbrios imagináveis e inimagináveis. A temperatura era incômoda, fazendo banhar de suor os moradores daquele estranho e apavorante local. Nunca se sabia se era noite ou dia, já que nenhum tipo de luz penetrava aquela região de trevas espessas. Nenhuma brisa, nenhum ruído se fazia ouvir enquanto a figura dominadora falava aos seres submetidos pelo medo.

A figura espiritual dominante vestia-se com roupa negra que só não encobria as mãos e o rosto. Face congestionada pelo ódio, olhos avermelhados, injetados pela fúria e pelo endurecimento no mal, inspirava pavor. A voz soturna e forte fazia estremecer o interior dos espíritos a ele subordinados. As mãos fortes e grandes seguravam um cetro do qual partiam uma espécie de ondas de choque capazes de colocar por terra quem por elas fosse atingido.

Dominando a plateia de espíritos presentes, ele continuou:

— Estamos aqui para realizar alguns julgamentos de recém-chegados da Terra e distribuir a justiça dos fortes. Aqui não vacilamos! Quem deve, paga! Não permito nenhuma tentativa de fuga às sentenças por mim emitidas. Sou aquele que acerto as contas com o devedor em nome do injuriado.

Enquanto falava, percorria com o olhar todos os componentes daquela apavorante reunião, como a sondar em cada um a concordância e a subjugação às suas palavras. Após constatar que não havia nenhuma manifestação em contrário, continuou:

— Que entrem os acusados!

Apareceu um homem puxado pelo braço a esbravejar palavrões, dando socos no ar, seguro por mãos firmes que o mantinham preso e submetido na presença do líder, que perguntou, enquanto os demais presentes, antes calados, agora agitavam-se diante da perspectiva de mais uma punição: Qual é a acusação contra o réu?

— Senhor! — respondeu o subordinado que segurava a vítima. = Essa víbora na crosta terrestre, investido em posição política de importância, que deveria servir ao povo que o elegeu, entregou-se à corrupção, ao roubo dos cofres públicos, desonrando suas responsabilidades e frustrando os sonhos de dias melhores nele depositados.

— Ladrão miserável! — rugiu o chefe, sacudindo nas mais íntimas fibras aquele espírito em julgamento. Roubou o povo que nele confiava! Vai conhecer a justiça dos fortes que não é tardia! Se os homens foram fracos para puni-lo ou se lá o seu poder ou o do dinheiro conseguiram comprar a sua inocência, aqui vai receber o que merece, infeliz! Levem-no para o grupo dos justiceiros! Quando tiver fome, que o dinheiro lhe seja oferecido num prato de ouro! Quando clamar por água corroído pela sede atroz, sirvam-lhe ouro derretido em taças de prata! É assim que a justiça é feita pelos fortes como nós. Quando esse corrupto tentar dormir, chicoteiem-no e façam-no contar dinheiro sem cessar. Que ele não conheça o sossego por nem um minuto que seja. Levem-no!

E acompanhado pela sanha e pelos gritos de todos os presentes, aquele espírito desesperado, devedor perante a própria consciência, gritando por socorro, foi arrastado para ambiente mais escuro e sufocante onde torturadores ansiosos o aguardavam.

— Que entre outro acusado! — ecoou aquela voz forte e aterradora.

Dessa vez, uma mulher de vestes rasgadas, cabelos em desalinho, olhar alucinado, estertorando como fera violenta, entrou arrastada por entre a plateia que vibrava de prazer. O juiz contemplou-a com olhar sarcástico e perguntou:

— O que fez esta criminosa? — interrogou o líder para o comandado que segurava a vítima a se debater na tentativa inútil de libertar-se, parecendo mais uma boneca de farrapos segura por garras poderosas.

— Essa mulher, meu senhor, viveu pelos prazeres do sexo destruindo lares, fazendo com que casais se separassem, que filhos sofressem pela separação dos pais, enquanto ela se satisfazia com as faculdades genésicas em desequilíbrio. O pior de tudo foi o crime do aborto cometido para se livrar da maternidade da qual fugiu para dar continuidade aos seus desregramentos morais.

O estranho é que o espírito acusador, portava-se num misto de promotoria e inocência, como se ele mesmo fosse o mais correto dos seres, nada devendo às leis da vida. Era, entre aquela turba, um espírito acostumado a sofismar, transformando mentiras em aparentes verdades que buscavam construir uma imagem de um julgamento e sentenças justas para o réu.

— Maldita! — bradou o chefe ficando em pé. — Criminosa! Adúltera! Destruidora de lares! Aqui você vai conhecer a justiça que o mundo dos fracos não lhe soube dar. Agora, sob o meu comando, você conhecerá a pena correta para os seus erros.

Da mesma forma que o seu subordinado, a figura do "juiz" vendia a imagem de um ser perfeito com todos os méritos para realizar aquele julgamento e proferir as sentenças impregnadas de ódio.

Enquanto falava, a carga altamente desequilibrante do ódio dele emanado atingia aquele espírito endividado diante da própria consciência, como se fossem ondas de choque que percorriam todo o corpo impondo intenso sofrimento. A população de espíritos ali presentes também despejava na pobre mulher cargas de energias negativas que a enfraqueciam e enlouqueciam ao mesmo tempo. Este procedimento desestabilizava o perispírito, predispondo-o aos fenômenos de aparência animal

utilizados pelos dominadores das trevas e, até mesmo, se o mecanismo fosse intensificado, utilizando da influência mental cada vez mais intensa, levando aquele espírito à forma ovoide.

— Será encaminhada ao grupo de sevícias! — continuou o implacável juiz. — Essa mulher pecadora, que destruiu através do sexo, será punida pelo sexo! Entreguem-na aos servidores especializados nessa técnica. Será levada ininterruptamente a viver os prazeres do sexo sem contudo alcançar esse objetivo jamais! Buscará desesperada pelo prazer que a corrompeu no mundo sem nunca alcançá-lo como o desesperado de sede toma água sem saciar-se. Quando estiver bem extenuada em suas forças, eu darei a ela o seu verdadeiro formato, a sua verdadeira aparência, o seu verdadeiro corpo. Porque essa mulher é uma víbora, e eu, o juiz de todos aqueles que são trazidos para receberem a justiça que os homens não foram capazes de dar, a transformarei na presença de todos em uma víbora! Assim ela terá a aparência que merece.

Dizendo isso, sob o apuro e aprovação dos espíritos comandados por ele, o líder gargalhava estrondosamente. Os presentes a esse inqualificável julgamento, onde o ódio era o único código existente, exultavam de satisfação com o sofrimento de mais aquela vítima. Sentiam prazer indescritível nesse fato, característica da faixa evolutiva em que se encontravam. Na impossibilidade de elevarem-se, alegravam-se com todos os que viessem a ficar na mesma situação. Referia-se a figura temida do "juiz", ao fenômeno que no plano espiritual pode acometer os espíritos de consciência endividada que, sob a ação hipnótica de uma mente mais forte e voltada para o mal, impõe uma deformidade no corpo espiritual, que adquire a aparência animalesca que lhe é sugerida.

Subitamente, o espírito dominador voltou a falar exigindo silêncio:

— Calem-se! Tragam o outro criminoso.

Adentrou o local envolvido por correntes e carregado por espíritos que se postavam um de cada lado da vítima, um moço com olhos reveladores de total alienação mental. Parecia um doente de hospital psiquiátrico impregnado de drogas poderosas.

— Que fez esse maldito? — indagou o juiz.

— Meu senhor. Esse desgraçado teve o atrevimento de matar os seus pais para ficar com a herança. A justiça dos homens, através de hábil advogado, conseguiu para ele pena branda. Dessa forma, passou o restante da longa vida na Terra usufruindo o dinheiro herdado através do assassinato dos próprios pais.

— Criminoso desgraçado! — rugiu o espírito que se investia de justiceiro daquela região. — Como pode tirar a vida daqueles que lhe permitiram nascer?! Aqui você conhecerá o que é a justiça! Aqui ninguém engana! Aqui não há advogado ou juiz corruptos! Receberá a pena pelo terrível crime cometido.

— Como ele matou os pais? — voltou a interrogar ao subordinado que apresentava o acusado.

— Ele sufocou-os até a morte, meu senhor.

— Então, ele será esganado sem cessar por mãos justiceiras, sem entretanto conhecer o alívio da morte. Sufoquem-no sem tréguas até que implore para morrer. Ao mesmo tempo, mantenham em sua tela mental, por técnicas de nosso domínio, o momento em que ele vitimou os próprios pais na Terra. Quando estiver esgotado, deixem-no recuperar um pouco e iniciem tudo de novo. Pai e mãe são os mais sagrados nomes que um ser não deve nunca desrespeitar, quanto mais assassinar! Quem assim procede não merece nenhuma consideração. Aliás, só poderá sentir-se aliviado através dos sofrimentos utilizados para aniquilar a vida dos progenitores.

O espírito denominado de "juiz", trabalhava as ideias e palavras de maneira hábil para criar a falsa impressão que desejava apenas justiça, quando na verdade a real intenção era impor a escravidão, a subordinação às suas ordens através do sofrimento.

Novas gargalhadas estrondosas enchiam de medo o local onde aquele grupo de espíritos voltados para o mal se encontrava. Apupos dos subordinados em delírio perante o sofrimento imposto aos condenados misturavam-se aos gritos de pavor dos mesmos. Assim como na Terra procuramos os

defeitos alheios para justificar os nossos, naquele local no mundo dos espíritos o sofrimento dos prisioneiros era motivo para a alegria e alívio, caso isso fosse possível, para as próprias dores daqueles que ali viviam, sem as devidas forças para libertarem-se daquele jugo.

Muitos perguntarão onde ficam a Bondade e a Misericórdia de Deus. Elas sempre estão presentes em todo o Universo, com o detalhe que estão acompanhadas pela Justiça perfeita. Estão presentes tanto quando sofremos o mal como quando, de posse do livre-arbítrio, nos tomamos instrumentos do mal. Os espíritos que ali estagiam foram ter a esse local através das consequências do exercício do livre-arbítrio, e só a real intenção de deixar aquele lugar, através da mudança de planos íntimos, permitiria a ação das equipes espirituais de socorro. O arrependimento sincero é a chave capaz de abrir a porta de novas oportunidades de serviço onde reparamos os males livremente semeados, reestruturando a própria consciência que se candidata, dessa forma, à conquista da paz novamente.

O sofrimento, a dor, trabalham em nome de Deus todo espírito que se nega a atender o chamado do amor. O ensinamento do Cristo "Reconciliai- vos o mais depressa possível com o vosso adversário..." é a voz do amor que nos sugere perdoar o nosso agressor, quebrando a cadeia do ódio. Quantas vezes temos atendido a esse chamado diante da ofensa recebida? As religiões que ensinam o perdão gratuito da Providência Divina retardam a evolução moral do indivíduo. Se é fácil ser perdoado, para que esforçar-se durante toda uma existência se no final dela é só dizer-se arrependido e obter a complacência de Deus? Ainda mais se a pessoa acreditar que vivemos uma única vez aqui no mundo físico!

Tal atitude seria a negação da justiça perfeita e do próprio Deus! Somente as interpretações humanas das Leis Divinas poderiam chegar a conclusão tão absurda. E mais um exemplo de legislar em causa própria quando o ser humano interpreta de maneira cômoda a justiça infalível do Pai que jamais seria aplicada dessa maneira pelo Criador.

O juiz da Terra considera todas as atenuantes e agravantes a favor ou contra o réu, mas não pode deixar de aplicar a lei que pune o crime cometido.

Assim procede a Justiça absoluta. Permite a colheita das consequências de nossas livres semeaduras para, na primeira oportunidade em que dermos condições, recolher-nos com misericórdia, oferecendo-nos novas oportunidades de reabilitação da consciência culpada a exigir a reparação devida, único caminho na reconquista da paz e da felicidade perdidas. O cinzel do sofrimento vai trabalhando a pedra bruta de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossas condutas diante de nosso semelhante, para um dia transformar-nos no brilhante que atingiu a perfeição final possível de ser alcançada, livrando-se da canga das imperfeições que colecionamos ao longo do tempo na caminhada evolutiva. E dessa forma que se manifesta o perdão de Deus, através de oportunidades renovadas de repararmos aquilo de errado que fizemos na longa e difícil jornada em busca da perfeição.

Quanto mais tivermos presente o " Reconciliai- vos o mais depressa possível com o vosso adversário..",,, tanto mais rapidamente conseguiremos romper as amarras com a dor, com o sofrimento.

O CHARCO

Um dos grandes obstáculos à nossa evolução é a ideia errônea de que somos seres humanos que por acaso contêm uma alma, quando, na verdade, somos espíritos imortais que, temporariamente, estamos revestidos por um corpo material que se desgasta e caminha para a morte.

A ausência desse entendimento faz com que haja um investimento maciço no ser material quando estamos reencarnados. Nos acostumamos com o ser físico que contemplamos todos os dias diante do espelho e acabamos por incorporar a nociva noção de que somos aquilo que o reflexo do espelho nos

mostra. Em consequência disso, todas as vezes que o corpo material ou o indivíduo material é ameaçado, entramos em pânico. Talvez pior do que isso é envidarmos todos os nossos esforços para realizarmos as vontades desse ser mortal, muitas vezes caindo na desonestidade para conseguir uma felicidade efêmera, calcada sobre alicerces inconsistentes e, por isso mesmo, fugazes. Colocamos dinheiro na poupança, lutamos para ter nossa casa própria, nos esforçamos para deixar alguma coisa para os filhos e, com essas atitudes, vamos consumindo a cota de tempo que nos foi reservada para a atual existência.

Pensar, falar sobre a morte, o fato mais certo da vida?! Em hipótese nenhuma! Existem até pessoas que se benzem ao pronunciar essa palavra, como se, não falando, adiássemos indefinidamente o dia de nossa partida. De repente, como o tempo passa célere, somos chamados a retornar ao plano espiritual para a devida prestação de contas do que fizemos com a oportunidade da reencarnação. Partimos para o plano dos espíritos como a pessoa que tivesse que realizar uma viagem repentina e inadiável por motivos imperiosos e não tem o tempo necessário para arrumar as malas, reservar hotel, estudar o melhor caminho etc.

Preparados ou não, aceitando ou não, felizes ou infelizes, nos deparamos fora do corpo material que foi nossa moradia transitória e que, apesar dos avisos, julgávamos imortal. A Doutrina Espírita nos proporciona um outro ensinamento grandioso e valiosíssimo nesse sentido. Morrer é fácil, porque é um fenômeno biológico. Cessadas as funções vitais do corpo, ele morre. Desencarnar é outra conversa muito diferente, porque desencarnar é um problema do ser espiritual. Desencarnar é mais um fenômeno mental de libertação das amarras que nos prendem aos valores materiais da existência que se encerra, e aí a coisa se complica. Ninguém se prepara para a desencarnação em apenas alguns meses, muito menos em algumas horas. Essa preparação demanda toda uma existência onde o equilíbrio que atribuímos aos valores da vida precisa ser bem dosado. A desvinculação de nós mesmos como espíritos imortais do veículo físico precisa ser trabalhada em todas as nossas decisões, em nossas opções diante do erro e do acerto. Se a única certeza da vida é a morte, como se diz comumente, embora não se viva essa realidade, não temos desculpas para dar quando o momento é chegado. A vida nos alerta todos os dias sobre essa verdade através da morte de nossos semelhantes pelos mais diversos motivos. Num mecanismo de fuga provocado pelo pavor desse momento, fingimos acreditar que para nós essa hora está muito distante. O grande problema desse raciocínio é não nos prepararmos convenientemente para a partida que não se faz adiar pelo despreparo de ninguém. Somos transportados para a outra dimensão da vida exatamente da forma como estávamos no mundo. Os defeitos não eliminados não sofrem nenhuma ação do túmulo no sentido de extingui-los. Tomamos consciência de nós mesmos nessa nova realidade da vida, exatamente com as mesmas qualidades e desequilíbrios que não cuidamos de eliminar no trânsito pela Terra. Como a cada um será dado segundo as próprias obras, aqueles que não encontram o lugar de refrigério, de luz e paz que pensavam obter gratuitamente, mergulham no desespero, na revolta contra a Providência Divina, fugindo da realidade de que os únicos responsáveis pela nossa felicidade ou tristeza somos nós mesmos.

Clara, espírito endividado perante a Lei da Vida, encontrava-se no "charco", denominação que os espíritos das trevas utilizavam para designar o local onde os espíritos em desequilíbrio se debatiam diante da própria consciência.

Vamos ouvir os pensamentos dessa entidade sofredora:

— Ai! Que dor de cabeça, meu Deus! Onde estou, o que aconteceu, afinal?! Tudo foi tão de repente, tão violento! O barulho! Lembro-me do barulho e, subitamente, fulminantemente, me vi expulsa de mim mesma! Que estaria acontecendo?! O barulho! O estrondo e eu fora do corpo. Como isso é possível?! Meus filhos! Onde estarão? Que lugar estranho é esse? Ah! Se o meu marido tiver alguma coisa que ver com tudo isso, ele me paga! Com tantos rapazes bons para casar, fui logo escolher esse desalmado. Como dói a minha cabeça! O barulho! O estrondo seco, súbito! A sensação

de cair num precipício sem fim. O corpo sobre a cama debatendo-se. Eu contemplando tudo isso. Onde estou, meu Deus?!

Clara sofrera morte violenta, ocasião em que o espírito é expulso do corpo de maneira repentina e não consegue ordenar as ideias que vão surgindo num fluxo incontrolável, exatamente porque não morre como a aparência do corpo faz supor. Parecia alguém que houvesse caído num rio caudaloso e esforça-se, desesperadamente, para salvar-se, ora afundando nas águas escuras, ora emergindo.

Nossa mente é uma poderosa antena emitindo e recebendo as ondas de outras mentes do Universo. Podemos dizer que é impossível pensarmos sozinhos. Dessa maneira, os pensamentos oriundos na recém-desencarnada foram captados pelos chamados "caçadores" daquela região do plano espiritual. Espíritos submetidos à escravidão de uma mente mais forte e que serviam ao seu senhor, levando até ele espíritos que também pudessem ser escravizados pelo fato de existir neles complexo de culpa ou os desequilíbrios oriundos de suas ações aqui na Terra. Esse local nas regiões umbralinas espessas, era dominado pelo juiz implacável que conhecemos no capítulo anterior.

O servidor chegou até seu chefe, informando:

— Meu senhor. Localizamos uma figura de mulher no "charco". Pelas vibrações captadas de sua mente, ela tem condições de vir a ser mais uma "servidora", senhor.

— Ótimo, soldado! Vá buscá-la o mais rápido possível, antes que os atrevidos "homens da luz" a encontrem. Nossos corações e nosso "lar" estão sempre abertos para esses "irmãozinhos" necessitados de socorro.

Dizendo isso com ironia, desatou em gargalhadas histéricas esfregando as mãos e destilando ódio no olhar.

"Homens da luz". Era assim que o espírito dominador chamava as equipes espirituais de socorro que percorriam as regiões de sofrimento, resgatando os espíritos em condições de serem encaminhados para tratamento.

Clara ainda não oferecia essas condições, apesar de já ter sido percebida pelos espíritos socorristas. Por isso ficara à mercê das trevas, que a capturaram. A Providência Divina não violenta o livre-arbítrio de ninguém nem na condição de encarnado, o mesmo ocorrendo com os desencarnados. Era necessário o espírito em desequilíbrio de Clara oferecer as condições de ser amparada e dirigida para o devido tratamento nos hospitais da espiritualidade. Continuava em exercício o direito de livre escolha. Na medida em que isso acontecesse, seria retirada da situação de intenso sofrimento.

Passado algum tempo, os "caçadores", como eram chamados os espíritos encarregados de capturar as almas infelizes no umbral, adentraram o local, trazendo a mulher em extrema confusão. Do alto do seu trono, o juiz dirigiu-se a ela, adocicando as palavras no intuito de ganhar a confiança da sua mais recente vítima e assim transformá-la em outra servidora de seus caprichos e ódio ferozes.

— Seja bem-vinda, minha filha. Creio que busca por explicações e justiça que aqui lhe serão oferecidas. Vejo um desejo intenso de que o culpado por seus tormentos seja punido, o que é muito justo.

Alimentada por essas palavras que iam ao encontro de seus desejos interiores e desequilibrada pela desencarnação súbita, Clara foi vítima fácil de ser conquistada. O hábil espírito voltado ao mal oferecia uma falsa solidariedade e amparo para que a vítima se entregasse cada vez mais à sua autoridade, sem oferecer resistência, e ainda ficasse agradecida.

— É isso mesmo, senhor juiz. Procuo saber o que me aconteceu. Foi tudo tão de repente! O barulho seco. Meu corpo se debatendo! Eu fora dele! O que é isso tudo, meu Deus!

Ao ouvir a palavra "Deus", o espírito investido na posição de juiz, deu um salto, esmurrando a cadeira em que se sentava:

— Não pronuncie esse nome aqui! Esse é o lugar dos fortes e não dos fracos! Aqui é o lugar onde

a justiça não espera, onde o culpado não fica impune! Esse Deus do qual tantos falam, é deus dos fracos, dos covardes, dos que choram, dos vencidos! No meu domínio não existe lugar para derrota ou derrotados!

Não querendo, contudo, perder a confiança de Clara, abrandou fingidamente o tom de voz e continuou:

— Voltemos a falar de você e de quem a prejudicou para que possamos fazer justiça. Alguma coisa a incomoda, minha filha, e eu vou ajudá-la a recordar de tudo auxiliando sua memória, para que, juntos, façamos justiça.

O espírito, conhecedor das técnicas de ativação de determinadas áreas cerebrais relacionadas com a memória, envolvia Clara, preparando-a para arrancar-lhe pistas que permitissem descobrir tudo o que pudesse ser útil para submeter a jovem mulher e os que pudessem estar de alguma forma implicados com o seu sofrimento, mesmo que estivessem encarnados, quando, então, seriam também alvo de suas conquistas escravizando-os ainda no corpo físico para dominá-los em seu retomo ao mundo dos espíritos.

Agindo assim, ele capturara um espírito desencarnado recentemente e em estado de confusão e, se fosse o caso, estabeleceria um ataque ao espírito encarnado que tivesse ligação com os fatos envolvendo aquela situação.

A HISTÓRIA DE CLARA

Aproximando-se de Clara, o espírito temido sob a denominação de "juiz" tocava em determinadas áreas do cérebro da jovem senhora para evocar lembranças recentes e, ao mesmo tempo, como a fazer uma indução hipnótica, convidava a vítima a recordar os acontecimentos recentes que antecederam o seu desencarne. Assim como na Terra existem inteligências voltadas para o mal, o mesmo ocorre no mundo dos espíritos. Os espíritos inferiores também possuem conhecimento, característica dos seres mais evoluídos: a diferença é que empregam esse saber para as coisas negativas da existência. A figura apavorante do "juiz" dava um exemplo dessa realidade.

— Fique tranquila, minha filha — dizia com falsa generosidade. — Confie em mim e eu farei a justiça a que você tem direito. O culpado será punido. Para isso, vou ajudá-la a recordar o que aconteceu e, dessa maneira, identificar o culpado.

A insistência daquele espírito dominador em criar a ideia de algum culpado era para fortalecer o ódio na moça, fazendo com que esse sentimento fornecesse as energias negativas necessárias para prosseguir na caça a outras vítimas. O ódio funcionava como combustível a desequilibrar mais ainda o espírito de Clara, colocando-a sob o domínio crescente do subjugador.

—Pense, Clara, pense! Vamos voltar um pouco no tempo, mais exatamente no dia que aconteceram os fatos. Vamos descobrir a origem do "barulho" que a incomoda tanto! Vamos descobrir os culpados e puni-los! Volte no tempo! Pense em seus filhos! Em seu lar! Em seu marido!

A essas sugestões da mente dominante, a moça começou a projetar imagens que se apresentavam como um filme que estivesse sendo exibido para uma plateia ávida em descobrir os acontecimentos, abrindo sua última existência no planeta como se estivesse folheando um livro escrito por ela mesma.

Clara recordou-se de um determinado dia com os filhos, das compras para o lar, da discussão com o marido que era reprise de muitas outras de um relacionamento deteriorado com envolvimento com o adultério, a bebida e a indiferença para com a prole. Os sonhos desfeitos de noivado e dos primeiros anos de casamento.

Enquanto isso ia sendo arrancado da memória espiritual da jovem mulher, o espírito denominado "juiz" sugeria o aprofundamento daquela espécie de transe hipnótico, na busca sedenta de mais informações que lhe proporcionassem novos planos de conquista das almas.

—Isso, Clara! Você está indo muito bem! Em breve, muito breve descobriremos o culpado pelos seus sofrimentos e iremos puni-los. Eu prometo!

A moça ia detalhando todos os acontecimentos que podiam ser alcançados, até que se fixou naquela noite que era a última de sua lucidez na Terra. Discutiu pesadamente com o marido mais uma vez e fora dormir no quarto de hóspedes, ingerindo um tranquilizante para conciliar o sono. Adormecera e, abruptamente, aquele ruído no quarto, o solavanco no corpo, a sensação de uma queda em um local profundo, a visão do corpo percorrido por estranhos estertores.

Nesse ponto, Clara, Espírito, respirava com dificuldade e abundante suor percorria-lhe todo o corpo. Não podemos esquecer que quanto mais atrasado está o ser espiritual, mais as suas sensações se aproximam daquelas vividas no corpo material. Como a jovem Clara encontrava-se em regiões umbralinas próximas da crosta, as sensações experimentadas em seu corpo espiritual eram bastante semelhantes àquelas da existência material recentemente deixada. Mãos crispadas em desespero cobrindo a face, não conteve um grito de horror:

— Aquele barulho! Sim! Aquele som, não poderia ser outra coisa! Fora um tiro! Um tiro! Será que havia cometido o suicídio?! Não, não era possível! Pelos filhos, jamais! Por mais que não suportasse a presença do marido, ela não faria isso! Ele não merecia tamanho sacrifício! Mas então, o que acontecera?! Era um tiro dentro do seu quarto! Algum ladrão que a tivesse despertado? Não! Não era possível! Estaria enlouquecendo?! Estaria vivendo um sonho mau, um pesadelo desses de que se desperta aliviado?! Estaria agora internada num hospício?!

O juiz interveio para ganhar ainda mais a confiança dela:

:—Calma, minha filha! Está entre amigos! Você não cometeu o suicídio, mas alguém tirou-lhe a vida, e para fazer justiça descobriremos o homicida. Eu prometo. Acalme-se e sinta-se em casa de amigos.

Olhando para um dos seus submissos, ordenou:

— Leve nossa hóspede para repousar.

— Mas, juiz! — perguntou Clara, confusa. — Como descobrir o que realmente aconteceu?! Não tinha inimigos que pudessem odiar-me a esse ponto! Por que tiraram minha vida e com ela a convivência com os meus filhos?!

—Descobrirei tudo. Gente má é o que não falta, minha filha! Mas nos meus domínios os maus recebem o que merecem! Tenho métodos e serviços preparados na crosta terrestre. A uma ordem minha, um grupo especializado nos trará a resposta! Só não perca esse seu desejo por justiça. Sem ele ficaremos sem rumo. Vá descansar, minha filha!

Na verdade o espírito manipulador de mentes desequilibradas queria reforçar o ódio, o sentimento de vingança em Clara. Ela se comprometeria ainda mais e seria uma vítima fácil de ser escravizada. O coração dela movido pela revolta, pelo crescimento do ódio, pelo desejo de vingar-se do responsável, não tinha espaço para a advertência: "Reconciliai- vos o mais depressa possível com o vosso inimigo..."

Assim que a jovem foi conduzida para o local de repouso, o juiz chamou um auxiliar mais direto e ordenou:

— Quando a moça adormecer, atuem na região cerebral para que ela tenha um sono intranquilo relembrando as cenas que a vitimaram! Dessa forma, desequilibrando-se pelo cansaço e aumentando o seu sentimento de vingança, será nossa presa para sempre. Quero também que reúna os companheiros preparados para o serviço de sondagem junto ao marido dela na crosta, detalhando os seus defeitos, seus pontos fracos, seus momentos de explosão, o que o irrita mais, enfim, todos os detalhes que possam ser usados em nosso favor para o ataque no momento mais propício. Acompanhem-no a todos os lugares: dentro do próprio lar, na rua, no serviço, nos locais de divertimento e até quando desprender-se pelo sono físico quero saber por onde e com quem anda no velho mundo. Vamos estudar o futuro colaborador em todos os seus mínimos detalhes antes de

agirmos, planejando tudo como um cuidadoso general estuda o inimigo. Através da intuição, sugeriram-lhe a lembrança da ex-esposa para conseguirmos pormenores tanto dele como dela. Conseguiremos saber o mistério do tiro no quarto e, se tivermos sorte, esse marido impiedoso estará envolvido com os acontecimentos transformando-se também em nossa vítima. Nosso grupo está crescendo, comandados! A fragilidade do ser humano é grande! O orgulho, o egoísmo, a vaidade, o sexo, as drogas, a infidelidade conjugal, a desonestidade, a impunidade constituem nossos grandes aliados! Iremos ser mais numerosos e dominaremos regiões cada vez maiores. Construiremos exércitos como os antigos conquistadores da Terra e marcharemos contra as almas fracas encarnadas ou desencarnadas para podermos impor a verdadeira justiça entre os homens fracos e impotentes diante dos acontecimentos que clamam pela lei dos fortes!

Dadas todas essas orientações, aquele espírito alimentado pelo ódio nele existente, somado aos desequilíbrios dos outros espíritos que ele ia dominando, pôs-se a rir descontroladamente e a gritar como um louco:

—Quero mais soldados! Mais guerreiros fieis! Quero destruir os fracos para que os fortes imperem em qualquer lugar! Vou derrotar os "homens da luz" e essa covardia chamada de "amor"!

Agitava freneticamente o cetro nas mãos como se fosse uma espada, de olhos mais avermelhados ainda, dentes cerrados, cenho carregado, como que uivava igual a lobo faminto no silêncio e escuridão da noite.

A INVESTIGAÇÃO DAS TREVAS

Recebida a ordem, uma equipe de espíritos infelizes foi constituída para devassar a intimidade do ex-esposo de Clara e de quem mais pudesse interessar naquele drama colocado à disposição de espíritos desejosos da vitória do mal e do sofrimento.

Não encontrando barreiras vibratórias constituídas pelo exercício do bem, os espíritos se instalaram como hóspedes inoportunos naquele lar violentado nos princípios cristãos e pela existência da culpa. Como nos ensinam os Espíritos Superiores, só a luz afugenta as trevas e só o amor derrota o ódio. Na proteção de nossos lares não podemos descuidar dessa realidade se quisermos envolvê-los nas bênçãos da paz e do equilíbrio.

Enquanto alguns permaneciam no ambiente físico e psicológico daquele senhor, outros acompanhavam-no durante o dia no trabalho, pelas ruas, locais de divertimento, anotando numa espécie de diário todos os dados, frutos da conduta comprometedora da moral do vigiado.

Evidentemente que as pessoas moradoras naquela residência percebiam um aumento de tensão não comum durante todo esse período de observação das trevas, mas nem de longe podiam supor a real causa daquela mudança. Muita gente crê, por comodidade ou ignorância, que basta não crer na interferência dos espíritos para que ela não ocorra. É exatamente dessa atitude que eles mais se aproveitam, porque, ao não serem acreditados, mais liberdade para interferir possuem. As pessoas estavam mais irritadas, as discussões mais frequentes, o sono mais intranquilo devido às vibrações negativas que a presença daqueles espíritos inferiores irradiavam sobre o ambiente e as pessoas.

A intimidade do ex-marido de Clara era devassada e anotada inclusive nas horas perturbadas do sono físico, analisando em que companhias aquele senhor andava no plano espiritual. Tudo era útil para arquitetar futuros planos desequilibrantes daquele lar. Sim! Porque,¹ quando o corpo dorme, o espírito parte em busca daquelas companhias que alimentam seus sonhos no dia-a-dia. Quem vive mal o dia usando do seu livre-arbítrio, terá, por consequência, uma má noite quando desvinculado do corpo pelo sono biológico. Nem poderia ser diferente. Ou será que ao dormir nos transformamos em anjos? Ou será que é no corpo de carne que residem nossas imperfeições?

A equipe enviada pelo "juiz" ali permaneceu até o levantamento completo da situação e retomou

para o relatório ao temido chefe.

A figura do espírito auto-vestido na posição de justiceiro estava profundamente ansiosa pelas novidades e foi com satisfação que viu o responsável pelo grupo de investigação aproximar-se da sua espécie de trono.

Fazendo um ato de reverência, o subordinado falou:

— Senhor! Estamos de volta e com a missão cumprida. Exploramos o ambiente mental de todos os componentes daquele lar. Nada ficou oculto. Temos ótimas notícias!

— Fale logo, imbecil. Não vê que estou ansioso pelas novidades?! — rugiu como fera o superior.

— Está bem, senhor! Encontramos o ex-marido de Clara casado novamente com uma jovem e bela mulher! — Iniciou a narrativa com ar de malícia o espírito subordinado.

— Que grande notícia! Somente isso alimentará o desejo de vingança de Clara, porque ela se sentirá traída! As mulheres conservam, mesmo deste lado da vida, esse ponto precioso de amor-próprio ferido quando os ex-maridos arrumam outra companheira na crosta terrestre! Ótimo! Que bela notícia! Mas, prossiga...

— A atual esposa alimenta o desejo de ter filhos, o que não vai muito ao encontro das ideias do marido que, além de mais velho, já possui outros filhos com a prisioneira Clara.

— Cale-se, infeliz! A nossa "hóspede" Clara não é nossa prisioneira. Pelo menos por enquanto... — e desatou a rir saboreando por antecipação a captura da infeliz mulher sob o seu jugo cada vez maior. — Clara é nossa convidada no ato de fazer justiça que ela merece — arrematou com sorriso irônico. — Vamos, prossiga. Preciso de notícias melhores!

— Creio que a sua alegria vai aumentar, meu senhor! Quando provocamos, agindo nas regiões do cérebro do ex-marido dela, a lembrança da esposa falecida, até nós ficamos espantados com o que descobrimos.

v— Anda logo, se não o fulmino com meus raios, maldito! Quero saber de tão grande novidade que consegui espantá-los! São uns fracos sem a minha presença!

O subjugado afastou-se numa atitude de defesa e temor, levando as mãos ao rosto dizendo:

— Perdão, senhor. Já vou continuar e o senhor vai ficar muito satisfeito! O barulho que a nossa hóspede ouviu naquela noite fatídica para ela foi realmente de um tiro disparado não por um ladrão, mas pelo próprio marido!

Levantou-se exultante no trono a figura do juiz.

Nada poderia ser melhor do que aquilo que ouvia! Então, o marido fora o assassino?! Só esse fato servia para envolvê-lo com o mal a tal ponto de tomar-se a próxima vítima!

— Então foi ele! Nada melhor do que isso! Como colaborou para facilitar nossa ação sobre ele! Está aí um candidato pedindo pela nossa justiça!

A justiça dos fortes! E ele a sentirá em toda a sua plenitude! Entretanto, como conseguiu escapar da corrupta e falível justiça dos homens?!

— Prosseguindo no levantamento da memória desse homem, senhor, pudemos descobrir que ele planejou o ato com muito cuidado. Deitado em seu próprio leito, estudou qual a posição, qual o melhor ângulo em que o tiro deveria ser disparado para que a hipótese de suicídio fosse considerada pelas investigações policiais. Estudou com requinte a proximidade da arma da cabeça da vítima, tudo para não deixar nenhuma pista.

Na noite em que executou a esposa que dormia sob a ação de sedativos, ele próprio estava sob o efeito do álcool, que lhe deu a devida dose de coragem para executar o plano macabro, sem tirar-lhe a noção dos detalhes planejados.

Entrou no quarto dela com luvas para que a mão não fosse tatuada pela pólvora com a explosão da bala. Teve sua ação facilitada pela medicação tomada pela ex-mulher para conciliar o sono. Colocou a arma na mão dela e, segurando firme o revólver encostado na cabeça da vítima, disparou, matando-a! Rapidamente, retornou ao próprio quarto, desalinhou os cabelos para dar a impressão que estava

dormindo, abriu a porta do quarto dirigindo-se correndo para o local do tiro como se nunca ali estivesse estado naquela noite. Seu planejamento foi tão detalhado, que teve até mesmo o cuidado de antes passar pelo quarto dos filhos, acordando o mais velho para que fossem juntos procurar pela mãe e saber da causa daquele barulho no quarto dela! Dessa forma, chegaram juntos ao local da cena do assassinato.

Todos esses cuidados, aliados ao trabalho de um excelente advogado criminalista que o defendeu em troca de polpuda soma financeira, fizeram com que passasse ileso pela justiça dos homens.

A figura do "juiz" levantou-se eufórica, derramando ódio por todos os lados. O interessante é que os espíritos que se comprazem no mal não conseguem se sentir felizes. Envenenados pelo mal que nasce no interior deles, são a sua primeira vítima.

Aquele espírito regozijava-se por vislumbrar um campo aberto para sua ação em virtude de suas vítimas estarem comprometidas com o erro, com o desequilíbrio.

Esfregando freneticamente as mãos, de olhos injetados, grunhiu:

— Não poderiam ser melhores as notícias. A situação nos é propícia. Se o homem soubesse a que perigos os desequilíbrios o expõem e como facilitam o nosso trabalho, fugiria do erro em todas as ocasiões, o que seria péssimo para a nossa ação. Por isso, devemos combater constantemente contra quem quer que seja que resolva esclarecer os homens sobre a nossa existência! A descrença em nossa existência e em nossas possibilidades de interferir com os encarnados é a nossa maior arma! O ex-marido de Clara possui uma coisa que se chama culpa, e através dela conseguiremos a sintonia necessária para aprisioná-lo nas garras de nossa justiça, que não tarda e não falha! Poderemos atuar em vários campos para roubar-lhe a paz, caso ele ainda possua alguma. É interessante também o fato de a jovem com ele consorciada atualmente desejar filhos e ele não. Está aí um prato cheio que podemos explorar. A culpa por ter assassinado a ex-mulher é a nossa porta de entrada para levarmos a justiça para dentro do seu lar. Vamos arquitetar nosso plano de ataque para punir o culpado.

— Entretanto, senhor, existe um fato que o deixará muito mais satisfeito!

— Então fala logo, animal! Parece que hoje é o meu dia de sorte!

— Através das lembranças provocadas na memória espiritual do ex-marido de Clara, descobrimos que ela, para se vingar do marido que a traía, envolveu-se com aventuras amorosas que acabaram por levá-la a uma gravidez extremamente inoportuna.

— Mas que magnífico! Saiu melhor do que eu pensava! Nem que fosse de encomenda! Para ser o coroamento total dessas belas notícias, só faltava me dizer que Clara, no auge do desespero, cometeu o crime do aborto para se livrar da criança em seu ventre.

— Realmente, senhor. A nossa hóspede fez exatamente o que acabou de dizer. Desesperada com a situação que a desabonava perante a sociedade, os parentes, os filhos, optou pela solução do aborto!

— Não poderia ser melhor! Já somos os vencedores! Que colheita farta! Por isso que ela veio para o "charco", de onde nós a recolhemos! Como o homem consegue destruir a si mesmo! Já imaginaram o que poderão fazer com uma ajudazinha nossa?!

Gargalhava escandalosamente e andava de uma forma nervosa de um lado para o outro.

Voltou ao comando dizendo:

— **Tragam até a minha presença a nossa hóspede. Ela precisa saber de todos esses detalhes para que consiga odiar ainda mais! O ódio dela será a nossa munição!**

Clara deu entrada no local onde se encontrava a figura do "juiz" trazendo a aparência que refletia o seu estado interior. Despertada dos pesadelos infligidos pela indução hipnótica dos servidores do espírito dominador, apresentava-se extremamente cansada, cabelos em desalinho, olhos encovados, abundante suor pegajoso e mal cheiroso, vestes semidestruídas. Mentalmente o desequilíbrio era mais evidente ainda, mal localizando onde se encontrava e por que ali estava.

Ouviu a voz soturna do "juiz" saudá-la:

— Olá, minha filha! Vejo que está com a aparência dos vencedores! Chamei-a para cumprir a minha promessa de descobrir a causa das suas angústias. Meus competentes servidores estiveram junto ao seu ex-marido para descobrir até onde ele era responsável pelos seus sofrimentos e, como eu já esperava, pela experiência que tenho na minha função de justiceiro, o senhor seu marido possui culpa no cartório, como se costuma dizer no mundo que você acabou de deixar...

— Cláudio está envolvido com o que aconteceu a mim?! Mas como?! Não lhe fiz mal algum para que ele tivesse motivos para tanto!

— Ora, minha querida Clara! Para os maus não são necessários motivos! Sentem-se bem com os sofrimentos alheios!

Evidentemente que a figura do "juiz" dizia essas palavras sorrindo de ironia por dentro, já que estava a descrever a ele mesmo.

— Não pode ser! Deve haver algum engano, senhor! Que motivos Cláudio teria para desejar o meu mal?!

Sabedor do aborto cometido por Clara, o "juiz" procurou usar dessa informação com maldade e cautela para não parecer o que ele realmente era e desejava: semear o desespero e aprisionar quantos espíritos incautos oferecessem oportunidade para tanto.

Evidentemente que a vítima não percebia a hábil manobra do opressor.

— Não teria mesmo, minha jovem...?! Nunca realizou nada ou tomou alguma atitude que pudesse comprometer o nome de seu antigo marido?! Realize um exame de consciência para ver se encontra alguma coisa... Alguma coisa que tenha feito sob fortes emoções e da qual se tenha arrependido muito...

A maldade impregnava as palavras do obsessivo ao mesmo tempo em que criava um mecanismo de *sugestão que revolve a memória* de Clara, que acabou encontrando o crime de aborto cometido no auge do desespero.

Começou a chorar de mansinho ao recordar daquele momento infeliz de sua última existência na Terra, do qual se arrependia muito.

Como se de nada suspeitasse, mas exultante de alegria interior, tomou a figura maldosa do "juiz".

— O que foi, minha filha?! Por que essas lágrimas?! Tenho certeza de que o seu coração bondoso nada tem do que se arrepender em relação ao seu ex-marido, não é mesmo?!

A pobre vítima já envolvida e dominada por aquele espírito dedicado ao mal não conseguia perceber toda a maldade que ia naquelas palavras e, como se estivesse ao lado de alguém que realmente queria ajudá-la, abriu, mais uma vez, inocentemente, os seus sentimentos.

— Eu tenho um débito para com o Cláudio na posição de esposa!

— Não posso crer! — exclamou hipocritamente o interlocutor. — Seja o que for, estou aqui para auxiliá-la e ampará-la, minha filha! Abra o seu coração! Confie em mim! Veja-me na posição do seu pai na Terra! Para isso servem os amigos. A justiça que prometi a você será realizada independente do que possa contar-me. Fique tranquila.

O Espírito induzia a jovem a comentar em voz alta o seu delito para que a consciência de culpa se fizesse mais marcante. Uma espécie de confissão pública que fragilizava ainda mais a vítima sob o seu domínio.

Desta maneira sórdida, a figura do "juiz," conseguindo de Clara a confissão do crime do aborto, vinculava-a emocionalmente ainda mais ao seu jugo.

— Pois é, meu bem. Talvez seu marido tenha descoberto esse seu crime contra o seu próprio filho indefeso dentro do seu ventre e tenha tomado a resolução que tomou...

— Não estou entendendo, senhor! Que resolução?! O que isso tem a ver com o barulho do qual recordo-me naquela noite em meu quarto?! Foi realmente um tiro?! Quem o disparou e por quê?! O que fizeram comigo, meu Deus?!

Ouvindo de novo o nome de Deus, o Espírito obsessivo descontrolou-se a tal ponto que disparou

como resposta à ousadia de Clara em pronunciar aquele nome:

— Esse seu Deus foi incapaz de impedir que o seu marido Cláudio tirasse a sua vida!

Como que fulminada com aquela inesperada revelação, a jovem rodopiou sobre o próprio corpo, sendo amparada pelos servidores do juiz.

— Não! Diga-me que isso não é verdade! Por favor, diga-me antes que enlouqueça!

— É a verdade que enfrentaremos juntos fazendo justiça com o criminoso. Ou você não deseja mais que ela se cumpra? Justiça dos fortes! Perfeita! Infalível! Aniquiladora! E isso que aquele desgraçado do seu marido terá!

Abrandando o tom de voz como que sussurrou aos ouvidos de sua vítima cada vez mais minada em sua resistência:

—Estou aqui, minha filha, como um pai zeloso ao lado de sua amada filha. E o seu algoz terá o que merece. Fique tranquila. Durma, meu bem, durma! Quando acordar estaremos com as providências tomadas para que o culpado responda perante a minha lei!

Informada de tudo, a jovem senhora acentuou seu desequilíbrio e aumentou a sua dose de ódio. Não se conformava de ter sido separada dos filhos através de um crime e pelas mãos do próprio marido!

Enquanto se debatia em desespero, a figura do juiz atingia as delícias da satisfação pela infelicidade daquele Espírito sob o seu jugo.

— Não se afobe, minha filha! Nós lhe faremos justiça! Para isso, basta você odiar cada vez mais aquele que te privou da vida e dos seus filhinhos! Eu o sentencio culpado com o poder que a mim confere a verdadeira justiça! A justiça dos fortes e não a dos covardes! Você verá pessoalmente ela ser feita e o culpado ser punido!

Mais uma vez aquela cena toda confirmava a negativa total do ensinamento do Cristo: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

A AÇÃO DAS TREVAS

O espírito que comandava aquela região do umbral, que se auto-investia na figura do julgador implacável, convocou a equipe destinada a levar adiante o plano para desequilibrar o lar do ex- marido de Clara.

Infundindo temor, dirigiu-se aos comandados:

—Iniciaremos nosso ataque a partir de hoje para fazer justiça aos sofrimentos e crime que nossa hóspede sofreu. Enquanto vocês vão trabalhar na nova esposa de Cláudio, denominada de Ana, que deseja ter filhos, endossando-lhe essa ideia através das sugestões repetidas, eu vou pessoalmente entender-me com o marido dela, esta noite! Reforcem constantemente a ideia da maternidade na moça, o que irá provocar um choque com o marido, que não deseja ter filhos. Com ele, converso eu!

Naquela noite, a jovem mulher voltou a insistir com o marido sobre o seu desejo de ser mãe. Ele, sob o efeito do álcool tomado antes do jantar, acabou indo para o leito de mau humor, após discussão com a mesma. Esse estado de espírito colocava-o mais nas mãos do Espírito das trevas que, assim que Cláudio adormeceu em um sono agitado, liberando-se em espírito, viu adentrar no próprio quarto a figura do "juiz". Sentiu um estranho tremor e medo diante da figura assustadora, tendo, contudo, forças para estabelecer com o obsessor um diálogo:

— Quem é você que entra em minha casa sem a devida permissão ou convite e invade a intimidade do meu próprio quarto?

Vemos aqui o efeito da falta de oração ao deitarmos, como em todos os outros momentos de nossa vida. Se houvesse a prece sincera antes do sono físico, o espírito invasor teria mais dificuldades para penetrar a barreira vibratória daquele lar. No entanto, quando pelos desequilíbrios

cometidos caímos na rotina do mundo, nos esquecemos de Deus, a tal ponto que, uma prece sincera, antes de dormir e levantar-se, desaparece de nossos hábitos.

Com ares de vencedor por antecipação, o "juiz" respondeu:

— Mas fui convidado!

— Interessante, não me lembro de tê-lo feito!

— Mas fez! Fui convidado por sua consciência culpada para convocá-lo para uma reunião onde você verá uma pessoa muito querida sua!

— Você deve ser ou estar louco! Não vou a nenhum lugar com você e ponha-se daqui para fora!

— Insolente atrevido!—gritou o "juiz" de olhos injetados. — Quer que eu avise a polícia sobre o que você tem feito?!

Apanhado de surpresa com essa pergunta e sendo portador do complexo de culpa pelos desatinos que vinha praticando, amansou o tom de voz e praticamente colocou-se mais à mercê do obsessivo. Para o ex-marido de Clara, como desconhecia a pujança da vida existente fora do corpo material, aqueles acontecimentos eram reais. Ao ouvir esse assunto através do hábil invasor do seu lar, imediatamente o sentimento de culpa evocou o acontecido com a sua ex-mulher, assassinada pelas suas próprias mãos. Teve receio que o crime cometido contra a ex-esposa fosse realmente denunciado à polícia por alguém que dispusesse de alguma prova, embora não conseguisse atinar quem era aquele atrevido que invadia a sua noite de sono e muito menos como poderia saber de alguma coisa. Achou mais prudente abrandar a fúria demonstrada por aquela estranha figura.

— Calma, senhor! Vamos conversar como amigos!

— Ah! Assim é melhor. Mas o assunto é o mesmo! Vamos a uma reunião em um local aqui perto, onde uma pessoa conhecida o espera ansiosa!

— Mas, quem seria? Não tenho nenhum encontro marcado!

— Basta você acreditar em mim e saberá. Aliás, é melhor acompanhar-me, por que, se não...

— Tudo bem, eu vou!

A figura do "juiz", acompanhado por auxiliares, deslocaram o espírito de Cláudio para a região espiritual sob o seu domínio. O ambiente aterrador e incômodo predisponha o visitante a sucumbir à autoridade daquela figura aterradora. Situados em um grande salão iluminado à luz de velas, voltou a falar em voz grave e soturna:

— Aqui estamos, meu caro. Agora você vai ter a oportunidade de satisfazer a sua curiosidade. Tragam a nossa hóspede.

Clara entrou no salão escuro mesmo sob a luz das velas, procurando acomodar a visão para ver com maior nitidez. Quando seu olhar entrecruzou com os olhos do ex-marido, teve uma espécie de síncope, somente tendo tempo de pronunciar o nome dele:

— Cláudio!

O companheiro do passado, embora fora do corpo, aparentava uma agitação e palidez própria do veículo material. Afinal, o que estava acontecendo naquela noite tão estranha?! Primeiro o visitante indesejável e agora a própria esposa falecida diante dele?! Por certo estaria vivendo um daqueles pesadelos terríveis do qual logo acordaria! Conseguiu balbuciar, trêmulo:

— Não é possível! Clara, você está morta!

— Sim, estou, e você deve saber bem disso, não é, Cláudio, já que foi você o autor da minha morte!

— Mas o que está acontecendo?! Quem são vocês?! O que representa tudo isso?! Onde estou?! Morri também?!

— Não — interveio a figura do "juiz". — Você ainda pertence ao mundo dos chamados vivos mas, como pode ver, estamos bem mais vivos do que o homem supõe! Estamos reunidos para informar-lhe que sabemos de todos os detalhes do crime que vitimou a nossa amiga Clara através das suas mãos e proferiremos a sua sentença de culpa!

— Isso então é um tribunal?! '

— E um tribunal do qual você não escapará como conseguiu escapar da justiça corrupta dos homens!

-npè- Clara! E você mesmo?! Mas como pode ser?!

Por sua vez, Clara, chorando, perguntou-lhe:

— Por que você me fez tudo isso?! Separou-me dos nossos filhos! Tirou deles a mãe cuja missão era acompanhá-los dando educação, um lar, um coração amigo!

— Você desonrou sua missão, Clara! — retrucou seguro o ex-marido. — E você sabe muito bem por quê!

Entendendo que ele se referia ao adultério com a conseqüente gravidez e posterior aborto, procurou justificar-se:

— Fui traída antes por você, que vivia embriagado e envolvido com outras mulheres! Queria que você sentisse com a minha aventura extraconjugal o mesmo que eu quando fiquei sabendo de suas conquistas amorosas!

O espírito do "juiz" ouvia satisfeito o debate recheado com o ódio que estreitava os laços da prisão entre os ex-cônjuges.

— No entanto, Clara, você foi além em sua vingança. Cometeu o crime do aborto! Não poderia deixar que o meu nome e dos nossos filhos fossem manchados com a sua conduta de mulher adúltera! O único caminho que você me deixou foi retirá-la de nossas vidas!

— Quem você pensa que é, afinal?!

O espírito do "juiz" pressentindo que aquele diálogo agressivo, que lhe agradava muito, poderia criar uma situação em que o nome "Deus" poderia vir a ser lembrado, interveio bruscamente:

— Já chega, assassino! Você matou sua esposa! Fez órfãos aos próprios filhos! Foi julgado e condenado por este tribunal e pagará caro pelos seus crimes! Levem para o corpo esse maldito! Foi lá que faliu e será lá que conhecerá a força da minha justiça!

Cláudio protestava, debatia-se, blasfemava, amaldiçoava, e essa atitude complicava ainda mais toda a situação de desequilíbrio existente até então, tomando-o presa cada vez mais fácil dos espíritos infelizes. A figura do "juiz" abraçou a jovem senhora que chorava muito, numa atitude de falsa paternidade, aflagava-a e dizia:

— Não se preocupe, minha filha! A justiça será feita! Ele pagará tudo o que lhe deve! Para isso, não deixe de desejar intensamente a justiça! Nesse tribunal por mim dirigido não há acordos, não há corrupção. Quem deve, paga! E o seu ex-companheiro vai pagar!

Clara, em seu intenso desequilíbrio e sofrimento, não podia perceber o envolvimento armado por aquele espírito das trevas. Na verdade incitava-a a odiar mais e sempre para que o desequilíbrio se acentuasse. Nessa infeliz reunião ocorrida no plano espiritual inferior o "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..." encontrava-se completamente esquecido e, até mesmo, proibido!

O ATAQUE CONTINUA

A figura espiritual denominada de "juiz" instalara-se com os seus auxiliares dentro do lar de Cláudio.

Naquele local, atuava nas regiões cerebrais da jovem esposa Ana, levando-a a embalar sonhos de ser mãe de forma insistente, com a finalidade de levá-la a discutir com o marido promovendo a desarmonia do lar, o que facilitava a ação nefasta do grupo agressor. Ao mesmo tempo, atuava sobre Cláudio, sugerindo-lhe que ele já tinha uma certa idade para ter filhos, que era preferível, utilizando-se do bom senso, criar da melhor maneira possível os filhos que tivera com Clara.

Com essa atitude, todas as vezes que os cônjuges entravam em diálogo sobre esse assunto, a

discussão se instalava, desequilibrando o lar e favorecendo a ação do obsessivo e seus acompanhantes.

Vamos assisti-lo em seu trabalho infeliz realizado à noite quando o ser humano recolhe-se ao repouso físico, continuando a viver a vida que não se interrompe nunca no plano dos espíritos.

Após desentendimentos com o marido provocado pela interferência espiritual negativa, a moça buscava o refúgio do leito revoltada por mais uma negativa do cônjuge em relação à gravidez que ela desejava ardentemente.

Assim que o corpo adormecia, o espírito afastava-se do veículo físico, permanecendo no interior do quarto.

O "juiz", que já estava à espera de sua nova vítima, agia sem perda de tempo:

— Olá, minha filha! — Dirige-se ao espírito da jovem. Vejo que seus planos abençoados de maternidade não são compreendidos pelo seu marido egoísta. Só porque ele já experimentou o ato sublime da paternidade com a outra esposa, nega-lhe as emoções abençoadas de ser mãe!

Ana, semiconsciente, desdobrada do corpo material, não tinha a mínima noção da gravidade daquele momento, indagando como presa indefesa:

— Quem é o senhor que parece adivinhar todos os meus pensamentos?! Algum anjo bom?

— Não, minha filha. Sou apenas alguém que compreende e acha justo os seus desejos em relação a ter filhos. Sou um amigo que deseja apoiá-la e estimulá-la em seus direitos!

— Mas, não o conheço! Desculpe-me, não me lembro de tê-lo visto antes!
—Que importa, meu bem! O mais importante é que sou um amigo que a compreende. Uma figura paternal que deseja ajudá-la a realizar os seus sonhos!

— Se é assim, o senhor pode convencer o meu marido?!

— É para isso que estou aqui! Façamos o seguinte: vá tomar um pouco de ar fresco lá fora na noite que, enquanto isso, conversarei com o seu marido, que dorme no sofá da sala.

Dito isso, fez um sinal, imperceptível para a jovem, e um dos auxiliares afastou-a daquele local. Em seguida deslocou-se para a sala onde o corpo físico de Cláudio envolvido pelo álcool dormia pesadamente. O ambiente espiritual era propício para a ação do obsessivo. Nenhuma barreira vibratória dificultava-lhe as intenções. Álcool, discussão, desentendimento, vida moral desequilibrada, ausência de oração e principalmente a consciência culpada. Tudo favorecia ao espírito denominado "juiz".

Aproximando-se do espírito de Cláudio, que estava próximo ao corpo embriagado, tocou-o levemente na região cerebral fazendo com que ele o percebesse:

— Olá, meu "amigo"! Não me desaponte dizendo que não se lembra mais de mim!

— Você de novo! Pensei ter sido apenas um pesadelo, mas você realmente existe, seu desgraçado!

—Existo tanto quanto os seus crimes, assassino! —respondeu o "juiz", vibrando de prazer ao ver sua vítima entrando em sintonia com ele através do ódio.

—Quem é você? Algum demônio que resolveu infernizar a minha vida?

—Não, meu "amigo". Sou apenas a tua própria consciência! Fui construído pelos crimes que você vem cometendo, principalmente quando matou Clara!

Ao pronunciar o nome da ex-esposa daquele infeliz, ela foi trazida pelos seus auxiliares e colocada frente a frente com o seu assassino.

Desequilibrada pelo ódio que crescia cada vez mais, ela passou a agredir ao ex-marido:

— Assassino! Além de tirar-me a vida, separando-me de meus filhos, ainda tem coragem de colocar outra mulher dentro de nossa casa?!

— Mas Clara, você morreu! Ana tem tratado nossos filhos com muita consideração!

— Então o nome da invasora é Ana?! Só que não morri, não! Você me matou! Só que tirou minha vida física, porque eu, Clara, continuo bem viva e odiando-te cada vez mais! Tudo o que puder fazer contra você e essa tal Ana eu farei! Você não perde por esperar, desgraçado!

O ambiente era pesado pela alta carga de vibrações tremendamente desequilibrantes. O ódio invadia a tudo e a todos alimentando a geração de mais sentimentos negativos. Os únicos que administravam com plena consciência aquilo tudo, sentindo-se muito bem com o que ocorria, eram o "juiz" e seus auxiliares diretos, que se alimentavam de todos aqueles desencontros. Desconheciam, cegos pela arte de fomentar o sofrimento e o ódio, que a primeira vítima do mal que geramos, somos nós mesmos. É impossível atearmos fogo na casa em que moramos e manter-nos dentro desse local sem sermos atingidos pelas chamas. Essa casa para cada espírito chama-se consciência e é impossível comprometê-la com o erro sem sermos os maiores atingidos. Os espíritos endurecidos na prática do mal procuram refúgio em vão nos atos insanos que cometem. Crêem-se protegidos, fora do alcance da Justiça Divina que, no entanto, pacientemente deixa que provem do próprio veneno.

Nesse ponto do diálogo dos ex-cônjuges, o "juiz" interveio:

— Isso mesmo, minha filha. Eu a ajudarei a fazer justiça! Esse assassino pagará tudo o que deve! Conseguiu fugir da justiça corrupta da Terra, mas da minha não fugirá!

Dito isso, emitiu do cetro que detinha em uma das mãos energias désquilibrantes sobre o espírito de Cláudio, fazendo com que o mesmo sofresse um forte impacto e fosse ao solo.

Amparando Clara, que chorava, com uma falsa paternidade, afastou-a daquele local assenhorando-se cada vez mais de seu espírito, dizendo-lhe:

— Não chore! Mantenha seu desejo de fazer justiça! O resto você pode deixar comigo! Ele pagará caro o que fez a você.

Deixando a moça entregue a outro auxiliar, dirigiu-se para o quarto do casal emitindo ordem mental para que trouxessem de volta o espírito Ana, que fora conduzido para o exterior da residência.

A jovem adentrou o local sem compreender a maioria das coisas que se passava, enquanto o "juiz" dizia-lhe essa palavras finais:

— Lembre-se, minha filha, que estou do seu lado nas reivindicações justas de sua luta pela maternidade! Cobre o seu marido! Não lhe dê tréguas! Estarei ao seu lado como a figura do mais dedicado amigo para todas as horas. Chame pelo pensamento e eu estarei aqui para auxiliá-la!

Aquele lar, infelizmente, era o retrato de tantos outros que existem sobre a face da Terra. Na verdade, não era um lar. Era uma residência! As condições do verdadeiro lar não existiam. O envolvimento com o *álcool*, a falta de uma religião que levasse à modificação interior da pessoa, o corre-corre atrás dos interesses materiais, o desrespeito entre os cônjuges, a consciência endividada pelos erros cometidos, as discussões frequentes sem o ato da renúncia que pudesse levar à concórdia, a ausência do hábito da oração sincera, eram condições mais do que suficientes para que espíritos das trevas instalassem, naquele local de atritos crescentes, mais uma base de ação no mundo dos homens desatentos para o aviso: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

AS SUGESTÕES DO MAL

De dia, os auxiliares do "juiz" minavam a residência do casal com vibrações negativas ao mesmo tempo em que anotavam os pontos fracos abertos na parte moral dos componentes daquela casa. A noite o chefe deles comparecia ele próprio para completar com mais esmero o trabalho do mal.

Quantos seres humanos nem imaginam e muito menos acreditam na influência dos espíritos desencarnados sobre o dia-a-dia aqui na Terra. Essa descrença expõe ainda mais o homem à ação dos

espíritos inferiores que ocultos pela invisibilidade do seu corpo espiritual, trabalham à vontade principalmente nos locais onde a moral não é levada em conta. Os Espíritos amigos ensinam que não adianta espantar as moscas, é preciso curar a ferida. Esse ensinamento aplica-se com grande perfeição ao processo obsessivo. Se elevamos nossa faixa vibratória pela boa conduta, automaticamente saímos da sintonia dos espíritos inferiores. Isso esclarece também a dúvida de muitas pessoas assustadas que perguntam se os "trabalhos" que são feitos para causar o mal funcionam. Tudo depende de como estamos vivendo, de qual tem sido a nossa escolha diante do bem e do mal. Se já estamos na mesma faixa vibratória dos espíritos inferiores não é preciso nenhum "trabalho" para nos complicar a existência, porque, por nós mesmos, já estamos providenciando tal consequência.

Nossos pensamentos mais secretos possuem sempre companhia. Quando nos voltamos para o bem, temos a companhia dos espíritos desejosos da nossa vitória. Do mesmo modo, quando alimentamos o mau pensamento ele atrai os companheiros desejosos da nossa derrota moral.

A mente é uma poderosa antena que emite e recebe à semelhança de uma estação de rádio, não encontrando barreira entre a nossa e a outra *dimensão* da vida. O contato é mental. Abrimos ou fechamos essa porta invisível mas extremamente real, sintonizando com aquilo com que mais afinamos.

Aqueles que alimentam os pensamentos sobre o sexo em desequilíbrio chamam espíritos desencarnados que viveram essa experiência na carne, que nos incitam às condutas mais extravagantes possíveis, onde nós e eles, através da vampirização, realizam suas fantasias sexuais, como inconsequentemente diz o ser humano. Aliás, a submissão da força sexual a uma vontade equilibrada é uma das conquistas mais difíceis do ser humano, abrindo o apelo sexual a porta para inúmeros desatinos, que custam, muitas vezes, séculos de resgate para o espírito endividado perante a Lei.

Aqueles que pensam obstinadamente no vício do álcool e dão vazão à bebida alcoólica, encontram os espíritos desencarnados desejosos de usufruírem como podem os prazeres da embriaguez através da vampirização do homem alcoolizado, sugerindo-lhes que bebam cada vez mais.

Os corruptos chamam pelo pensamento as companhias espirituais da mesma qualidade que vão sugerir-lhes meio para que se corrompam mais e mais.

Aqueles que planejam os mais diferentes tipos de crimes são auxiliados pelos espíritos que como eles também pensam.

De tal forma que nunca estamos só no sentido espiritual da existência. Se transportarmos alguém para o mais longínquo deserto ou para a mais alta montanha, essa pessoa sempre terá companhias espirituais de acordo com os seus desejos mais íntimos captados pelos espíritos desejosos de nos fazer companhia tanto no bem como no mal.

Como espíritos nunca estamos só, porque pela força de nosso pensamento chamamos essa ou aquela companhia.

Imagem a partir dessa realidade quem estamos convidando para entrar na intimidade de nosso lar, de nosso filhos, de nós mesmos!

Quando sintonizamos pela televisão novelas onde o sexo é explorado direta ou indiretamente, para quem estamos abrindo nossa casa mental e nossa casa física?

Quando buscamos assistir ao carnaval, onde o apelo ao sexo é intenso, para quem estamos abrindo nossa casa mental e nossa casa física?

Quando nos comprazemos com os jornais que exploram o sensacionalismo de crimes brutais, onde o ser humano revela o seu atraso moral, para quem estamos abrindo nossa casa mental e física?

Imaginemos o que estão fazendo a cada minuto as pessoas que muito longe estão de conhecer essa realidade toda!

Com os nossos pensamentos construímos um mundo onde habitam aqueles que conosco se afinam.

Esse mundo mental, por sua vez, transportamos para o interior sagrado do nosso lar onde vivem nossos filhos, marido e mulher, irmãos, pai, mãe etc.

Como Cláudio não cuidava da parte moral como deveria, ele introduzia em seu próprio lar os obsessores que o atormentavam à noite e o vigiavam de dia.

Por sua vez, sua esposa atual, Ana, ainda nova e obcecada com a ideia fixa da maternidade, tornava-se alvo fácil dos mesmos espíritos.

Naquela noite as investidas das trevas prosseguiram assim que os corpos físicos adormeciam, liberando o ser espiritual que passava a viver mais diretamente o mundo dos espíritos.

Ao lado do leito após mais um dia de discussões com o marido, Ana era abordada novamente.

—Olá, minha filha! Vejo que teu marido não a compreende mesmo! E que ele não sabe o tesouro de pessoa que você é.

—Pois é! O senhor não falou com ele sobre termos um filho?

—Lógico, meu bem! Como prometi, não poderia deixar de cumprir a minha tarefa! Tenho insistido com ele, mas o homem é muito teimoso.

—As vezes tenho a impressão que ele não se esquece da falecida esposa. Talvez seja por isso que ele não queira mais filhos!

—Mas se ele está pensando na outra, isso é uma espécie de adultério, você não acha? — disse maldosamente o espírito que comandava a ação.

— O senhor acha?!

O comandante das trevas iniciava a semeadura da dúvida sobre a fidelidade do marido junto à jovem esposa para levá-la ao desequilíbrio e tê-la como mais uma presa fácil no mecanismo de desestruturação daquele lar e captura espiritual daquelas almas que iria submeter aos seus prazeres.

— Se você é uma boa esposa, bonita, porque um homem teria que ficar pensando em uma outra e morta ainda por cima?! Ou será que ele fica pensando em outras? — argumentou maldosamente o "juiz", com a intenção de dar início à desconfiança da moça.

— Se eu descobrir que ele está me traindo...

Não chegou a completar a frase que foi terminada pelo obsessor:

— Você deve traí-lo também para fazer justiça!

— Eu não faria isso!

— Por que não?! Só os homens têm esse direito?!— continuava a insuflar o seu veneno a figura do "juiz".

— Não é isso! Nunca pensei que ele pudesse me trair e muito menos eu fazer o mesmo!

—Até que seria prático! — disse o espírito das trevas maldosamente.

— Não entendi, senhor!

—Ora, meu bem! Você selecionaria um homem belo como seu parceiro e realizaria o seu sonho de ser mãe! Ao mesmo tempo daria uma lição nesse egoísta que lhe nega esse mais legítimo direito!

—O senhor está dizendo para que eu engravide traindo o meu marido com outro homem?!

— Não, minha filha! Isso só no caso de seu marido estar buscando outras aventuras... Por uma questão até mesmo de justiça! Ele não quer fazer de você uma mulher completa através da maternidade e ainda comete o crime do adultério?!

Expressava-se o obsessor como se estivesse tomado de dores pela jovem esposa, mas o que ele realmente desejava era plantar no seu cérebro a sugestão do adultério, que ele depois trataria de aumentar até que se concretizasse, instalando mais desequilíbrios naquele lar assaltado por invigância pelas trevas.

—O senhor está sabendo de alguma coisa sobre meu marido com outras mulheres?! — perguntou, não percebendo a manobra do obsessor.

— E sempre bom, meu bem, ficar atenta! Comece a vigiá-lo mais de perto. Ligue para o trabalho, perguntando a hora que ele chegou ou saiu! Compare os horários em que ele fica em casa com aqueles em que seu marido fica fora. Você não merece que um homem cometa traição com a sua pessoa! Prometo que vou ajudá-la nessa vigilância. Agora vá repousar, meu bem!

Satisfeito de ter implantado a dúvida nos sentimentos da jovem, a figura do "juiz" dirigiu-se em busca de Cláudio que, novamente, adormecera embriagado e ressentido com a mulher.

— Olá, assassino! Como tem passado?

— Você de novo, maldito! O que você deseja, infeliz? Por que não desaparece?!

— Como já disse, meu "amigo", você me criou através dos seus crimes, dos seus desequilíbrios...

— Não é possível! Durante o dia as discussões com minha mulher, que já está me cansando! De noite, esse demônio que atormenta meu sono! Vou acabar ficando louco se não fizer alguma coisa.

— Alguma coisa, como matar mais uma esposa?!

— Cale-se, maldito! Quer que todos fiquem sabendo sobre Clara?!

— Não! Eu já sei e isso é o suficiente para que justiça seja feita!

A sugestão para um novo crime também já tinha sido lançada e captada pelo cérebro daquele homem. O obsessor trataria de alimentá-la para que tomasse realidade, principalmente agora que Ana exerceria uma vigilância maior sobre o marido, seguindo a sugestão que o espírito do "juiz" lhe havia feito, o que o irritaria mais, irritação essa que, associada ao álcool, tomaria o terreno propício para mais um crime.

O quebra-cabeça ia sendo montado peça a peça *pelas* trevas, programando pacientemente a queda *moral de todos os* envolvidos.

Muitas vezes esperamos o jogo aberto dos obsessores, o embate frontal, mas nos enganamos. Agem planejadamente, com paciência, avançando aos poucos e sempre, caso não encontrem resistência proporcionada pela moral. Implantam a matriz de uma ideia mórbida no cérebro da vítima e passam a alimentar gradativamente o crescimento daquela monoideia, daquele pensamento fixo que vai engolindo, paulatinamente, o seu alvo.

A figura do "juiz" agia dessa forma. Colocou a dúvida sobre a fidelidade do marido para a jovem esposa, ao mesmo tempo em que sugeria-lhe o adultério como troco.

Junto ao ex-marido de Clara, depositou a sugestão de um novo assassinato. O "juiz" teria agora o trabalho, juntamente com os seus auxiliares, de ir alimentando e fazendo crescer as ideias negativas com o passar do tempo, até que os dois cônjuges em atrito capitulassem, comprometendo-se espiritualmente.

Nos espíritos envolvidos a recomendação de "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..." encontrava-se ainda adormecida.

O BEM SEMPRE VELANDO

Enquanto os fatos descritos ocorriam, o bem estava sempre vigilante acompanhando de perto o encaminhamento de todos os acontecimentos.

Muitas vezes o amor tem que aguardar que a dor execute primeiro o seu trabalho. Enquanto a selva do nosso egoísmo, nosso orgulho, nossa vaidade, vai sendo desbastada pelo sofrimento, o auxílio da Providência Divina a tudo acompanha aguardando o momento mais propício para agir.

Se ouvíssemos com mais facilidade o convite do amor, com certeza não teríamos a necessidade de conhecermos o seu oposto: a dor.

Aqueles espíritos obsessores, sem a mínima noção de que é assim que as coisas ocorrem, trabalhavam para o serviço de socorro das almas envolvidas.

Na medida em que o sofrimento nos visita, vamos nos cansando dele e passamos a pensar na outra

possibilidade: a de não sofrer.

Mesmo o agente do mal é vítima do próprio mal que dele parte. Não há como vestirmos uma armadura que nos defenda do mal que praticamos, porque nascendo em nosso interior estamos por ele contaminados na intimidade de nossos sentimentos.

A situação de Clara, de Cláudio, de Ana, como de todas as outras vítimas daquela região espiritual dominada pela figura do "juiz", era acompanhada com carinho, desvelo e paciência pelos mensageiros do bem encarregados pelo socorro aos irmãos em sofrimento.

Visitavam o denominado "charco" pelos espíritos inferiores, dali libertando as criaturas preparadas para receber o socorro. Não adianta tentarmos explicar matemática avançada ao aluno que não sabe realizar as operações básicas dessa ciência. Da mesma forma, o socorro aos espíritos em sofrimento precisa chegar no momento em que se mostrem propícios a aproveitarem a oportunidade renovada para o bem.

São necessárias as condições mínimas de abertura para o amor obtidas através do arrependimento que chega através do sofrimento. Retirar a fruta muito verde do pé poderá levá-la a se perder. Existe a ocasião mais adequada para que a colheita seja feita. Assim agindo, o fruto atingirá a sua pujança, amadurecendo adequadamente e servindo à mesa do homem.

O mentor Vespasiano reunia o grupo de espíritos que trabalhavam em nome do bem naquela região de sofrimento para esclarecê-los:

— Meus irmãos! Devemos saber aguardar o instante adequado de exercer nossa ação em nome de Jesus. Muitas vezes, sentimos um desejo de retirar esses irmãos vitimados pelos próprios desequilíbrios do local de dor onde se encontram. Como que desejamos intensamente acordá-los para as consequências de suas opções, dos seus erros e, dessa forma, transformá-los! Não podemos nos esquecer, porém, de que a dor é um instrumento do amor que educa. Não há punição no Código Divino, mas educação. Sofrendo as consequências do mal que praticaram, vão sedimentando o conceito de que o mal não compensa. Contudo, a Providência Divina não tem pressa porque somos espíritos imortais! Desde o instante em que somos criados pelo amor de Deus, nosso tempo é a eternidade! O homem se aflige e corre desesperado atrás da felicidade por caminhos não recomendados, porque esse homem se auto-limita do berço ao túmulo! Esse tempo, por mais que dure, é muito breve! Muito breve! As vezes a criatura humana corre atrás de uma felicidade que não sabe definir! Não procura antes responder o que é a felicidade! Não sabe descrever para si mesmo se deseja uma felicidade para o espírito imortal ou para o ser físico que caminha para a morte. Confunde o que é espírito com o homem físico! Esquece-se como espírito e assume a falsa realidade de ser o homem material! Nesse erro tremendo ele busca a felicidade que satisfaça a esse ser passageiro, mortal. É por isso que a felicidade para muitos é o dinheiro abundante. Para outros é o prazer do sexo vivenciado até a exaustão. Para muitos é viver uma vida inteira anestesiado pelo álcool ou por tantos outros tipos de drogas que anulam o ser material e comprometem o ser espiritual!

Se buscarmos a felicidade com esse conceito de satisfazer o ser temporário, o homem físico, é preciso não esquecer que tudo se encerra no túmulo, onde devolvemos ao mundo o que ao mundo pertence!

No entanto, se buscarmos a felicidade nossa como espíritos imortais, tudo se amplia, tudo se modifica!

Alteram-se tanto as coisas, que muitas vezes essa felicidade do ser espiritual é representada pela frustração do ser material!

Francisco de Assis não nos deixou um exemplo magnífico disso?!

Abriu mão da fortuna que o pai terrestre lhe oferecia para buscar a felicidade do Francisco espírito que o Pai Celestial criara!

Quantos outros vultos da história cristã da humanidade não nos deram os mesmos exemplos?!

Queremos realizar a felicidade do homem ou do ser espiritual?

Enquanto estamos em dúvida, enquanto pensamos, Deus já fez a sua escolha: em primeiro lugar que seja feliz a sua criatura imortal, o espírito! Quando possível conciliar os interesses do homem com os interesses do espírito nele encarnado, assim se fará. Entretanto, se a felicidade desse último representar a infelicidade do primeiro, Deus faz sua opção pelo ser imortal.

Por isso, nas leis de Deus não há pressa, não há saltos. Se tentarmos intervir na lagarta que procurou o casulo para se metamorfosear em linda borboleta, poderemos provocar-lhe a morte!

Muitas vezes, envolvidos pelo casulo da dor, é preciso esperar que o espírito se liberte após a metamorfose do arrependimento para ser auxiliado!

— Mentor Vespasiano, por que quando estamos na Terra encarnados temos tanta dificuldade de entender como a Providência Divina age?

te- Porque nossa fé ainda é muito fraca, nos levando a buscar satisfazer as necessidades do homem físico. Temos dúvidas sobre a imortalidade, preferindo garantir as soluções rápidas, embora passageiras. Optamos por investir no corpo material a burilar para o crescimento o espírito imortal! Os poucos companheiros encarnados que já possuem a fé suficiente para não alimentar dúvidas sobre a imortalidade transformam-se em lições vivas do Evangelho de Jesus.

— Irmão Vespasiano, todos os espíritos desencarnados, por maiores que sejam suas dívidas, estão sob a vigilância da Lei de Amor?

— Sempre estamos. Todos, por maiores as dificuldades morais que tenhamos, somos criação de Deus, e esse Pai, que Jesus nos ensinou ser o exemplo máximo do amor, não abandona seus filhos por motivo nenhum.

— Mesmo quando estamos encarnados e pedimos determinadas coisas que não alcançamos? — perguntou um outro aluno presente naquela conversa de esclarecimentos.

— Quando estamos na Terra, pedimos a maioria das coisas que atenda aos interesses do homem físico e que, muitas vezes, são conflitantes com os interesses do ser espiritual. Por exemplo, quando filas enormes de criaturas buscam o dinheiro fácil através dos diversos tipos de jogos, alimentados ainda no planeta Terra, ficariam imensamente felizes se Deus as ajudasse a ganhar o dinheiro sem esforço, sem suor. Entretanto, o que fariam com esse dinheiro ganho dessa maneira?

Será que o utilizariam para o bem do próximo ou guardariam com extremo egoísmo, usando-o em favor de si mesmo? Quais as portas que o dinheiro utilizado com egoísmo podem abrir?! Das bebidas, da luxúria, da vaidade, do orgulho! Já imaginaram as consequências desastrosas para o ser espiritual? Como, obviamente, não são atendidas pela Providência Divina nossas solicitações que pedem pelo ser humano, muitos sentem-se incompreendidos por Deus.

Esse raciocínio pode ser estendido para a conquista de outros bens materiais em que o nome do Pai é empregado indevidamente no auxílio para se obter o que nada traz de bom em relação ao espírito imortal.

Pede-se a Deus nos jogos de futebol, nos sorteios onde algum prêmio está a atrair nossas atenções e assim por diante.

Quanto ainda estamos distantes de entender a grandiosidade divina!

Foi por isso que Jesus do alto da cruz suplicou perdão por nós ao Pai, justificando que não sabíamos o que fazíamos!

Transcorridos dois mil anos das lições sublimes do Cristo, continuamos quase no mesmo ponto dos homens daquela época na compreensão de nossa própria identidade espiritual e de nosso Criador!

— Mas, instrutor, quando se pede a Deus pela saúde, pela paz no lar, pelos filhos, que não são pedidos de ordem material e que muitas vezes também não são atendidos, como interpretar?

— Nos pedidos que não envolvem os interesses materiais, temos a considerar as necessidades das provas a serem vividas! Quando reencarnamos, não estamos fazendo viagem de turismo na carne. O espírito retoma para o devido acerto de si mesmo. Determinados pedidos, se atendidos, anulariam as provas necessárias à evolução daquele espírito. Seria semelhante ao aluno que fosse à escola e no

final do ano pedisse à professora para dispensá-lo das provas que vão avaliar o seu aprendizado.

De que teria adiantado o ano todo de estudos para aprender? Como avaliar o aluno que solicitasse a não aplicação das provas para si mesmo?

Um outro ponto a considerar nas nossas solicitações a Deus é analisar se estamos fazendo a nossa parte.

Não somos bonecos colocados na vida! Temos o direito de agir e reagir. Participamos da obra da construção do mundo, do Universo! Quando reencarnamos e temos tuna existência produtiva no bem, colocamos um tijolo nessa construção abençoada.

Trabalho existe para todos aqueles 'que possuem a boa vontade.

— Mas, instrutor — tornou a perguntar o espírito em aprendizado —, quando uma mãe pede pelo filho envolvido com as drogas, com o crime, mesmo assim Deus pergunta pela parte que nos cabe fazer?

— Como não? Somos participantes dessa obra que não cessa! O amor não pára! É uma onda invencível que a tudo e a todos invade. Os espíritos que a Providência Divina permite que reencarnem nos lares da Terra são enorme responsabilidade da qual teremos que prestar contas um dia! Os filhos não são para satisfazer a vaidade dos pais. Teremos proporcionado a essas crianças as condições necessárias para conhecerem a Deus, a imortalidade da alma?! Não servem as crianças para passar atestado de feminilidade ou masculinidade para ninguém! Sempre Deus analisa se fizemos aquilo que estava ao nosso alcance fazer.

Por exemplo, pedimos pela paz no lar. Mas estamos nos controlando quando a discussão se desenha no ambiente doméstico?

Pedimos pela nossa saúde física, mas estamos fazendo nossa parte alimentando-nos corretamente, sem exageros, evitando os vícios do fumo, das drogas, dormindo o suficiente, realizando exercícios físicos benéficos ao corpo material?

Se não estamos agindo assim, o que realmente queremos quando pedimos a Deus é que Ele realize um milagre, e milagres não existem perante as Leis de Amor!

Temos que fazer a nossa parte na medida de nosso alcance, sempre!

Não existem milagres, nem favoritos e muito menos favorecidos! "A cada um segundo as suas obras", já nos ensinava Jesus há mais de **2.000** anos!

— Não existe o "milagre" do qual a maioria das religiões fala aos seus seguidores?!— indagou um dos ouvintes.

—Não, não existe, por mais estranho que possa parecer. E só parece estranho para quem ainda não entendeu definitivamente que Deus é a perfeição absoluta. Ora, se Ele é a perfeição absoluta, suas leis não precisam ser mudadas, modificadas através de um milagre. O milagre pressupõe a derrogação de uma lei divina. Por exemplo, uma pessoa está vitimada por uma doença incurável, porque isso estava previsto na Lei como uma prova pela qual a pessoa precisava passar para crescer espiritualmente. Como Deus não comete erros, essa prova chegou para aquela determinada pessoa por consentimento do Criador, para educar aquele filho. Se Ele tem o conhecimento prévio deste fato, não há a necessidade de ocorrer um milagre para modificar aquilo que foi antecipadamente permitido. Dessa forma, o milagre não existe, porque o que ocorre, assim acontece pelo consentimento antecipado de Deus, que, não errando, não tem a necessidade, portanto, de modificar aquilo que, com o seu consentimento, passa a ocorrer. Deus não é como nós, criaturas falíveis que têm, muitas vezes, de voltar atrás em atitudes tomadas porque estejam erradas.

— Irmão Vespasiano — disse um dos espíritos do grupo na busca do conhecimento —, no caso do amor das mães, que é o amor mais puro que se conhece na face da Terra, quando essa força é direcionada pedindo em favor do filho enfermo ou envolvido com as drogas, mesmo assim não consegue modificar a situação do filho amado?

—Quando estamos na Terra na função de pai ou mãe, referimo-nos aos filhos, esquecendo-nos

que eles são, em primeiro lugar, filhos de Deus! Isso é muito frequente para não dizer que é regra geral. Nossos filhos na carne são, antes de mais nada, filhos do Criador! Quem mais do que Ele poderia querer que não sofrêssemos?! Entretanto, precisamos crescer espiritualmente para podermos conhecer a felicidade real e interminável! Como somos surdos ao chamado do amor, necessitamos de uma outra educadora que se chama dor. Essa nós ouvimos porque ninguém gosta de sofrer! O sofrimento esgota o espírito, fazendo-o cada vez mais infeliz! Chega um momento em que cansamos de padecer as consequências negativas de nossas atitudes perante a vida. De tal maneira que Deus permite que soframos algum tempo para sermos felizes para sempre. Para sempre! E por isso que o pedido das mães, quando vão em prejuízo da lição que o filho amado necessita, não é atendido. Contudo, o socorro no sentido de forças para suportar a cruz sempre estará presente. Nossa pouca fé dificulta-nos a visão dessa realidade.

O amor das mães é um poderoso ímã dos recursos divinos sem ser, entretanto, a força necessária para modificar a Lei de causa e efeito que leva a cada um, sem exceção, o resultado da semeadura, que é livre.

Podemos dizer que, se o amor das mães pedindo pelo filho não retira dos ombros dele a cruz que os martiriza, pelo menos acolchoa-os para que esses mesmos ombros sejam menos feridos e suportem melhor a cruz que têm de carregar!

Não há sofrimentos no Universo desacompanhados da Misericórdia Divina.

— Quer dizer então — indagou mais um dos componentes daquele grupo de aprendizes — que nossa irmã Clara como todos os outros serão libertados do domínio do infeliz irmão que se denomina "juiz"?

— Todos! Inclusive ele próprio um dia se cansará de sentir em si mesmo os reflexos da dor que semeia. Quem distribui o mal vive rodeado pela dor, e ninguém, por mais endurecido que esteja, suporta a dor pela eternidade afora.

Estamos apenas aguardando as instruções e a presença de irmãos da Espiritualidade Superior que nos auxiliarão no resgate dessas almas em sofrimentos atrozes, vitimadas pelas consequências das próprias decisões.

A Justiça e a Misericórdia Divina intervêm no momento que esse auxílio pode resultar no melhor proveito para o ser espiritual.

Assim tem sido com todos nós e sempre será até atingirmos a perfeição.

Nesse dia abençoado para o qual todos fomos criados, estaremos aplicando em nossas vidas o alerta de Jesus: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

ABENÇOADA ORIENTAÇÃO

A situação no lar de Ana e Cláudio sofria uma pressão constante e crescente pelos espíritos que ali se instalaram.

Na esposa, procuravam dar corpo à ideia do adultério para obter a tão desejada gravidez, ao mesmo tempo em que se fazia "justiça" contra as aventuras amorosas do marido supostamente levantadas pelo obsessivo e que não correspondiam à realidade.

Em Cláudio os obsessores estimulavam a ideia de não ter mais filhos e a possibilidade de vir a se livrar da esposa atual como já fizera, impunemente, da outra vez, ideia essa não cogitada pelo mesmo.

Essa companhia espiritual infeliz que o casal sofria à noite refletia-se na convivência diária. Discussões frequentes por motivos banais. Vibrações negativas de um cônjuge contra o outro. Desejo de separação mesclado a vingança, a desforra, tornava o ambiente daquela casa uma verdadeira praça de guerra e um local excepcional para a atuação da espiritualidade inferior.

O "juiz" comparecia quase todas as noites para aprofundar o trabalho diário realizado pelos auxiliares. Nessas ocasiões, com a ideia inicial de adultério implantada em Ana e de assassinato colocada em Cláudio, aquele espírito voltado para o mal estimulava em ambos, através de sugestões cada vez mais poderosas, as condições para que a tragédia moral fosse concretizada.

Nossa noite no sentido espiritual do que nos aguarda quando deixamos o corpo físico através do sono necessário e reparador depende do que fizemos de nosso dia! De quem selecionamos através do nosso pensamento! Já disse alguém: "Dize-me o que pensas que direi com quem andas!"

Se passamos por desequilíbrios alimentando a ansiedade, a revolta, o pessimismo, a maledicência, as discussões, atraímos companhias espirituais que se afinam com esses comportamentos e que nos aguardam pela madrugada adentro, dando sequência no mundo dos espíritos a tudo aquilo que nos permitimos durante o transcorrer do dia.

Se entendermos que cada' noite ao nos entregarmos ao repouso é semelhante a uma desencarnação em miniatura, podemos fazer uma projeção do que nos aguarda para o final de nossa existência aqui na Terra, caso persistamos no erro!

Ana e Cláudio viviam um período *difícilimo* como seres humanos e como espíritos em atritos constantes, vítimas da ausência do amor em suas vidas.

Nesse estado mental, Ana desabafou com uma amiga íntima sobre os problemas crescentes e sufocantes que vivenciava junto ao marido: ~~lame~~ Não sei o que está acontecendo conosco! De repente parece que uma coisa ruim entrou em nossas vidas! Cláudio está cada vez mais distante e agressivo, passando a impressão que está envolvido com outras mulheres! Quando falo na bênção de termos um filho, ele reage como se tivesse ouvido uma ofensa! Dormimos separados já há alguns meses porque discutimos, ele se embriaga e acaba amanhecendo no sofá da sala. À noite tenho sonhos ruins, em que uma figura de um homem estranho que não consigo ver o rosto me dá conselhos que tenho até vergonha de relatar!

O que estará acontecendo conosco?! Parece que nossa realidade se transformou em um pesadelo! Me ajude, por favor!

— Calma, Ana! Os problemas existem como oportunidades de crescermos! Você vai ver que após esse período de turbulência voltarão a ser felizes, inclusive com o filho que tanto deseja!

— Mas não consigo enxergar o fim dessa turbulência! Parece que cada vez mais somos asfixiados por mãos vigorosas! Meu Deus! O que será isso tudo?!

Assim se expressando, abraçou-se à amiga chorando copiosamente. Ana não sabia as razões dos tormentos, porque vivia distante da realidade espiritual, mas a Providência Divina, como sempre, já estava ao seu lado na figura da amiga que a consolava.

As vezes solicitamos o socorro de Deus e ficamos aguardando pelo auxílio através de um milagre ou de algum fato espetacular!

"Deus atende a criatura através da própria criatura", ensinam os Espíritos Amigos!

A Misericórdia de Deus que a todos socorre dava início, na figura daquela amiga, ao socorro que Ana e Cláudio tanto necessitavam!

— Ana — tomou a amiga —, todos temos no mundo momentos de alegria e de dores acerbadas. Sem desejar absolutamente forçá-la a ter essa ou aquela religião, gostaria que comparecesse ao Centro Espírita que frequento, onde, tenho a certeza, você encontrará amparo e explicações para o que vem ocorrendo em sua vida e a do seu marido. Já vi muitos casos dolorosos encontrarem o socorro da Providência Divina naquele local. Posso acompanhar e encaminhá-la às pessoas que buscarão o amparo de Jesus para você. Basta que assim deseje e confie! Não há ninguém desamparado pelo Amor! Se Deus nos criou para a felicidade completa, Ele vela sempre para que todos nós alcancemos essa meta. Você quer?

— Claro que sim! Não aguento mais o inferno em que estou vivendo! Por favor, ajude-me!

Dessa maneira, Ana foi encaminhada para um Centro Espírita onde as orientações de Allan

Kardec eram seguidas de maneira sólida. Infelizmente existem Centros que assim se denominam mas que, na verdade, somente lidam com a mediunidade, como se essa fosse sinônimo de Espiritismo. A comunicação com os desencarnados sempre existiu na história da Humanidade. O que caracteriza o Centro Espírita digno dessa denominação são várias características: a convicção na existência de Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação, na lei de causa e efeito e nas suas consequências. Isso tudo é que fecha o diagnóstico de Espiritismo. Associado a essas convicções precisamos lembrar a definição de espírita deixada por Kardec: é todo aquele que desenvolve luta sem tréguas contra suas imperfeições.

Isso é muito interessante e às vezes desconhecido dos próprios espíritas! Kardec não disse que o espírita é um homem perfeito, mas sim o ser humano que trabalha para eliminar suas imperfeições! Que não se acomoda com os próprios erros, embora procure compreender e perdoar os erros do próximo.

Naquele Centro Espírita onde os ensinamentos de Kardec eram seguidos de maneira segura, Ana foi ouvida por pessoas especializadas em atender os sofredores e encaminhá-los de acordo com as suas necessidades mais urgentes.

Ana foi atendida com ternura e paciência, convidada a participar das reuniões públicas onde poderia ouvir as palestras, receber o passe e tomar a água energizada.

Ao mesmo tempo, recebeu orientações sobre as modificações mais urgentes dentro do próprio lar, procurando compreender o marido sem alimentar com ele discussões desequilibrantes do ambiente doméstico. Que desse uma pausa no seu desejo de ser mãe para que o momento difícil fosse superado com mais tranquilidade. Foi lembrada da necessidade da oração sincera, profunda, que brota do coração e se dirige ao Pai de Misericórdia e Amor.

Foi deixado bem claro a ela a necessidade de realizar a sua parte para que a Providência Divina fizesse a outra, como já estava fazendo ao encaminhá-la ao socorro espiritual.

Desesperada com os sofrimentos recentes, Ana era uma alma aberta às sugestões do bem. Começou a seguir as orientações com desvelo e dedicação. O marido, embora fosse refratário a qualquer prática religiosa, embriagava-se e mal tomava conhecimento das idas da esposa até o Centro. Para ele, já estava bom o fato de Ana não incomodá-lo mais com a insistência da ideia de gerar um filho.

Mas esse caminho, encontrado por ela, punha em risco os planos do "juiz", que reagiu intensificando o ataque contra Ana quando esta se desdobrava para fora do corpo nas noites de sono físico.

Aguardando-a naquelas ocasiões, aproximou-se para o diálogo de início falsamente amigo:

—Minha filha! O que está acontecendo com você?! Está deixando-se influenciar por pessoas fracas e fanáticas?! Tenho a informação que tem ido nesse tal de Centro Espírita ouvir mentiras! Como desejo ajudá-la a fazer justiça, venho até aqui para alertá-la que naquele local você se enfraquecerá na sua luta por um filho, que é um desejo justo! Naquele local só se reúnem os fracos, os derrotados, os que perderam a força de lutar pelos objetivos, pela própria vida! Afastese de lá enquanto é tempo!

—O senhor está enganado! Lá eu encontrei pessoas amigas que prometem ajudar-me!

—Quem está enganada é você. Você está em companhia de pessoas fracas! Se insistir em continuar, nunca terá o filho que deseja tanto e, talvez, possa ter o mesmo destino que a ex-esposa do seu marido!

—O que está querendo dizer?! Que vou morrer também?!

— Sim, meu bem! Vai morrer em breve e de forma muito especial como a outra! Pelas mãos do seu próprio marido! Estrangulada aos poucos!

— O senhor deve ser um louco! O que está querendo dizer?!

—Estou te dizendo, menina atrevida, que o seu marido atual matou a própria esposa e fará o

mesmo com você!

Os espíritos amigos presentes na intimidade do quarto de Ana, mas invisíveis ao obsessor e à moça, aproveitaram o impacto da notícia sobre a jovem e administraram energias em lugar adequado do seu cérebro, causando-lhe a perda da consciência e o retomo rápido do espírito ao corpo físico. Com isso impediram que o espírito infeliz continuasse o seu assédio sobre a esposa de Cláudio.

Como o espírito denominado "juiz" não via a presença da Espiritualidade Superior naquele local, deu vazão aos seus mais desequilibrados instintos através de palavras e ameaças:

— Malditos sejam todos os espíritos da face da Terra! Se pensam que vão arrancar de minhas mãos essa nova vítima, verão quem pode mais! Vou atacar aquela casa onde espíritos fracos vão pregar o perdão e esse tal amor que não passa na realidade de uma covardia, de um mecanismo de fuga dos fracos! Vigiarei aquelas pessoas que se julgam "santas", descobrindo as suas muitas fraquezas, e mostrarei quem tem mais força! É por isso que companheiros à minha altura desenvolvem intenso combate contra esse tal de Espiritismo e desses tolos chamados espíritos! Pensam que sabem muito sobre a vida deste lado, quando, na verdade, não conhecem nem a ponta da realidade.

— Senhor! — interpelou um dos componentes da sua equipe, assustado diante da fúria revelada pelo "juiz". — Vão tentar levar-nos para aquela maldita reunião de novo?!

— Que tentem! Bando de covardes e incompetentes! Fracos metidos a anjos! Se tentarem, vou destruí-los! Quero ver quem vai se atrever a desafiar o meu poder! Não tolero essa ladainha de perdão e de amor ao próximo! O meu próximo sou eu mesmo e o resto pouco me importa! O que está bom para mim é o que me interessa, pouco importando-me o que acontece com os outros! Os covardes, os submissos que abaixem a cabeça até quebrar o pescoço! Problema deles! Comigo não! Se tiverem o atrevimento de tentar levar-me ou a um de vocês para aquele local onde os derrotados se reúnem, quebrarei tudo lá dentro! Falarei tamanhos palavras que derrubarei aquelas paredes velhas e malcuidadas! Aquele bando de pamonhas não me conhece!

Enquanto dizia isso, uma substância escura como uma fumaça densa era emitida de todo o seu corpo espiritual. O ar daquele ambiente tomava-se sufocante! Energias negativas de alta intensidade invadiam o quarto daquela casa na face da Terra. Podia-se dizer que o escuro da noite naquele local intensificara-se mais ainda!

A equipe espiritual dos amigos desencarnados pôs-se em oração emitindo sentimentos de compreensão, de paz e amor em direção ao "juiz" e seus auxiliares. Rogavam a Jesus, o Mestre amado, proporcionasse a Misericórdia Divina a todos ali presentes.

Aos poucos, como uma chuva muito fina, forte claridade foi descendo sobre todos e desfazendo as emissões escuras até então presentes.

Sentindo-se mal, embora sem identificar a razão, o espírito obsessor e seus auxiliares afastaram-se rapidamente, e Ana, de posse do corpo físico, pôde repousar pelo resto da madrugada.

Enquanto as estrelas continuavam a pontilhar bordando o negro da noite, o Plano Espiritual dedicado ao Bem providenciava as condições necessárias para que os espíritos necessitados de comparecer à reunião de desobsessão do Centro Espírita frequentado por Ana se fizessem presentes.

Era essa a reunião a que os subordinados do "juiz" se referiam.

Naquele encontro em um ambiente impregnado de Amor, os espíritos encarnados e desencarnados tentariam fazer vigorar o alerta: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

O MAL INSISTE

Devido ao fato de Ana ter ido procurar o socorro da Espiritualidade Superior junto ao Centro Espírita frequentado pela amiga, a figura do "juiz" resolveu atacar com toda a força. Era preciso impedir a ação daqueles encarnados derrotados, covardes, fracos, que confiavam numa justiça incompleta e tardia sobre as suas vítimas.

Naquela noite aguardou o sono de Ana e de Cláudio para pressionar com todos os argumentos de que dispunha para que o mal se consumasse, ou através do adultério da jovem ou de mais um crime por parte do marido, vitimando mais uma esposa.

Esperou ansioso o adormecimento da jovem e assim que o espírito se afastou do corpo não se fez esperar.

— O senhor novamente! Não desejo mais vê-lo e muito menos conversar com o senhor.

— Calma, moça! Hoje trouxe as provas do que revelei a você em nosso último encontro. Infelizmente preferiu a fuga pela perda da consciência, minha jovem! Não vai ser desmaiando que conseguirá modificar a realidade. Aliás, isso já revela o resultado dos conselhos que tem ouvido daqueles fracos do Centro onde você tem ido. Através deles nunca conseguirá realizar seus sonhos, principalmente o de ser mãe!

— O senhor achou exagero a maneira como reagi, diante da barbaridade que o senhor falou sobre a morte da ex-esposa de Cláudio, perdendo a consciência?!

— Essa atitude é um sinal de fraqueza com que os espíritas estão te contaminando. E apesar de tudo, você insiste em continuar indo àquele local! Como o ser humano gosta de sofrer! Consegue procurar as companhias menos recomendáveis, abandonando o conselho de amigos leais como eu e que podem ajudá-la a conquistar tudo o que deseja.

— Não quero continuar conversando com o senhor! Por favor, se retire da minha casa!

— Eu vou, meu bem. Antes, porém, vou te apresentar a prova definitiva do que falei na nossa última conversa. Se mesmo assim preferir os fracos que estão te enganando, depois não reclame!

Emitiu uma ordem mental acompanhada de um pequeno gesto e seus auxiliares entraram com um espírito de rosto coberto com uma espécie de véu. Conduziu aquele vulto bem à frente de Ana e perguntou:

— Conhece essa nossa amiga?

— Como posso saber, se está de cabeça coberta?!

— Então, olhe bem que vou auxiliá-la a lembrar-se. Olhe bem para esse rosto!

Dito isso, puxou bruscamente o tecido que cobria os traços daquele espírito. Ana soltou um grito de espanto, balbuciando:

— Sim! É Clara! A esposa assassinada! Pergunte a ela se estou mentindo, moça atrevida! Não fuja da verdade mais uma vez! Está aprendendo a ser fraca e derrotada com os espíritas? Está bem na sua frente aquela que já ocupou o seu lugar tempos atrás junto a Cláudio, inclusive deixando dois filhos órfãos, porque foi assassinada por ele! Vamos! Não fuja! Enfrente a realidade e confira se sou eu ou os seus amigos do Centro que estão mentindo!

A ex-esposa de Cláudio estava semi-adormecida, tamanha a dominação mental que o espírito do "juiz" conseguira impor-lhe.

Ao mesmo tempo insistia com Ana:

— Vamos! Pergunte-lhe! Ou já virou uma covarde como seus amigos da Terra?

Novamente os espíritos amigos ali presentes utilizaram da própria arma do obsessão, que causara uma grande confusão na vítima, fazendo com que Ana adormecesse e retomasse ao corpo novamente.

Furioso, amaldiçoando, proferindo palavrões, o espírito, infeliz com a fuga da vítima novamente

para o refúgio físico, gritava:

— Desgraçada! Fugiu de novo! Está envolvida pelos malditos espíritas! Mas não vou deixá-la! Ela já é minha! Minha!

Afastou-se do quarto e procurou por Cláudio, adormecido no cômodo destinado aos hóspedes, já bem menos envolvido pelo álcool. A conduta de Ana, orientada pelos amigos do Centro Espírita, não alimentando discussões, fizera com que o marido passasse a beber menos.

Desdobrado ao lado do corpo que dormia, recebeu o impacto vibratório negativo da entrada naquele local do "juiz", e seus auxiliares, que logo lhe dirigiu a palavra:

— Acorde, seu banana! Se você fosse mais rigoroso com a sua mulher, ela não estaria indo a locais impróprios como está fazendo. Acorde!

Cláudio estabeleceu sintonia com aquela figura, recuando em atitude de defesa.

— Você outra vez?! Saia da minha casa! Não quero vê-lo! Saia!

— Olha só! — exclamou com deboche o "juiz".

— O homem está valente! Esqueceu-se do crime, desgraçado?

— O que já fiz não tem mais jeito! Não quero mais você aqui na minha casa!

— Pois vou ficar! E hoje trouxe de novo a sua vítima! Lembra-se dela?!

Puxou Clara pelos ombros e colocou-a frente a frente ao ex-marido.

— Olhe-a bem, seu covarde! A sua vítima! A mãe que você tirou de seus próprios filhos! Não tem vergonha, maldito!

A intenção do obsessor era levá-lo ao máximo desequilíbrio possível para tomá-lo uma presa mais fácil, já que sobre Ana a sua investida tinha sido frustrada pela intervenção da Espiritualidade Superior.

A visão da ex-companheira tocava profundamente na consciência de Cláudio, que rememorava num mecanismo rápido e inevitável o crime cometido. Por isso que os Espíritos amigos nos ensinam que da prisão da consciência não conseguimos fugir, como também ser o inferno um estado de alma que acompanha o culpado por onde ele andar, não sendo absolutamente um local externo onde o espírito fica prisioneiro após a morte física. Na presença de sua vítima do passado, o ex-marido imediatamente teve evocado o erro do passado transformando-se num instrumento de tortura no presente daquele momento. Ele recuou, procurando esconder o rosto para não ver novamente a figura de Clara.

O "juiz" tomou ao ataque:

— Se quiser aceitar minha proposta, nunca mais retomarei aqui para atormentá-lo, nem à sua ex-esposa!

— Que proposta?!

— Ana está amolando-o com esse assunto de filho. Você, muito acertadamente, se recusa! Afinal, não tem mais idade para criar descendentes nascidos agora e, além disso, tem os filhos do casamento anterior como compromisso maior! Está certo! Eu o apóio!

— Onde está querendo chegar, desgraçado?!

— Muito simples: ajudamos você a se livrar dessa esposa atual através de um crime perfeito e nunca mais nos verá! Dou-lhe minha palavra! Desaparecemos, eu, Clara juntamente com Ana. Que me diz?

Antes que respondesse, a Espiritualidade Superior introduziu energias desequilibrantes no centro gástrico de Cláudio, já abalado pelo uso crônico da bebida, provocando-lhe dores naquela região, o que serviu para o despertar do corpo físico, obrigando o retorno rápido do espírito do marido de Ana para o veículo material.

Com mais essa presa fugindo-lhe por "entre os dedos" na hora em que iria envolvê-la de uma maneira mais séria, o espírito do "juiz" tornou-se mais agressivo ainda, começando a percorrer aquele local como se estivesse à procura de algo, franzindo as sobrancelhas.

— Não! Primeiro a esposa, agora o marido me escapa das mãos de repente?! Aqui tem coisa! Sim! Eles devem estar por trás disso tudo, os malditos "homens da luz"! Devem estar por aqui se intrometendo no que não é da conta deles! Mas não tem importância! É bom que estejam presentes para que possam assistir à derrota pessoalmente! Bando de fracos acostumados à derrota em nome de um amor que não é capaz de fazer justiça, que não é capaz de realizar a felicidade de quem acredita em suas bobagens! Estão aqui, desgraçados? Por que se escondem? Não se julgam muito fortes? Mostrem-se e lutem, bando de fracassados e covardes!

Dizendo essas palavras e minando o ódio e o desequilíbrio por todo o seu ser, esmurrava o ar contaminando o ambiente com suas vibrações altamente negativas. O espírito do obsessivo vibrava numa frequência grosseira característica da prática constante no mal. Dessa maneira, não conseguia visualizar os espíritos a serviço do bem, localizados numa frequência vibratória mais elevada e invisível para os habitantes das trevas.

Do cetro que detinha nas mãos, o "juiz" disparava uma espécie de raios magnéticos que explodiam, liberando uma energia altamente desequilibrante ao meio ambiente. Eram semelhantes a granadas que, ao explodirem, liberavam fragmentos mortais para as pessoas sob o seu raio de alcance.

Os componentes do plano espiritual em socorro naquele lar em oração pediam a Jesus por todos ali presentes, quer encarnados ou desencarnados.

Na medida em que a oração sincera e confiante no socorro do Plano Maior se desenvolvia, uma espécie de campânula construída de energias eletromagnéticas descia sobre o grupo espiritual que trabalhava em nome do amor, como também em Cláudio e Ana, adormecidos.

Os raios que partiam do cetro do "juiz" batiam nessa campânula e retomavam refletidas sobre o emissor e seus auxiliares, ocasião em que provavam do "próprio veneno".

Sentindo-se mal com o reflexo sobre si mesmo das energias desequilibrantes que emitira, o "juiz" afastou-se daquele lar, levando com ele seus auxiliares, sua frustração e o seu ódio aumentado contra os "homens da luz" e suas vítimas encarnadas.

Não havia chegado ainda para ele a ocasião de compreender que devemos colocar em prática o "reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

O MENTOR VESPASIANO

Reunidos o Mentor com os seus aprendizes em local próximo ao "charco" ele aproveitava o momento para esclarecimentos importantes.

— Meus irmãos! Assistimos a uma seqüência de atitudes lamentáveis de irmãos infelizes envolvidos pela força do ódio.

São situações que nos causam tristeza porque não é esse o destino que a Providência Divina deseja para nenhum dos seres da sua criação.

Sáimos do seio de Deus para vivermos mergulhados na paz e envolvidos pela felicidade.

Contudo, de posse do livre-arbítrio, vamos perdendo o controle de nosso egoísmo, de nossa vaidade e orgulho, pilares mestres de todos os nossos desequilíbrios.

Clara, ferida em seu amor-próprio pela traição do marido, resolve pagar na mesma moeda. Ele, por sua vez, com o orgulho ofendido, delibera pelo crime que destitui a esposa do seu corpo físico e os filhos da mãe carnal.

Ana, a esposa atual, jovem ainda, abre os ouvidos à vaidade e ao orgulho, passando a dar condições para os fatos que a envolvem.

E assim ocorre com todos os desatinos que praticamos pela longa estrada da evolução. Se formos analisar falta por falta, na profundidade de cada lima encontramos uma ou mais associações do

egoísmo, do orgulho e da vaidade. E como é difícil de acordarmos para essa realidade!

— Mentor Vespasiano! — perguntou um dos aprendizes. — A demora da interferência da Providência Divina em retirar esses irmãos do domínio do espírito chamado de "juiz", é porque existem os crimes, a consciência de culpa, a necessidade de pagar pelos desequilíbrios cometidos por nossos irmãos Cláudio, Clara e Ana?

Não há demora na interferência de Deus! Quem dita o momento exato para o socorro chegar não é a Providência que está sempre de plantão. Somos nós mesmos que permitimos, dando as condições necessárias ou não para que isso aconteça. O sofrimento é necessário não como um castigo, mas como o instrumento para o ente espiritual ser educado, voltar-se para a luz, desejar ser auxiliado, desejar mudar de vida!

— Mas Mentor! — perguntou outro aluno ali presente. — Não desejamos sofrer! Por que não damos essas condições o mais rápido possível para sermos socorridos?!

—Porque aí entram em jogo novamente as três condições de falirmos: o orgulho, a vaidade e o egoísmo!

Se atentássemos para os alertas de Jesus, não coletaríamos dívidas pela estrada afora!

Não recomendou ele reconciliar o mais depressa possível com o adversário?! No entanto, cultivamos o ódio em nome da vaidade e do orgulho! Já imaginaram na época em que a honra, ou seja, o orgulho, era lavado, como se dizia, através do ato lamentável do duelo?! Que coleção imensa de inimigos não colecionamos?! Hoje não se impunham mais as mesmas armas, mas continuamos a duelar!

— Não compreendo, irmão Vespasiano! — exclamou outro ouvinte.

—E muito simples! Uma minoria na Terra não detém a fortuna gerando tantos desequilíbrios sociais no Planeta? A arma desse duelo é o dinheiro, que não consegue saciar o seu proprietário transitório!

Não existem milhares de homens que compram o corpo de uma mulher, muitas vezes visitada pelo desespero da necessidade urgente? A arma desse duelo é o dinheiro empregado de uma das formas mais sórdidas, porque utilizado contra uma criatura em desespero e em desequilíbrio. O prazer, comprado numa ocasião como essa, nunca proporcionará a saciedade de quem o busca. Não podemos e nunca seremos felizes tripudiando sobre as desgraças alheias! Não há espaço na Lei Maior para que um irmão seja feliz utilizando-se do suor, da angústia de um outro irmão!

Por acaso não se duela pelo mando na face da Terra, empregando as armas que forem necessárias para se atingir o poder?! Armas como a mentira, as promessas nunca cumpridas, a corrupção, a traição dos sonhos de um mundo melhor, a arma da impunidade?

Por acaso não se duela por uma posição social de importância, passando o outro para trás através de negócios escusos?! E a arma da desonestidade!

Sim! Infelizmente existem muitos duelos no mundo! Duelos que vão deixando vítimas que retomam para cobrar o mal recebido.

Que dizer do duelo das guerras onde em nome do orgulho, quando não envolvem o nome de Deus, jovens perdem a vida, abençoado tesouro, partindo para o plano espiritual em extrema derrota?

Essas atitudes ao longo da estrada evolutiva têm o seu preço, porque, ninguém burla a Lei para sempre.

— Quer dizer então que o sofrimento não é uma punição *de* Deus, um castigo, como se entendia desde há *longo* tempo? — formulou a questão um ouvinte em dúvida.

— O Deus que nos criou nunca castiga a nenhum dos seus filhos! O objetivo da Providência é educar-nos para o bem, para o amor. Entretanto, o deus que nós criamos à nossa imagem e semelhança, esse castiga!

—Desculpe-me, Mentor! Agora estou mais confuso! — tomou o mesmo aprendiz.

—Mas não vai ficar por muito tempo assim. É bastante fácil de entender.

Temos tão pouco conhecimento que não conseguimos compreender em toda a sua grandeza o Deus

que nos criou. Dessa forma, acabamos por criar um Deus de acordo com a nossa imaginação, colocando nesse Ser defeitos que temos em nós mesmos! Jesus revelou-nos o Pai verdadeiro quando disse que nenhum pai da Terra seria capaz de estender um pedaço de pedra a um filho que pedisse por um bocado de peixe para matar a fome, quanto mais nosso Pai Celestial! Se o pai da Terra age assim, por que imaginar que Deus fosse capaz de outra atitude? Em nossa frágil concepção do Criador achamos que isso é possível e por isso acreditamos que Ele seja capaz de castigar, de punir, de sentir-Se bem com o sofrimento de seus filhos.

O que estou tentando explicar é que o Deus que nos criou jamais castiga. Temos muita dificuldade de entender isso porque vivemos nos relacionando com o Deus antropomórfico que criamos e a quem transferimos reações nossas!

Portanto, o sofrimento é a colheita da livre sementeira que fizemos com o objetivo de nos trazer de volta para o caminho correto. Uns respondem mais rápido à ação da dor. Outros, mesmo sofrendo, resistem amparados pelo orgulho, egoísmo ou vaidade.

— Podemos dizer, Mentor — indagou outro interessado em aprender —, que a irmã Ana representa aqueles que cansaram mais rápido de sofrer, procurando o socorro no Centro Espirita?

— Sim. A partir do momento em que desejou mudar o rumo de sua vida para ser feliz com o marido, abriu as condições para o auxílio da Providência Divina, como temos visto nestes últimos dias. A irmã optou pelo Amor e a essa força nada é capaz de resistir!

— Mentor! Nossos irmãos serão levados à reunião no Centro Espirita para o diálogo esclarecedor?

— Vamos estudar a situação de cada um para ver como isso será feito. É preciso muito amor para esclarecer aos que são a causa da dor. Esses irmãos portam o sofrimento que semeiam dentro de si mesmo. Por isso, ao se manipular uma ferida na procura de curá-la, é preciso muito amor para que doa o menos possível! Se vamos convidar esses irmãos para a bênção do Amor, não pode faltar em nós a presença desse mesmo Amor no trato com os sofredores.

Quando os encarnados estiverem com as providências tomadas naquele plano da vida, realizaremos o necessário do nosso lado para que o socorro a todos seja providenciado.

Agora, vamos rogar a Jesus por todos os necessitados da Misericórdia de Deus, começando por nós mesmos!

Com uma prece sublime originada nas fibras mais íntimas do seu ser, o irmão Vespasiano rogou o socorro da Providência Divina para todos os seres da Criação presos ao vale de lágrimas, necessitados de entender o mais rápido possível que é necessário o "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

NO CENTRO ESPÍRITA

Enquanto esses esclarecimentos ocorriam no plano espiritual, Ana era orientada no Centro Espirita para que pudesse compreender, ao menos parcialmente, o mecanismo de todos os acontecimentos que envolviam-na e ao marido, já que a ignorância é a maior fonte dos males que visitam as nossas vidas

A pessoa encarregada dessa tarefa conversava com ela:

— Ana. É preciso que entenda, mesmo que aos poucos, a trama em que você e outras pessoas e espíritos estão envolvidos. Dessa maneira, você poderá colaborar com você, conosco e com a Espiritualidade amiga, resultando alívio aos problemas que enfrenta.

O que acha que somos, Ana, no sentido espiritual da existência?

— Não entendo quase nada, mas com esse pouco tempo que tenho vindo ao Centro, entendo que somos espíritos estudando na escola da Terra.

— Esse pouco que sabe, Ana, representa muito perante a grande maioria dos homens que, não sabendo disso ou não se importando com essa realidade, corre desesperadamente toda uma existência atrás dos valores materiais da vida como se, satisfazendo o homem físico, pudesse entrar na posse da felicidade que tanto desejamos, buscando- a por caminhos tortuosos e comprometedores, sem nunca encontrá-la.

Gostaria de saber o que compreendeu sobre o que ocorre conosco após a morte desse corpo.

— O nosso espírito vai para o lugar que merece no Plano Espiritual.

— Repare bem o que disse; "o nosso espírito vai..."!

Na realidade somos nós mesmos que vamos, porque, somos esses espíritos e não um corpo físico. Esse corpo é nosso instrumento de trabalho na Terra. E nossa vestimenta transitória, que vai se acabando com o passar do tempo, preparando para libertar-nos como espíritos no instante da morte. Essa verdade, Ana, é difícil de ser compreendida. A grande maioria afirma que a alma ou o espírito vai para tal lugar, quando na realidade somos nós que iremos para algum local no plano espiritual! Essa tomada de consciência que somos espíritos é difícil! Nos identificamos mais com o ser material. Não conseguimos absorver o fato de que somos espíritos transitoriamente na posse de um corpo.

Achamos, erradamente, que somos um corpo que por acaso possui uma alma que fica guardada em algum cantinho do corpo e que um dia despertará com o fenômeno da morte física. A realidade é que como espíritos usamos e, muitas vezes, abusamos desse corpo de carne que é o nosso abençoado instrumento de trabalho! Se não conseguimos entender isso, quanto mais viver de acordo com essa realidade! Daí se origina toda a dificuldade de vivermos melhor quando encarnados e investindo no bem para o crescimento nosso como espíritos imortais!

E o que você acha que acontece com os nossos sentimentos, com o nosso livre-arbítrio, com a nossa vontade quando desencarnamos?

— Não entendi bem a pergunta!

— O que estou procurando explicar é que continuamos a ser no outro lado ou na outra dimensão da vida exatamente como somos em termos de sentimentos, de desejos, da capacidade de amar ou odiar. Ou seja, a morte não realiza milagre nenhum! Continuamos a ser como exatamente fomos enquanto na posse do corpo material. Se aqui na Terra somos capazes de odiar, de ser desonestos, adúlteros, viciados, continuamos a ter os mesmos sentimentos do outro lado. Não há nenhuma transformação no que se refere ao ser imortal, ao espírito no que se refere ao seu caráter! Aliás, quando estamos no planeta entendemos as coisas espirituais como algo sobrenatural, quando na verdade tudo é natural, porque faz parte da Natureza que ainda desconhecemos totalmente! Quando quisermos entender alguma coisa, qualquer coisa, do mundo dos espíritos, basta lembrar que eles nada mais são do que seres vivos, inteligentes, que como nós um dia aqui viveram e para lá retornaram após a morte da vestimenta carnal. Ou seja, os espíritos são os homens de ontem fora do corpo material, como também o seremos um dia. Tudo o que o homem aqui na Terra é capaz de sentir, de desejar, de querer, os espíritos também o serão. Portanto, quando quisermos entender os sentimentos dos seres que estão no outro plano da * Vida, basta perguntar para nós mesmos se seríamos capazes de agir assim ou de sentir isso ou aquilo e teremos enorme facilidade de entender o que se passa na outra dimensão da existência.

Essa é outra realidade difícil de ser entendida pelos homens.

Julga-se que, ao partirmos para a outra realidade da Vida, adquirimos, como num passe de mágica, as qualidades que não tínhamos enquanto na vida física. Isso nunca ocorre! Quem é capaz de amar, de odiar no corpo, vai continuar sendo capaz de odiar como espírito desencarnado!

O único milagre que a morte apresenta é a continuidade sem saltos da Vida!

— É! Isso não é fácil de entender, não!

— Mas é preciso, porque é a realidade de Deus! O que achamos, no que acreditamos, não anula a grande Verdade que nos aguarda. Muitas pessoas escondem-se, como se isso fosse possível, atrás de

sua descrença em Deus, na continuação da vida após a morte, para continuar sua vida no erro, no mal, no custe o que custar para ser feliz. Doloroso engano, porque a realidade que impera independe da nossa crença ou descrença nela. As Leis do Pai dão a cada um segundo as suas obras, não pedindo a nossa permissão ou aval para isso. Colheremos sempre o que plantamos independentemente de acreditarmos ou não. Por isso é mais cauteloso considerar essa realidade do que negá-la para poder continuar no erro de consciência em "paz", se é que isso é possível!

Conseguiu entender um pouco agora?

— Consegui, mas gostaria de aprender muito mais porque o assunto é fascinante e grave!

— Muito grave, Ana! Muito mais do que possamos imaginar! Não aceitando essa realidade, somos vítimas fáceis de espíritos desencarnados dedicados, temporariamente, ao mal! Eles próprios desejam que não acreditemos nisso tudo para que possam continuar disseminando o mal sem serem descobertos!

E isso que deve estar ocorrendo com você e o seu marido.

— Comigo?!

— Está vendo como são as coisas?! Sempre achamos que conosco essa realidade não se aplica. Qualquer pessoa pode estar sob a influência de espíritos transitoriamente dedicados ao mal! Algumas mais, outras menos, mas todos podemos ser influenciados por eles, Ana!

— Mas como o senhor chegou a essa conclusão?!

— Esse homem, que você nos contou que encontra nos "sonhos" enquanto dorme, é um espírito infeliz, desejoso de instalar o desequilíbrio, a desarmonia em seu lar.

— Enquanto durmo?!

— Sim, Ana, porque quem dorme é o corpo! Está vendo como perdemos facilmente a noção de que somos espíritos dentro de um corpo físico?

Enquanto repousa, o corpo liberta o espírito que no plano espiritual pode encontrar outros espíritos. O sono reparador para o corpo físico não atinge o ser espiritual, que consegue, nessas ocasiões, maior liberdade para viver na realidade espiritual da existência. Sempre que o corpo diminui sua influência sobre o ser espiritual como no sono ou nas enfermidades graves, o espírito consegue *afastar-se dele e viver* de forma mais consciente a realidade do mundo dos espíritos, de onde veio e para onde retornará um dia. É por isso que muitas pessoas gravemente enfermas começam a relatar o que vêem com os olhos do espírito e as pessoas que estão à sua volta acham que estão delirando pela doença que a vítima naqueles dias. Não. Estão, na realidade, vivendo mais intensamente o mundo dos espíritos para onde se preparam para retornar revido, mesmo ainda na carne, as realidades daquele plano. Podem ver familiares que partiram antes e que vêem recebê-los naquela hora. No entanto, ao relatarem essa realidade, são tachados de estar delirando! Tudo porque não acreditamos firmemente na continuação da outra realidade da vida!

Nessas ocasiões do seu repouso corporal, esse irmão desejoso de fazê-la sofrer encontra você no plano espiritual, ocasião em que aproveita para agir! E, veja bem, durante o dia ele também pode aproveitar para influenciá-la através do pensamento invigilante!

— Como é difícil entender! Esses seres seriam aquilo a que chamam de demônios, diabo ou satanás?!

— Esses seres são nossos irmãos, Ana! São filhos de Deus como qualquer um, com os mesmos direitos e deveres, submetidos às mesmas Leis de Amor! E a maldade do homem que os faz vê-los dessa maneira. São irmãos em temporário equívoco que abraçam o mal e o semeiam, sendo, contudo, vítimas desse mesmo mal. São alunos aprendendo com a dor que o mal não compensa. Não existe nenhum ser condenado eternamente ao mal. Tudo é uma questão de tempo. Serão trabalhados pelas consequências dolorosas do mal que fazem ao seu próximo, acabando por aprender que essa escolha perante a vida não compensa. Quando isso ocorre, serão recebidos pela Misericórdia Divina como o filho pródigo da parábola ensinada por Jesus. Serão recebidos nos braços amantíssimos do Pai para

realizarem a difícil tarefa da própria regeneração, recolhendo os frutos amargos da sementeira que realizaram livremente perante a própria consciência. O perdão para eles, como para todos nós, virá através de oportunidades dolorosas de reparar o mal livremente semeado na longa estrada da vida em busca da perfeição!

— Como é difícil entender toda essa realidade! Quantas pessoas vivem iludidas em suas religiões buscando um perdão fácil de Deus para seus erros! Se pudessem imaginar como funciona a Lei, jamais usariam da vida para fazer o mal a quem quer que seja!

— A dificuldade está em não tomarmos conhecimento, de uma vez por todas, de que somos espíritos imortais e não o homem físico que acostumamos a ver diante do espelho todo dia! A hora que entendermos isso, ficará fácil entender o resto. Somos espíritos e como tal também nos relacionamos e somos influenciados pelos desencarnados! A partir desse fato fica fácil entender toda a sequência lógica das coisas.

— Quer dizer então que esse "homem", que vejo e com o qual converso nos meus sonhos, na verdade é um espírito tentando me fazer o mal?!

— É, Ana! Você pensa que é um sonho ruim, mas na verdade está, como espírito que é, tendo um contato com um outro espírito desejoso de fazer- lhe o mal.

— Mas por quê?! Nem o conheço, nunca o vi?!

— Para quem deseja fazer o mal, não é preciso existir motivos. Fazem o mal pelo prazer de ver o sofrimento do semelhante. Nutrem-se desse sofrimento porque se julgam acima da Lei. Acreditam que o mal que semeiam é um refúgio que impedirá que sejam alcançados pelos mecanismos infalíveis da Justiça de Deus. São filhos que temem o pai porque ainda não o compreenderam e se escondem no mal após fazer as suas artes.

— Mas como fica Deus nessa hora?! Permite que assim seja?!

— Ah! Essa é a primeira defesa nossa. "Onde está Deus que permite que aconteça essas coisas?", é o nosso primeiro pensamento. Entretanto, quando somos nós os autores do sofrimento que atinge nosso semelhante, não perguntamos onde está Deus! Está vendo como agimos com dois pesos e duas medidas?!

Na hora em que sofremos o mal perguntamos por Deus. Mas nas ocasiões em que fazemos o mal, nos esquecemos de Deus, que nos recomenda amar ao semelhante!

— Desculpe-me!

— Não, minha filha. Somos assim mesmo. Todos nós somos ou já fomos assim.

Nesses momentos em que o sofrimento chega e perguntamos por que Deus não fez nada, Ele está fazendo através de Leis perfeitas que permitem o livre-arbítrio de cada espírito e determina que a cada um seja dado segundo as suas próprias obras. Ou seja, somos livres para fazer o mal, mas obrigados a colher as suas consequências.

O espírito que procura levar desarmonia para seu lar, está sob a vigilância dessas Leis Maiores, que um dia farão retornar sobre ele as consequências dos seus erros.

Quanto a nós, que sofremos o mal, este nos atinge na medida de nossa invigilância. Esquecemos também do alerta: orar e vigiar! Corremos tanto como seres humanos, que nos esquecemos da imensa maioria dos alertas de Jesus.

Só na hora da dificuldade, do aperto, é que exclamamos: onde está Deus?! A resposta correta é que Ele está onde sempre esteve e sempre estará. Aguardando que caminhemos até Ele para sermos *felizes* para sempre, utilizando os nossos próprios esforços, vencendo as dificuldades que, através do orgulho, da vaidade e do egoísmo, construímos para nós mesmos. Deus é tão grandioso, que deseja que sejamos os verdadeiros construtores de nossa própria felicidade para que possamos desfrutá-la plenamente como seus reais proprietários! Se essa felicidade nos fosse dada por Ele de forma gratuita, ela nunca seria total, por não ter sido de nossa autoria. Sempre restaria uma restrição pelo fato de ter sido ganha e não conquistada. É lógico que no atual estágio evolutivo em que nos

encontramos onde predomina o egoísmo, o orgulho e a preguiça, gostaríamos que essa felicidade viesse de graça! Mas quando crescermos espiritualmente, entenderemos de outra maneira, sentindo-nos realizados por termos conquistado de próprio esforço a paz e a felicidade que irão acompanhar-nos, onde formos, como propriedades nossas!

—E agora, como os espíritos poderão ajudar-me?

—Existem reuniões chamadas de desobsessão, em que esses irmãos infelizes são trazidos para serem esclarecidos de que a prática do mal gera a dor também para quem o pratica.

É um trabalho muito difícil. Cada espírito encontra-se em um determinado grau de insensibilidade. Mas, com o auxílio dos Mentores do Plano Espiritual, vamos, aos poucos, procurando mostrar a esses irmãos, temporariamente voltados para o mal, que essa conduta não compensa.

— E isso vai ocorrer no meu caso também?

—Sim, Ana. Vai ser necessário esclarecer alguns espíritos envolvidos para que a paz possa retornar em sua vida e na de seu marido.

Entretanto, não se esqueça de que sua conduta e a de Cláudio são importantíssimas nessa tentativa de modificar o espírito perseguidor!

Não podemos e não devemos cruzar os braços esperando que os Espíritos amigos façam tudo sozinhos. Esses irmãos infelizes têm o hábito de vigiar-nos ininterruptamente para anotar nossos defeitos e com eles justificarem a sua ação de justiceiros, que leva a cada um o castigo, na versão deles, que cada um merece pelos erros cometidos. De tal forma, que é necessário uma real transformação para o bem da pessoa que está na mira deles, demonstrando a reforma íntima necessária para colocar-nos fora do alcance de sua maldade. Eles mesmos possuem o discernimento de constatar, embora contrariados, que mudamos de vida, que optamos pelo bem, pelo exercício do Amor, e isso os afugenta, por sentirem-se mal na presença da luz. A cota de serviço que cabe a cada um de nós, os espíritos amigos não farão. A mudança de vida é uma tarefa intransferível de cada pessoa. Sem a realização dessa tarefa, os amigos espirituais se verão limitados no socorro que poderão nos trazer por uma *questão da própria* Justiça, que determina dar a cada um segundo as suas obras.

Temos que ser os primeiros a entender a advertência de Jesus: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

PLANEJAMENTO E RESGATE

No Plano Espiritual, o Mentor Vespasiano, com o auxílio de mais duas Entidades acostumadas à tarefa que estava sendo planejada, aproveitava para fornecer mais esclarecimentos e orientações aos aprendizes.

— Caríssimos! Com a chegada de mais dois de nossos irmãos habituados ao planejamento de resgate de espíritos sob o jugo de irmãos infelizes, como estamos estudando com a figura denominada de "juiz", nos aproximamos do momento de providências mais efetivas.

Como já dissemos, a dor trabalha muito em favor do soerguimento moral de todas as criaturas.

Estamos em fase final para retirar a nossa irmã Clara e mais três entidades em sofrimento do domínio em que se encontram, levando-as na reunião junto aos nossos irmãos encarnados para esclarecê-las e redirecioná-las para a recuperação em outros locais do plano espiritual.

Sob as bênçãos de Jesus esses irmãos nossos, transitoriamente desviados da luz, reiniciarão o caminho de volta ao progresso espiritual.

Teremos que penetrar nas regiões dominadas pela infeliz entidade denominada "juiz", que se sente proprietário daqueles que estão sob seu jugo.

E uma ação muito delicada onde nossa arma será o Amor, sempre o Amor!

Não permitamos que em nossos pensamentos se formule nenhum tipo de julgamento. Todos temos em nosso passado espiritual, próximo ou remoto, mazelas suficientes para causar vergonha em quem quer que seja.

Diante da mulher adúltera, Jesus não emitiu nenhum julgamento, apenas aconselhou-a a não pecar mais! Será que podemos criticar a alguém sob o ponto de vista dos erros cometidos?!

Sejam quais forem as cenas que venhamos a contemplar em nossa missão para resgatar esses companheiros da retaguarda, que nenhum de nós permita-se recriminações a ninguém. Se formos tentados a julgar, lembremo-nos de nosso Mestre Jesus que,, do alto da cruz que ele nunca mereceu, pedia a Deus perdão por todos os homens porque não sabiam o que faziam!

Da mesma forma, nossos irmãos dedicados ao mal não sabem o que fazem!

Se pudessem entender a sementeira de sofrimentos que realizam para si próprios, abandonariam correndo as atitudes que vêm tomando e às quais dedicam anos a fio de suas vidas. Colheitas de séculos afora os aguardam no mecanismo de ação e reação!

Por isso mesmo, não é necessário o nosso julgamento. As Leis de Deus a cada um darão segundo as suas obras!

— Mentor, poderemos ser agredidos se formos descobertos em nossa tentativa de retirar esses irmãos dessa região? — indagou um dos aprendizes.

— Sempre que estamos trabalhando por Amor e em nome do Amor, não devemos temer nada! Tentar a agressão qualquer espírito encarnado ou desencarnado sempre pode; o importante é não entrarmos na faixa vibratória do ódio. Se sintonizarmos com o mal, seremos vítimas do mal.

É indispensável mantermos nossos pensamentos em Jesus, implorando misericórdia para todos que caminham em busca da perfeição.

— Mentor Vespasiano! — indagou outro aprendiz. — A prece, o pensamento no bem cria um escudo protetor contra as emanções do ódio?

—As vibrações do Amor como as vibrações do ódio são de alta ou baixa frequência.

Se conseguirmos manter nossas vibrações acima daquelas existentes nos irmãos que habitam essa região e, portanto, em outra faixa vibratória, sem nos sentirmos melhores do que eles, teremos a proteção necessária para trabalhar em nome de Jesus.

—Mentor!—exclamou outro espírito presente para aprender. — Como vamos entrar nessa fortaleza defendida pelo mal sem sermos percebidos?

— Pediremos o auxílio dos Planos Maiores da Vida que se estendem ao infinito para que nos socorram em nossa fragilidade, em nossas mazelas morais, permitindo que trabalhemos em nome do Amor!

Dito isso, Vespasiano convidou a todos a elevarem seus pensamentos a Deus e a Jesus, implorando socorro para todos aqueles espíritos envolvidos pelo ódio e torturados pelo sofrimento:

— Mestre querido! Somos os menores de teus servos atrevendo-nos a socorrer irmãos infelizes em teu nome.

Ampara-nos em nossa intenção, Senhor!

Somos todos viajantes da estrada evolutiva onde não podemos crescer abandonando às margens da Vida os caídos, os sofredores, os mergulhados no ódio.

Não podemos passar por eles indiferentes porque já fomos e continuamos a ser eternos necessitados da Misericórdia e do Amor de Deus!

Tivemos e teremos que ser recolhidos por mãos mais generosas e firmes pela longa estrada em busca da perfeição!

Nesse momento em que para nós se apresenta a oportunidade de servir em Teu nome, seja para nós o arrimo que tanto necessitamos.

Apazigua os corações envolvidos pela energia devastadora do ódio!

Dá a essas consciências um minuto de lucidez para que possam refletir melhor e modificarem-se,

optando pelo Amor e pelo perdão!

Anula em nós qualquer ideia de estarmos fazendo alguma coisa por mérito próprio, Senhor!

Auxilia-nos para que nossas mãos sejam aceitas pelos irmãos em sofrimento nesse local, que jamais esteve abandonado pelo Amor!

Temos a convicção do teu auxílio neste momento grave para todos porque teu é o trabalho e a vitória, senhor Jesus!

As três entidades mais evoluídas, irmão Vespasiano e os outros dois recém-chegados de planos mais elevados, formavam um poderoso dínamo sobre o qual caía uma luz muito tênue e que era direcionada para as regiões de trevas denominadas "charco".

Aos poucos a luz discreta estendeu-se como um manto delicado sobre os espíritos sofredores, como se uma pausa estivesse sendo dada aos corações e mentes em desequilíbrio.

Aquele manto luminoso discreto, mas contendo energias previamente preparadas para aquele objetivo, invadia todos os mais íntimos locais do "charco".

Tanto o "juiz" como seus auxiliares sentiram uma espécie de sonolência, relaxando a atenção sobre si mesmo e sobre os espíritos ali feitos prisioneiros.

Poder-se-ia dizer que aquela luminosidade envolvente estava impregnada de alguma substância anestésica, preparando o local para a ação dos Espíritos em trabalho no bem.

— Pronto! — disse Vespasiano, retomando da profunda concentração em que a prece o mergulhara. — Podemos trabalhar em nome do Amor! Entretanto, volto a recomendar que não formulemos nenhum julgamento.

As perguntas deverão esperar por hora mais apropriada. O importante agora é o socorro aos necessitados!

Trabalhem com Jesus e por Jesus!

As três entidades de maior evolução abriam caminho pela escuridão da região com discreta luminosidade do próprio espírito, auxiliadas pela cobertura de delicada luz que o manto de energias positivas estendera no local, após a prece.

Clara foi localizada pela equipe de socorro apresentando-se bem mais calma pela ação da energia que se derramava sobre a região e os seus habitantes.

Foi colocada em uma peça semelhante à maca utilizada nos hospitais da Terra e carregada para fora daquela região por mãos delicadas mas vigorosas.

O espírito envolvido com os desequilíbrios cometidos no campo da política; o espírito comprometido com o assassinato dos próprios pais e o espírito da infeliz irmã endividada pelo adultério e pelo aborto, também foram retirados daquele local. Teriam a oportunidade de um novo recomeço, abrindo-se ao arrependimento. Também foram carregados da mesma maneira de Clara, em macas apropriadas àquele tipo de socorro.

Dirigiram-se a um local no Plano Espiritual semelhante a um pronto-socorro dos hospitais da Terra, onde os espíritos que necessitavam de um atendimento mais urgente eram atendidos.

Próximo da crosta terrestre, os espíritos resgatados do "charco" seriam preparados para prosseguir viagem tanto para junto dos encarnados em reuniões de desobsessão, como para as colônias espirituais, onde seriam acolhidos em hospitais especializados na recuperação dos seres mergulhados nas próprias mazelas morais.

Estando todos acomodados, o Mentor permitiu perguntas para o esclarecimento de dúvidas que pudessem ter surgido durante a tarefa realizada com sucesso.

— Mentor! Aquela cortina de luz dirigida para o "charco" possuía alguma coisa calmante para os espíritos daquela região?

— Sim. Podemos dizer que as energias de alta vibração, derramando-se sobre as vibrações grosseiras, possuem efeito de abrandamento dessas últimas. Se quiserem usar de uma imagem para entender melhor, podemos dizer que continham "substâncias tranquilizadoras", à semelhança da

medicina dos homens, que administra recursos terapêuticos em pacientes em profunda agitação e agressividade, no campo da Psiquiatria.

— Mentor! — perguntou outro aprendiz. — Até o próprio "juiz" foi atingido?

— Quanto mais necessitado, tanto mais é socorrido pela Misericórdia Divina. Jesus não dizia que não havia vindo ao mundo por causa dos justos e sim pelos pecadores?! Pois então! O nosso irmão infeliz, sendo o maior necessitado por ser o responsável principal pelos sofredores feitos seus prisioneiros, passa a atrair a maior dose de remédio da Espiritualidade Superior.

—Mentor Vespasiano! —manifestou-se outro em dúvida. — Qual será a reação do "juiz" ao acordar desse momento e constatar o que ocorreu?

— Provavelmente retornará às suas reações características, porque a cura se faz de dentro para fora. A pausa fornecida pelo socorro do Alto foi passageira porque a luta em busca da recuperação moral definitiva se faz no interior e do interior para fora do ser. E o que é mais importante! É uma luta pessoal, íntima, onde o interessado deseja realmente a mudança! Não pode ser feita por terceiros. Jesus deixava isso bem claro quando ensinava que, quem desejasse segui-lo, tomasse a sua própria cruz e o fizesse. Primeiro tem que existir a vontade de mudar. Depois, há que ser realizado o trabalho pelo próprio interessado na mudança!

Quando nosso irmão se dispuser a isso, encontrará também mãos amigas que o ampararão em nome da Providência Divina.

—Irmão Vespasiano! Tenho uma dúvida em relação ao esclarecimento dos espíritos sofredores — colocou a questão outro participante. — Por que não podem ser esclarecidos sobre tudo o que necessitam aqui mesmo no Plano Espiritual? Não seria mais fácil entenderem, já que estão fora do corpo físico?

—Muito bem, meu filho! Sua dúvida é interessante. Não existe uma grande diferença entre não ter mais um corpo físico no sentido material e estar mentalmente ligado ao mundo dos encarnados! Ou seja, perdemos o corpo de carne mas não conseguimos desencarnar no sentido de continuarmos presos aos valores do mundo!

Nesses casos, o espírito necessita da vinculação por alguns minutos com o médium para que, mesmo indiretamente, estando aconchegado a um veículo material, possa entender melhor as explicações que recebe através do irmão encarregado da doutrinação do espírito em desequilíbrio. Como está mentalmente dependente do mundo físico, é através desse mundo que irá ouvir melhor e entender os ensinamentos de que tem necessidade.

Vamos dar um exemplo para que todos possam entender mais claramente: se alguém vai para um país do qual não fala a língua daquele povo, necessita de um intérprete para entender e fazer-se entendido. Pois bem, o espírito que, ao perder o corpo físico continua preso aos valores do mundo material, é semelhante a alguém que foi para um país que não compreende a língua desse novo povo. Existem espíritos desencarnados que se sentem estranhos, intrusos, no mundo dos espíritos. São semelhantes ao viajante que foi para um país do qual não domina o idioma falado! Necessitam de um intérprete para compreender essa nova moradia. Esse intermediário surge na figura do médium que possibilita que o desencarnado aconchegue-se ao mundo material e receba os ensinamentos sobre a sua nova realidade.

Conseguiu entender agora?

— Como a maioria dos espíritos encarnados não possui, nem de longe, a mínima ideia do que seja a continuação da Vida!—exclamou o aprendiz. E o estranho é que viemos daqui, mas, quando mergulhamos na carne, toda essa realidade se apaga de nossas mentes!

— Infelizmente é uma realidade! Devido à nossa pouca evolução, a matéria exerce sobre o espírito encarnado uma atração e uma tentação muito fortes. Os instintos ainda não dominados afloram pedindo a sua satisfação. É onde o sexo, as drogas, a desonestidade começam a falar mais alto dentro do espírito pouco firme nas suas conquistas evolutivas. Muitos preferem não crer em nada

para sentirem-se livres no mundo e seus prazeres, como se fugir propositadamente do conhecimento pudesse justificar os erros! O Cristo foi claro: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Não basta ler o Evangelho, que traz os ensinamentos de Jesus. É preciso entendê-lo e colocá-lo em prática! A verdade nos ubertará do quê? Da sucessão dos sofrimentos, resultado da colheita dos erros que vamos cometendo ao longo da estrada da existência.

Outros colocam a dúvida na continuação da vida, como um mecanismo de fuga que justifique a busca de valores materiais!

Outros crêem, descrendo. Nessa situação acabam por afrouxar a vigilância e se entregam às recompensas rápidas da Terra!

Vários frequentam uma religião apenas exteriormente, iludindo-se que cumpriram sua função de cristãos ao ir em determinado dia da semana em sua casa religiosa!

Milhares fedam em Deus apenas para cumprir aparências sociais, sem viver uma só linha dos ensinamentos de Jesus!

Raros são aqueles que possuem a coragem de viver servindo sem a preocupação de ser servido. Esses poucos conseguem comportar-se adequadamente para a grave realidade que a todos aguarda além do túmulo!

Após **2.000** anos dos ensinamentos de Jesus, depois de séculos em que espíritos grandiosos viveram no mundo exemplificando esses ensinamentos, estarmos como estamos na marcha evolutiva!

A imensa maioria das criaturas humanas prefere comprometer-se com os valores do mundo e deixar para depois a realidade espiritual. Com essa conduta, sente-se extremamente deslocada deste lado da existência.

Não conseguem falar a mesma língua! Necessitam de intérpretes, encontrando-os em médiuns dedicados dispostos a acolherem esses irmãos em seu perispírito através da mediunidade, onde são esclarecidos sobre o enorme tesouro atirado fora através do tempo perdido!

Esclarecidos sobre a coleção enorme de dores que provocaram por não terem ouvido o alerta: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

DIÁLOGO COM OS ENCARNADOS

A noite estava programada e sendo preparada para receber espíritos sofredores necessitados de manifestarem-se pela via mediúnica.

Os espíritos amigos acompanhavam os médiuns durante o seu dia na carne, sugerindo a eles pensamentos construtivos para que, à noite, dessem as melhores condições possíveis para o acoplamento espiritual com os desencarnados. Engana-se quem pensa que as necessidades de uma sessão mediúnica são preenchidas no momento da mesma. O preparo antecede de dias ou horas, conforme a gravidade dos problemas a serem tratados, se quisermos resultados positivos e reconfortantes.

Os companheiros espirituais preparavam o exterior e o interior do Centro Espírita, promovendo a higienização do ambiente, à semelhança do preparo de um lar na limpeza diária indispensável, que auxiliasse a entidade necessitada do contato com os encarnados.

Barreiras de isolamento com cargas energéticas apropriadas na defesa do local eram instaladas ao redor do prédio físico do Centro. Tinham o objetivo de evitar a entrada de espíritos perturbadores com a finalidade de tumultuar o ambiente.

Ou seja, do lado espiritual da existência, todas as providências eram tomadas pela Espiritualidade amiga, para o bom proveito daquela noite.

O Mentor Vespasiano juntamente com os seus aprendizes estavam presentes aproveitando toda lição que permitisse um novo e saudável conhecimento da realidade da vida que a todos aguarda.

As perguntas não se fizeram esperar:

— Os encarnados têm noção do trabalho realizado no Plano Espiritual, Mentor? Possuem eles o entendimento da parte que lhes cabe fazer?

— Existem vários livros que procuram descrever o assunto, ditados por companheiros nossos da Espiritualidade e recebidos por médiuns idôneos. Fontes de estudos para terem uma ideia do problema os irmãos encarnados possuem. Entretanto, a necessidade inadiável do estudo muitas vezes pesa em demasia na boa vontade de cada um, fazendo com que acabem por largar esse estudo para um plano não recomendável. Além do mais, sem exigirmos perfeição de quem quer que seja, já que isso é impossível no presente estágio evolutivo em que nos encontramos, ao lado do conhecimento há a necessidade de irmos, aos poucos que seja, colocando em prática aquilo que aprendemos. Assim como a fé sem obras é morta, o conhecimento sem aplicação permanece inútil no sentido de nosso aprimoramento moral.

O mais importante é nossos irmãos ainda no corpo demonstrarem fé na Providência Divina, realizando a cota de trabalho que lhes cabe realizar naquele plano da vida.

Na parte que nos toca para o bom andamento na busca do amparo que nossos irmãos sofredores necessitam, continuemos cumprindo com a nossa responsabilidade.

— Mentor! — perguntou um outro. — As barreiras vibratórias impedem a entrada no ambiente de espíritos desejosos de perturbar o ambiente?

— Impede em termos. Vou explicar. As entidades espirituais perturbadoras não conseguem entrar, mas o grande perigo é representado pela ligação às mentes não vigilantes de irmãos encarnados que permitem a sintonia! Ligadas a essas mentes que estão dentro do recinto, emitem suas ideias aqui de fora, que são captadas, conduzindo à conturbação do plano vibratório! Vejam a enorme responsabilidade das pessoas integrantes desse grupo! Se o participante teve um dia desequilibrado, ele pode permitir a ligação do seu pensamento com o de entidades espirituais em idênticas condições e gerar obstáculos sérios para a realização do trabalho a ser desenvolvido.

— Os irmãos na matéria sabem desse risco?

— Sim. Ou pelo menos deveriam saber através do estudo da Doutrina Espírita que fornece dados para tal conhecimento. Da mesma forma, permanece a responsabilidade de cada um. A ignorância daquilo que temos toda a possibilidade de conhecer não pode ser alegada para justificar falhas pessoais de ninguém. O preparo para as reuniões mediúnicas, na verdade, é feito durante toda a vida do médium e não somente alguns dias ou horas antes do mesmo. O trabalhador, que se prepara de última hora, não atinge o nível possível de ser alcançado. Segundo, estar preparado para a tarefa, que temos a responsabilidade de realizar, é um dever de todos os momentos. Não se é médium apenas no interior do Centro Espírita e dentro dos limites de tempo marcado pelo relógio da Terra. Ou nos preparamos como o trabalhador digno de confiança para qualquer momento ser chamado à luta, ou deixaremos de realizar em toda a sua plenitude o compromisso assumido, quando seremos responsabilizados pelos resultados insatisfatórios. Isso, evidentemente, tanto como encarnados ou desencarnados.

— Os espíritos sofredores são orientados com todas as informações que necessitam para modificarem seus caminhos, suas escolhas, ou esse trabalho é completado no Plano Espiritual?

— Nesse contato inicial o espírito recebe as primeiras orientações, ficando necessitado de muitas outras que se farão em novas comunicações mediúnicas como também pelos Espíritos na Espiritualidade. O objetivo da reunião mediúnica para aqueles espíritos muito próximos dos valores materiais do planeta é permitir que ouçam as explicações preliminares que vão abrir caminho para a continuação dos esclarecimentos no mundo dos espíritos. Existem irmãos desencarnados com uma vinculação mental tão grande com a crosta, que se tornam surdos às palavras dos mentores desencarnados!

— Conseguem sair daqui pelo menos entendendo que já desencarnaram e que o mundo físico deve

ser deixado em busca da dimensão espiritual da existência?

— Tudo depende do estado particular de cada espírito aqui trazido. Alguns compreendem a nova situação de desencarnados, outros não conseguem sequer perceber essa diferença básica.

A reunião mediúnica iria ser iniciada, e o Mentor Vespasiano convidou o seu grupo a irmanar o pensamento com os demais presentes, encarnados e desencarnados, para a prece inicial.

O irmão do Centro Espírita encarregado da abertura daquela reunião, tomou a palavra:

— Irmãos encarnados e desencarnados aqui presentes. Elevemos nossos corações em direção a Deus e a Jesus rogando misericórdia para todos.

Senhor! Aqui estamos em mais esta noite reunidos em teu Nome para pedir que nos ampare em nossas fraquezas! Permita, Senhor, que possamos estender as mãos aos nossos irmãos necessitados da comunicação mediúnica e dos esclarecimentos que dela poderão se beneficiar.

Faz com que nos esqueçamos nesta hora, para podermos doar-nos sem restrições!

Aos espíritos amigos, de cuja presença neste momento temos a mais absoluta certeza, pedimos o amparo através da intuição que tivermos o merecimento em receber.

Após a oração do "Pai Nosso", daremos como aberta a nossa reunião, solicitando aos companheiros médiuns que procurem colocar-se em condições de sintonia com os espíritos desencarnados.

Os espíritos necessitados da incorporação mediúnica e a manifestação através da psicofonia recebiam os últimos preparativos para que o acoplamento vibratório se consumasse, promovendo a ligação do perispírito do médium com o perispírito do desencarnado.

A primeira a ser conduzida foi Clara.

— Onde estou?! Que nova casa é essa?! Quem são vocês?! Como vim parar aqui?!

— Minha irmã! Você está em uma casa que segue as orientações da Doutrina Espírita. Você está num Centro Espírita, entre amigos. Foi trazida por companheiros interessados em auxiliá-la.

— E o "juiz"? Não o vejo! Onde ele está?!

Evidentemente que os encarnados não tinham até aquele momento nenhuma ideia de quem iria se manifestar e muito menos quem seria o tal de "juiz".

— Minha irmã, fique tranquila! Está entre amigos! Desejamos auxiliá-la de alguma maneira para que possa ser feliz. Para isso, diga-nos quem é que você chama de "juiz"?

— O espírito amigo meu. Aquele que vai fazer a justiça que preciso para ter a paz e ser feliz! Ele prometeu ajudar-me. Meu marido tem que pagar! Tirou a minha vida! Tirou a mãe de nossos filhos! Tem que pagar! Tem que pagar!

O volume de voz foi aumentando, e a comunicante caiu em pranto convulsivo.

A essa altura, a equipe encarnada intuída pelo Plano Espiritual, auxiliada pela própria experiência dos anos de trabalho mediúnico, teve uma visão geral do que ocorria. Tornou ao diálogo o doutrinador:

— Minha irmã! A justiça deve sempre ser entregue a Deus, nosso Pai!

— Não! Essa é a justiça dos fracos, dos covardes, como disse o "juiz". Quero a justiça dele, que é rápida e forte!

— Entendemos sua dor. Entretanto, podemos afirmar que ninguém fica impune perante a própria consciência. Se o seu marido é devedor perante a Lei, ele responderá no devido tempo através de meios que a Providência Divina providenciará para que isso se realize!

— Não! Quero que pague agora! O "juiz" vai fazê-lo pagar, agora! Aliás, pelo que eu saiba, já está pagando!

E prorrompeu em histérica gargalhada.

— Pagando como, minha irmã?

— Através do "juiz"! Está fazendo justiça pessoalmente cobrando-o ao lado da mulherzinha que

colocou em meu lugar! Aquela maldita também vai pagar! O "juiz" me prometeu!

— Minha irmã, o ódio é mau conselheiro e tiranos a visão da realidade!

— O senhor queria que eu amasse o marido que tirou minha vida na calada da noite?! Que não foi preso pela justiça corrupta dos homens?! Que deixou órfãos de mãe a meus filhos?! Que colocou uma intrusa em meu lugar?! Tenho que concordar com o "juiz" que a justiça de vocês é fraca, demorada e própria dos covardes!

— Até agora, minha filha, você só fez acusações! Já parou para perguntar diante da própria consciência se fez alguma coisa que tenha provocado essa conduta de seu marido?

— Tudo o que fiz, foi consequência do que recebi antes!

— Mas veja bem! Vocês se amaram um dia, construíram um lar, filhos abençoaram essa união! Existiu amor! É preciso revivê-lo, reaquecê-lo. É preciso buscar soluções que esse amor possa oferecer!

— Então o senhor me diga como esse amor poderá trazer de volta meu corpo assassinado para que eu possa ter nos braços meus filhos novamente! Esse amor pode me dar isso?!

— Quem sabe, minha filha, quem sabe! O amor dispõe de recursos que desconhecemos dentro dos estreitos limites de nosso orgulho e egoísmo. Não duvido que o verdadeiro amor possa inclusive devolver-lhe um outro corpo e recolocá-la novamente junto aos seus filhos...

— O senhor deve estar brincando, fazendo troça comigo. Estou morta! Meu corpo foi destruído pelos vermes, e o senhor vem afirmar que o terei de volta?! E aos meus filhos?! Está vendo?! É isso que vocês oferecem por aqui?! Não! Quero uma resposta agora! Não quero a justiça dos fracos! Quero a justiça do "juiz"!

— Nós te oferecemos o Amor do Cristo. A paz de espírito que a justiça dele é capaz de proporcionar aos nossos espíritos cansados dos problemas da vida! O ódio nos consome por dentro, rouba a nossa paz, destrói as nossas esperanças de um dia podermos realmente ser felizes para sempre.

— Não quero o amor que me oferece! Quero a justiça dos fortes! Quero a justiça do "juiz"! Aquela que não se faz esperar!

— Pode dizer-nos o seu nome?

— Meu nome é Clara, mas não estou aqui para ser enrolada por conversa mole.

— Clara! Compreendemos sua dor e sua revolta e a respeitamos, mas quem de nós nunca errou na estrada da Vida? Não estamos duvidando das dores que você imputa ao seu ex-companheiro de jornada. Apenas procuramos fazê-la entender que o ódio acentua a dor que sentimos! É ácido sobre a ferida! O amor e o perdão do Cristo é a medicação que cura e restabelece sem deixar aquele, que deve, fugir à Lei.

— Não procuro o remédio dos fracos, dos covardes! Quero que ele pague já! Que tenha seu lar destruído, sua vida aniquilada!

— Já parou para pensar, Clara, que aquilo que atingir ao seu ex-marido, indiretamente atingirá também a seus filhos que com ele ficaram?! A destruição do seu marido deixará seus filhos também sem um pai na Terra e a destruição do seu lar arrancará de seus filhos um abrigo seguro.

Essa colocação fez a fúria do espírito de Clara arrefecer, baixar a guarda. O doutrinador, percebendo a pausa da comunicante que indicava ter sido o caminho encontrado para tocar a sensibilidade do seu espírito, continuou:

Pense, Clara. Seus filhos só possuem a figura do pai. Se ela for destruída, a quem ficará entregue seus filhos?! A destruição do lar que bem proporcionará a essas crianças a quem demonstra amar tanto?!

— Mas aquela intrusa não é a mãe das crianças! Eles não precisam dela!

— Seus filhos poderão encontrar nessa pessoa uma amiga. Ela jamais a substituirá como mãe, entendemos você! Mas é melhor que o seu ex- marido tenha uma convivência honesta dentro de um

lar, que também é dos seus filhos, com uma única mulher, do que viver de aventuras amorosas que o levarão a abandonar os filhos que com ele ficaram. Entenda esse raciocínio pelo bem das crianças! Tudo o que atingir o seu antigo companheiro desequilibrando-o, indiretamente refletir-se-á sobre seus filhos! Por amor a eles, perdoe até que a justiça se faça!

Clara, através dos questionamentos do doutrinador, não pôde deixar de reconhecer a verdade sobre toda aquela argumentação.

Entregou-se a um pranto manso, daqueles que têm o primeiro encontro com a própria consciência após o afastamento prolongado da mesma.

Ela abria-se, sem compreender a enorme importância disso, para o aviso: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

A PRESENÇA DO "JUIZ"

Assim que o espírito de Clara foi afastado, o Diretor Espiritual daquele grupo de socorro, incorporou uma outra médium:

—Prezados irmãos! Que Jesus, nosso Mestre e Senhor, a todos abençoe e ampare! Vimos desfilar diante dos nossos sentimentos mais um quadro de dor alicerçado no ódio. Quantos irmãos nossos não estão em situação semelhante nesse mesmo instante, cedendo aos mais negativos dos instintos no cometimento de crimes da mais variada natureza?! Quantas vezes não estivemos nós na mesma posição?!

Entretanto, como o trabalho do Amor é constante e persistente, o mal vai cedendo lugar ao bem! A luz vai afastando as trevas das nossas consciências!

Quanto tempo levaremos para entender que nunca seremos felizes ou possuiremos a paz agredindo àqueles que caminham conosco é impossível prever! A única certeza é que, um dia, haveremos de amar-nos uns aos outros como o Cristo nos amou! Haveremos de dar a capa a quem nos exigir a túnica e caminhar dois mil passos com aquele que nos obrigar a andar com ele mil. Essa é a certeza inabalável, porque é a vontade do Pai!

Queridos irmãos! Permaneçamos implorando as bênçãos de nosso Mestre para o trabalho que aqui se desenvolve. Trabalho de amor em nome do Amor que preenche todo o Universo, só encontrando barreiras nos nossos corações! Continuemos sintonizados com o Amor para que possamos ser protegidos por essa força invencível!

Venho alertá-los que se aproxima um irmão extremamente necessitado de amor, do nosso amor. Vaga semelhante criatura sedenta à procura da fonte abençoada que o salve da morte. Devemos ser para ele esse oásis fraterno onde encontre o refrigerio da paz e do bem. Não temos mérito para tanto, mas Aquele que o possui nos fará intermediários de seus recursos para socorrermos os sedentos de paz, de tranquilidade e de Amor! Os que cultivam o ódio, na verdade clamam por ser amados! O ódio nasceu no dia em que o amor lhe foi arrancado do seu coração ou negado em um momento de desespero.

Hoje teremos a oportunidade de abrir para esse irmão, em extremo desequilíbrio, a opção de amar! Só o convenceremos disso amando-o sem restrições!

É um ser ferido na sua intimidade por razões que desconhecemos, mas que a Providência Divina sabe.

Se ele está sendo direcionado para esse grupo de encarnados e desencarnados, nesse recanto abençoado onde estamos dispostos a amar, é porque assim determina nosso Pai. Não decepcionemos nosso Criador!

O amparo, as forças, a intuição para tanto não nos faltarão.

Deixemos que as vibrações de paz e de amor oriundos dos Planos Maiores invadam nosso ser numa capitução onde a felicidade e a paz são indescritíveis.

O "juiz", como se denomina, localizou a irmã Clara porque ela criou a projeção de sua figura em sua mente ao comunicar-se pedindo pela presença dele.

O irmão infeliz localizou a direção do pensamento da irmã em desequilíbrio e está se aproximando deste local fraterno.

Não impediremos a sua entrada exatamente porque é isso que queremos para auxiliá-lo!

Que ele entre, mergulhe nas vibrações amorosas de nossos corações, que irão atenuar a carga de ódio que nele vibra.

Não alimentemos nenhum sentimento oriundo da vaidade de valor pessoal, porque trabalhamos em nome do Pai, a quem pertence toda a vitória desta noite, como sempre!

Aguardemos em oração, depositando-nos no amparo de Jesus.

Poucos segundos depois, a médium, destinada a dar condições para a manifestação daquela entidade, começou a sentir as vibrações pesadas da aproximação do espírito do "juiz" impregnado de intenso ódio pelos componentes daquela reunião. Mas, confiante no Plano Espiritual, cedeu sintonia para a comunicação.

—Malditos! Tinha a certeza de que eram vocês outra vez! intrometidos e hipócritas! Vou destruí-los um a um! Bando de covardes, carneiros da injustiça!

— Meu irmão! — começou a falar o doutrinador.

— Não sou seu irmão!

— Então permita-me chamá-lo de amigo.

— Não sou seu amigo! Odeio você e a todos que se intrometam na minha vida!

— Não desejamos intrometer, mas sim ajudar!

— Não preciso de ajuda de ninguém!

— Respeitamos sua opinião, mas existem outros espíritos em sofrimento que precisam ser auxiliados.

— Quem está comigo, está bem! Não precisam de ninguém! Só da minha proteção! Eu posso dar-lhes o que querem! Eu sou a justiça que buscam!

— Ninguém está bem no meio do ódio, meu amigo!

—Já disse que não sou seu amigo! Sou inimigo de todos aqui presentes! Odeio a todos vocês! Vou destruí-los, bando de fracos, covardes!

Jnè- Não estamos aqui, meu irmão, para medir forças com você nem com ninguém! Estamos aqui em nome do Amor de Deus e da paz do Cristo, Nosso Senhor.

Quando essas últimas colocações foram feitas, o "juiz" soltou urros através da médium, enquanto o Plano Espiritual aplicava-lhe energias neutralizadoras da carga de ódio nele contida. Dessa forma, o espírito obsessor era mantido presente naquele local para que nele fosse plantado uma única semente do bem.

— Não sou seu irmão, desgraçado!

—Pedimos que respeite esta Casa de oração que trabalha em nome do Amor!

—E quanto vocês ganham, trabalhadores fracassados?

—Ganhamos a alegria de ver qualquer irmão menos infeliz.

—Pois não se preocupem comigo, porque sou muito feliz!

—Engano seu. Pensa que é feliz, mas vive no meio dos sofrimentos daqueles que o rodeiam e no seu próprio.

—Quem você pensa que é para me falar assim? Algum santo?!

Começou a gargalhar através da médium e *agitar-se* ainda mais.

— Pelo contrário — respondeu o doutrinador. — Aqui somos todos devedores perante as Leis da Vida. Todos nós presentes caímos e procuramos nos reerguer. Muito longe estamos ainda da santidade, da perfeição. Mas prosseguimos na marcha para ela. Por que não vem conosco?

— O quê?! Que atrevimento é esse?! Eu vou para onde quero e com quem eu quero!

- Mas a sua grande companheira é a dor, meu irmão!
- Cale-se, insolente! Não se atreva a falar-me assim!
- Falo em nome do Amor, meu amigo. Falo porque conheço em mim mesmo o preço do ódio, do desequilíbrio!
- Você não conhece nada! Só os fortes conhecem o ódio, e vocês são um bando de fracos!
- Depende, meu amigo, do que você considera forte ou fraco! Somos fortes quando vencemos a nós mesmos e fracos quando pensamos vencer nossos semelhantes!
- Não quero mais ouvir nada! Vim em busca de Clara, a minha hóspede. Onde ela está?
- A irmã Clara agora é hóspede de Jesus!
- Insolente! Ela é minha prisioneira!
- Não, meu amigo! Só a consciência culpada é uma prisão da qual não conseguimos escapar. A irmã Clara está hospedada pelo Amor que o aguarda também.
- Quer provocar-me, infeliz?! Vou destruir você e a todos que se opuserem em meu caminho!
- Não queremos atrapalhar o seu caminho, meu irmão. Apenas o convidamos para experimentar o caminho do Amor!
- Cínico! Provocador! Você vai ver o que vou fazer na sua vida, na sua casa!
- Colocamo-nos todos nas mãos de Deus, nosso Pai! Que seja feito como Ele permitir.
- Não sou obrigado a continuar a ouvir essas besteiras todas! Soltem-me! Eu estou ordenando! Soltem-me! Agora!

Devido ao desgaste da médium e do próprio ser espiritual, os Espíritos dirigentes do trabalho mediúnico aplicavam energias tranquilizadoras no obsessor, enquanto amparavam a médium na sintonia com a entidade daquele nível vibratório. Ela sairia dali sem nenhum prejuízo porque doava-se ao Amor que a tudo ampara e providencia.

O espírito denominado "juiz" ouvira falar na opção da paz e da felicidade verdadeiras. Ouvira o convite que naturalmente recusara, mas uma semente da dúvida quanto ao prejuízo do ódio fora implantada em seu coração. Evidentemente ainda seguiria o caminho do desequilíbrio, mas em sua consciência o nome de Deus, de Jesus, do Amor, da paz ficaria fazendo eco até o dia em que, cansado de sofrer, faria a mudança de rumo de sua existência também criada para a felicidade e para a paz.

Clara, juntamente com os outros espíritos libertados do "charco", seria transferida para hospitais da Espiritualidade, onde receberia o tratamento necessário.

Evidentemente que os débitos existentes e anotados na "ficha" de cada um deles teriam acertos futuros, providenciando o devido resgate através da lei da ação e reação. Nada se perde no tribunal da consciência porque ele é uma propriedade intransferível de cada um de nós. Cometido o desequilíbrio, ele será agendado para a reparação devida. Que ninguém se iluda ou duvide pensando o contrário!

Somos espíritos imortais, e não necessariamente o acerto dos débitos tem que ocorrer na mesma existência em que são contraídos. Temos a eternidade pela frente. A Providência Divina não tem pressa, permite que o pagamento seja feito em parcelas proporcionais às nossas forças.

Enquanto tudo vai sendo providenciado para que ninguém lese a outro sem a reparação necessária, em nosso interior vai ganhando força a recomendação: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

O BEM DECIDE

No Plano dos Espíritos, o Mentor Vespasiano reunia seus aprendizes para a conclusão daquele trabalho de vigilância, acompanhamento paciente, resgate e destino dos espíritos infelizes retirados do "charco".

O tempo passara numa proporção impossível de ser comparada aos termos da Terra.

Vespasiano se ausentara, tendo ido às regiões mais elevadas discutir o encaminhamento de cada caso daqueles irmãos visitados pelo desequilíbrio e burilados pelo sofrimento.

Assim que as decisões foram tomadas, retomou para concluir, junto aos espíritos em aprendizado e que haviam acompanhado todo o desenrolar daqueles dramas, as lições que podiam ser extraídas como mecanismo de alerta particular a cada entidade participante.

Foi, portanto, o Mentor a fazer uso da palavra:

— Queridos companheiros de aprendizado! Não me vejam como o professor em sala de aula.

Não! Somente Jesus poderia ocupar essa posição com méritos. Sou um aluno da Vida como todos, apenas cabendo-me o dever de passar para os irmãos, que nos acompanharam durante todo esse tempo, as lições que também vou aprendendo com a Justiça e a Misericórdia de Deus!

Não devemos contemplar os acontecimentos da vida de ninguém apenas como um mecanismo de satisfação da curiosidade íntima. Onde irmãos nossos tropeçam hoje, amanhã poderá ser o local de nossa queda!

Devemos observar, auxiliar a dor nos corações alheios, utilizando-a também como um alerta muito sério para cada um de nós.

Quem se julgar fora do alcance do erro, esse é o mais propenso a cair!

A Providência Divina permite-nos auxiliar e ao mesmo tempo aprender, com muito respeito, com os desequilíbrios de nossos semelhantes. Hoje assistimos. Amanhã seremos os protagonistas dos dramas da estrada da existência!

Quando nos é permitido aprender, nasce uma responsabilidade muito grande, porque, "mais se pedirá a quem mais tiver sido dado". Se nos é *proporcionada* a oportunidade do alerta, a responsabilidade pelo erro será maior.

Por isso, não basta ver, ouvir, acompanhar e concluir com o sofrimento alheio. É preciso aplicar as preciosas lições em cada um de nós!

Aguardamos se há alguma dúvida sobre tudo o que viram até o momento.

— Mentor! Como estamos deste lado da vida, da verdadeira vida, nos é fácil entender que o sofrimento do próximo deve servir-nos de lições. Estariam em condições de entender a mesma coisa os irmãos encarnados participantes das reuniões mediúnicas onde os espíritos sofredores se manifestam?

— O alerta que ouvimos no Plano Espiritual também é feito junto aos irmãos encarnados. Evidentemente, dependendo do fascínio que a matéria exerça sobre cada um, existirá um grau de dificuldade maior ou menor no entendimento das lições. A responsabilidade continua na mesma proporção das possibilidades de aprendizado!

— Costuma ficar dúvidas nos encarnados quanto à real extensão de todo o drama?

— Os irmãos encarnados não podem participar na mesma intensidade que os desencarnados das situações que ocorrem em nossa dimensão vibratória. Estamos no local dos acontecimentos, presenciamos os fatos. Os irmãos na matéria física já não dispõem desse farto material, de tal modo que é compreensível a limitação para eles de toda a extensão do drama que conhecemos. Contudo, possuem a responsabilidade dosada na intensidade do que conhecem, do que ouvem, do que lhes é permitido presenciar! Jamais podem participar de uma reunião mediúnica de tal natureza, sem responsabilidade nenhuma. O sofrimento do nosso semelhante não é brinquedo, diversão que possa ser utilizada ao sabor de nosso prazer ou de nossa curiosidade. Ninguém se envolve com o encarnado ou desencarnado em sofrimento com isenção de responsabilidade! Onde a dor eclode ao alcance de nossas possibilidades, está nos acenando para que socorramos, para que exercitemos o Amor como Jesus tão bem ensinou na parábola do Bom Samaritano!

— Mentor Vespasiano! Poderíamos saber o que foi decidido em relação aos nossos irmãos resgatados daquele local de sofrimento, particularizando mais cada caso?

— Sim! No entanto, volto a alertar: cada intimidade revelada do sofrimento de nossos irmãos é uma responsabilidade que contraímos no sentido de auxiliá-los! Ninguém tem o direito de se insensibilizar diante da dor alheia!

— Mentor! Se esses irmãos sofrem a ação da sementeira e colheita, da lei do retomo, até onde podemos auxiliar sem que estejamos interferindo na Lei de ação e reação?

— Cabe-nos auxiliar sempre até a exaustão de nossas forças! Em momento nenhum cabe esse tipo de julgamento! Só a Deus compete. Devemos auxiliar sempre sem sequer a lembrança de termos a pretensão de alterarmos a Lei. Isso nem Jesus, com toda a sua grandeza e recursos, jamais fez. Não seríamos nós com a nossa pequenez que conseguiríamos arranhar as Leis de Deus!

O Mentor fez uma pausa para permitir que os aprendizes absorvessem os ensinamentos até então administrados.

Voltou a falar:

— O nosso outro irmão, que teve a possibilidade de auxiliar aos semelhantes através de um cargo político e que faliu, retomarão ao campo físico em reencarnação de escassos recursos financeiros e intelectuais. Ou seja, terá pais honrados, exemplares, que o direcionarão para o trabalho desde a adolescência, forçado pelas necessidades de sustento dos familiares e dele mesmo. Ficará longe de grandes conhecimentos intelectuais, de oportunidades de estudos, que será um mecanismo de impedi-lo de ingressar na política novamente. A distância do dinheiro e de conhecimentos funcionarão como obstáculos para evitar a reincidência nos mesmos enganos.

— Mentor! E os recursos intelectuais que ele já tiver conquistado?

— Serão dele. O patrimônio moral ou de inteligência legitimamente conquistados nunca será retirado de ninguém. Entretanto, a luta pela sobrevivência em regiões inóspitas do país, onde irá reencarnar, será o freio para evitar a sobra de tempo que poderia ser utilizada em outras opções, em que uma delas seria a atração pela carreira política que desonrou. Os cargos políticos, os dirigentes das cidades, dos Estados e dos países são necessários na atual fase da humanidade. O erro não está na política, mas na má política, na política corrupta e corruptora que se desvia do dever de servir para a oportunidade de ser servido, empregando de todos os meios, mesmos os escusos, para alcançar tal fim.

— Quer dizer, então, que essa experiência se revelará na próxima existência física desse nosso irmão falido no cumprimento do seu dever no campo político, através da atração novamente para esse ângulo da vida material?

— Sim. Nossas tendências falam de nosso passado, de nossas conquistas ou deslizes. O corpo físico é outro, mas os registros espirituais das experiências vividas encontram-se arquivados e podem tentar emergir nesse outro corpo material, nessa outra existência!

Lembrem-se que o corpo é novo mas o ser espiritual é milenar! Quantas experiências temos registradas em nossa memória espiritual, só Deus saberia dizer!

— Mas, Mentor! Com uma existência ele já seria recuperado dos deslizes morais cometidos?

— Não! Se fosse assim, a evolução seria muito fácil! Esse nosso irmão terá quantas existências necessitar nesse rígido esquema de vida com pais austeros, honestos, que trabalharão o seu caráter até conseguir modificá-lo um pouco que seja. Durante esse duro e longo aprendizado, será providenciado sempre algum obstáculo para evitar o seu envolvimento com a política dos homens onde sucumbiu. Somente após a remodelação do seu caráter, cujo tempo é imprevisível, se assim o desejar, poderá voltar a pleitear um cargo público entre os encarnados.

— Mas se voltar ao mesmo meio de sua queda, não correrá o mesmo risco?!

— Não podemos ficar trancados para evitar nossos tropeços! É preciso voltar ao local ou às condições do "crime" para verificar se estamos curados! Não podemos nos esconder de nós mesmos, da nossa realidade de caráter! Em lugar da fuga, devemos providenciar a modificação daquilo que está errado.

Se a Justiça Divina nos aprisionasse de nossa própria realidade eternamente para que não reincidíssemos no erro, estacionaríamos na marcha evolutiva!

Se o irmão em estudo voltar ao meio político e falir novamente, terá, como todos, de reiniciar o aprendizado! Com um agravante: todas as vezes que temos que reiniciar, as dificuldades são maiores!

Alcançar a perfeição possível não é trabalho fácil e muito menos para pouco tempo! Por isso, somos imortais! Nosso calendário é a eternidade!

Fez uma nova pausa proposital em suas explicações. Percebendo que os aprendizes estavam ávidos por mais esclarecimentos, retomou:

— Vamos agora estudar como o irmão, que ceifou a vida física dos próprios pais para apoderar-se da herança, está sendo encaminhado diante da Misericórdia da Lei.

Em contatos mantidos por irmãos nossos junto ao espírito que foi a mãe do infeliz criminoso, essa nossa irmã demonstra uma grande capacidade de amar. Dá sinais encorajadores de que aceitará na próxima reencarnação o espírito infeliz do filho novamente em seu ventre.

As mães possuem sempre uma força extra, uma sobra de indulgência. A alma que transita pelas experiências do sexo feminino, via de regra, portam uma capacidade maior de compreender e amparar.

Com esta irmã não tem sido diferente.

Nos planos estudados e em andamento na esfera espiritual apropriada, esse espírito está disposto a receber o filho desequilibrado pelo ato criminoso. O coração bondoso dessa criatura, após o devido preparo, demonstra tendências de aceitar, em sua nova maternidade na Terra, o mesmo espírito que ceifou-lhe a vida como filho novamente.

— Mentor! E o espírito, que foi o pai dele, também demonstra a mesma disposição? — perguntou rapidamente um dos alunos.

— Não! Com esse irmão as coisas não poderão ser encaminhadas dessa maneira. Ele se encontra extremamente revoltado e sem condições de ser o pai novamente. É preciso buscar outro caminho dentro da Lei, para, com Amor, reencarninar o problema com soluções mais demoradas, mais lentas, mas com menos riscos.

No estado de revolta em que esse espírito se encontra em relação àquele que, sendo seu filho na última existência, ceifou-lhe a vida para roubá-lo, a aproximação como pai e filho poderia ter consequências desastrosas, sendo estudada, pela Equipe encarregada de buscar soluções para esse tipo de endividamento, a possibilidade de se reencontrarem como irmãos no corpo material.

— Mas, Mentor! — perguntou um outro aprendiz. — Como irmãos o relacionamento não será difícil também?

— Sempre que se procura desfazer as arestas do ódio, não devemos esperar soluções ou situações fáceis! O que está sendo planejado é que o espírito daquele que cometeu o crime na posição de filho seja o arrimo material do espírito que outrora foi seu pai, tendo que trabalhar para auxiliar a mãe com os outros irmãos, funcionando como uma espécie de arrimo de família.

Dessa forma, através do esforço próprio, ele resgatará, em parte, o mal cometido. Ficarão órfãos de pai em idade ainda jovem e o irmão mais velho terá que ajudar a mãe no sustento do lar. De algum modo, esse espírito, lesado pelo crime na posição de pai, vai receber do espírito causador do mal, agora na posição do irmão mais velho, uma reparação parcial dos danos morais e físicos sofridos.

— Conseguiram entender como a Lei orchestra os destinos para que o Amor prevaleça sempre?

— Quer dizer, então, — disse um dos ouvintes — que o espírito do antigo assassino, agora na posição do irmão mais velho, auxiliando a mãe na criação dos irmãos menores, terá entre eles sua antiga vítima?

— Sim! Vítima essa que será beneficiada pelo trabalho do, agora, irmão mais velho. Dessa forma a Misericórdia e a Justiça Divina vão montando as situações para a vitória do bem e da paz.

Em futuros reencontros, com uma dívida menor, o culpado e a antiga vítima, tendo abrandado a

carga de ódio, encontrarão novas oportunidades para o cultivo do amor.

— Mentor! Essa convivência na próxima reencarnação, embora não saibam o porquê, será *difícil para ambos?*

i — Sim, porque na memória do espírito os registros negativos do mal permanecem até serem abolidos pela devida reparação.

— Mas, a reencarnação não proporciona o esquecimento de tudo? — perguntou um outro presente.

— Proporciona o esquecimento de lembranças diretas, ao nível do consciente. Jamais lembrarão que foram pai e filho na vida anterior e da tragédia que os envolveu. Se isso ocorresse, a reconciliação seria impossível! Daí a necessidade da bênção do esquecimento para nos acertarmos diante de nossos credores!

Entretanto, do inconsciente profundo poderão emergir sensações mal definidas e explicadas que alcançarão a superfície do momento presente, que podem causar momentos de atritos significativos.

E quando uma pessoa não suporta numa outra o mínimo deslize, a menor atitude agressiva, mas que suportaria de uma outra com a qual não estivesse envolvida por atritos do passado espiritual.

A convivência dos dois espíritos, agora na posição de irmãos, terá momentos de dificuldades, mas a bênção do amor materno será suporte suficiente para que cumpram essa primeira parte do reajuste.

—Mentor! Por que em relação à figura materna, que também foi vítima do crime, essa lembrança do inconsciente não provoca atritos no relacionamento de ambos? O mesmo espírito novamente na posição de mãe, também não foi vítima do assassinato na vida anterior?!

— Por uma razão muito simples: a irmã aceitou receber o mesmo espírito que a agrediu na posição novamente de mãe porque está disposta a amar! E o Amor encontra remédio para tudo! O espírito da mãe que foi injuriado, cede ao perdão e dispõe-se ao amor! Ela anula, com essa atitude, qualquer possibilidade de atritos ou de lembranças que brotam do inconsciente para os dias do presente! Por isso terão uma convivência pacífica e o relacionamento mãe-filho honrado pelo respeito, pela dedicação e pelo amor!

— Mas, Mentor! Estou em dúvida ainda! —r respondeu o interessado na explicação. Mesmo que o espírito da mãe o tenha perdoado, a dívida não continua a existir? Não tem que ser reparada?!

— Claro! E vai ser, em parte, no auxílio que o filho prestará através do seu trabalho no sustento do lar. O saldo que restar será apresentado em outras vidas na forma de novas parcelas a serem pagas. A Misericórdia de Deus nos abre sempre um crediário, caso contrário nunca saldaríamos a nossa dívida!

Mais uma pausa proposital seguiu-se a essas explicações dando condições para o raciocínio dos aprendizes absorverem o conteúdo das colocações.

Observando que mais perguntas não surgiam, o Mentor reiniciou a conversa:

— Vamos analisar a situação da irmã que se envolveu com o adultério e o crime do aborto.

Os encarregados do planejamento da sua futura encarnação estão preparando o mapa do próximo corpo físico, que trará inibições não contornáveis pela medicina da época, impedindo-lhe de ter filhos da própria carne.

—Mentor! Por favor! Como os encarregados dessa situação podem preparar o veículo de carne se estamos em outro plano vibratório?!

—Não é complicado de se entender. O ser espiritual é revestido por um corpo denominado perispírito de consistência mais rarefeita do que o corpo material. Esse perispírito é o modelo para a confecção do futuro corpo carnal. Mais ou menos assim como a forma que recebe a massa de um bolo, imprimindo-lhe o formato final.

Do plano espiritual esse perispírito leva os defeitos necessários em si mesmo, que vai imprimir no corpo material, já que este será formado a partir do primeiro.

O perispírito vai imprimir no corpo de carne os "defeitos" para as provas das quais aquele espírito tem necessidade.

Vamos aos exemplos.

Se a morte adveio através de um suicídio com disparo de arma de fogo contra a própria cabeça, o perispírito portará uma deformidade na zona cerebral que será passada ao novo corpo que será gerado através da forma perispiritual. E quando o suicida renasce como cego de nascença, surdo-mudo, deficiente mental ou qualquer outro tipo de lesão.

Se o desencarne foi através do excesso de bebida alcoólica em que o fígado foi lesado, o perispírito apresentará uma deficiência na região hepática, que será imprimida no novo corpo material confeccionado a partir da forma perispiritual, nascendo a pessoa com problemas digestivos, muitas vezes de difícil diagnóstico.

Se houve o consumo do fumo, a região perispiritual apresentará deficiência na região dos pulmões, que é transmitida ao novo corpo na matéria, apresentando a pessoa doenças no aparelho respiratório.

E assim a Lei vai providenciando a cada um as lições das quais temos necessidade para crescermos espiritualmente.

—Mentor! Mesmo que a pessoa encarnada não se recorde das razões dessas lições das Leis de Deus, o aprendizado não é comprometido?

— Não, porque o sofrimento é lição inesquecível! De posse dessa lembrança no Plano dos Espíritos, somos esclarecidos em nosso regresso para a verdadeira Vida do porquê de passarmos por determinadas provas. A lembrança da dor, dos problemas, associados às explicações desse lado da vida, transformam-se em lições que abalam as estruturas do erro, levando à melhora moral.

— Mas esse desconhecimento do porquê de se estar sofrendo não leva à revolta? Não seria melhor saber no momento em que sofremos as razões de nossos problemas?

— Quando a fé em Deus é tão pouca que chegamos ao ponto de considerarmos a hipótese de que Deus, em nosso caso, teria errado, só aceitamos e entendemos uma coisa: o alívio de nossas dores! Para aquele que não sabe o motivo mas confia na Providência, que o motivo existe porque Deus não erra, não é necessário o esclarecimento antecipado.

Aliás, foram para os que sofrem com resignação que Jesus pronunciou as palavras "Bem aventurados os que sofrem, porque serão consolados". Para os que sofrem sem blasfemar, porque acreditam em Deus. O ser que sofre mas reclama, na verdade não confia no Criador! Não foram para esses a promessa da bem-aventurança no que se relaciona ao sofrimento. Quem sofre reclamando, protestando, blasfemando, na verdade, discorda da Providência Divina.

— Como fazer para não encarar o sofrimento como castigo?

— Compreendendo que Deus é Amor e, por isso, não comporta o sentimento de vingança oculto no chamado castigo!

— Mentor! Mas o que vai acontecer com esse espírito comprometido com o adultério e o aborto em uma nova encarnação não podendo ter filhos? — perguntou um dos presentes conduzindo a conversa de volta àquele espírito especificamente.

— Essa irmã vai ter uma existência farta em dinheiro, em poder financeiro. Se souber conduzir esses recursos para amparar crianças órfãs, receberá entre elas os espíritos aos quais negou a encarnação através do crime do aborto.

Devolverá a esses espíritos a oportunidade de progredirem na Terra, escola abençoada de almas! Dará a eles novas oportunidades de crescimento espiritual através da bênção da reencarnação, amparados por seus recursos financeiros e mesmo pelo seu amor doado aos órfãos, que poderá abraçar como filhos de sua alma.

Se conseguir acolher essas crianças dentro do próprio lar, sua quitação dos débitos anteriores se dará de forma completa!

O irmão que será seu companheiro na futura existência proporcionará as condições para que assim seja, se ela desejar dessa maneira.

A palavra final vai pertencer à nossa irmã que, entre os méritos da vida futura recolhendo crianças órfãs, estará, na realidade, redimindo-se diante da própria consciência!

— Mentor! E quanto à nossa irmã Clara? Já chegaram a alguma conclusão?

— Sim. Mas antes precisamos fazer uma visita ao lar de Cláudio e Ana para verificarmos como as coisas vão indo por lá. Vamos programar nossa jornada para que possamos entender o mais depressa possível o alerta: "Reconciliai-vos o mais depressa possível como o vosso adversário..."

O ABENÇOADO RETORNO

Finalizando aquela etapa de aprendizado, o Mentor Vespasiano e seus acompanhantes chegaram ao lar de Cláudio e Ana.

— Vamos verificar se houve mudanças importantes nesse lar. Lembrem-se de como estava o ambiente vibratório nesse local, antes que Ana buscasse pelo socorro da Providência Divina no Centro Espírita onde estivemos aprendendo com os nossos irmãos desencarnados dedicados temporariamente ao erro?

Ana estava satisfeita com as melhoras alcançadas no relacionamento junto ao roarido. Frequentava com regularidade o Centro Espírita e estudava os livros que lhe eram sugeridos, solidificando-se na fé e na prática do que era possível naquelas circunstâncias transitórias por que passava.

Cláudio por sua vez, conquanto não abraçasse ainda a Doutrina Espírita, recebia com **carinho** as sugestões da esposa em relação à melhoria do lar, como de fato vinha ocorrendo.

Ana e o marido faziam sua prece à noite antes do repouso necessário, ocorrendo a mesma coisa ao levantar-se para mais um dia de serviço, o que permitia a presença de entidades amigas dedicadas à proteção do lar e de seus moradores.

O estudo do Evangelho no Lar era também realizado todas as semanas em dia predeterminado. Nessas ocasiões, Ana fazia leituras e explicações de páginas singelas ouvidas com respeito por Cláudio. Todas essas mudanças introduzidas por Ana criavam uma barreira vibratória que praticamente impedia o acesso àquele local controlado pelo "juiz" e seus comparsas.

Cláudio afastara-se quase completamente da bebida alcoólica, que se resumia a esporádicas ocasiões na comemoração de uma ou outra festividade e sob controle dele mesmo e não da bebida.

Essa melhora do relacionamento entre o casal fez com que Ana desse maior atenção aos filhos do primeiro casamento do marido, com Clara, que acabariam por abrandar os sentimentos de repulsa do espírito desencarnado da mãe das crianças.

Desfrutavam da paz possível num mundo de provas e expiações.

O Mentor Vespasiano voltou aos seus comentários:

— Vejam como a disposição e o esforço no bem surtem resultado efetivo! Esse lar encontrou as bênçãos do equilíbrio. Os nossos irmãos infelizes, que antes encontravam um ambiente agradável para exercer a sua ação, agora encontram uma barreira instalada pela força do bem.

Se todos os seres humanos acreditassem no efeito da prece, da higienização dos pensamentos, da luta contra as más tendências, não deixariam para depois o início de uma atitude, de uma ação nesse sentido.

Infelizmente, a prece para grande número de irmãos encarnados só é lembrada no momento de dificuldades, ocasião em que, pelo próprio desequilíbrio da situação vivida, torna difícil a sintonia com os planos maiores da Vida. Acabam essas orações por nascer do desespero, não tendo a força necessária para ascender às regiões que poderiam alcançar, se fossem cultivadas no dia-a-dia.

A mudança de hábitos em busca de um novo rumo que leve ao equilíbrio é coisa pouco cogitada porque exige o rompimento com as recompensas imediatas da existência conseguidas com o cultivo do egoísmo, do orgulho e da vaidade, das quais não gostamos nem um pouco de abrir mão.

— Mentor! Mas as outras religiões não conhecem esse plano da vida em que nos encontramos?! Conservam uma ideia milenar de que a morte lança a alma num local muito distante, em completo esquecimento dos que ficaram na Terra?! Os irmãos que frequentam essas religiões também deveriam desenvolver essa reforma para melhor? Teriam eles estímulo tão verdadeiro como têm os espíritas que conhecem mais profundamente nossa realidade?

— Todas as religiões pregam aos seus seguidores a necessidade da reforma íntima. Não fornecem os mesmos fatos, as mesmas provas que o Espiritismo, mas falam da necessidade de sermos bons, evitarmos o erro. Não há nenhuma religião de bom senso que ensine o erro, o desequilíbrio, o abraçar o egoísmo, o orgulho e a vaidade. O que fazemos questão de alertar são a nossa ligação com a má sementeira e, por consequência, com o sofrimento.

Além do mais, o nosso Modelo, o nosso Guia, é o Mestre Jesus! Não temos que nos prender ao que as religiões mandam ou recomendam. Basta lembrarmos dos ensinamentos do Cristo, dos seus exemplos de vida, e o resto é uma consequência inevitável, chamando-nos com muita força para a reforma interior, para a melhoria moral!

— Mentor! Existiria um resumo dos ensinamentos de Jesus que seja aplicável em nossas vidas, independente da religião que tivermos?

— Perfeitamente! Esse ensino é fazer ao próximo o que gostaríamos que o próximo nos fizesse! Quem estabelecer essa meta para si mesmo, estará caminhando a passos largos rumo à perfeição.

Vamos buscar nossa irmã Clara e trazê-la em visita a esse lar modificado pela prece, pela mudança de valores conquistados por nossa irmã Ana, através dos ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.

Pouco tempo depois, Clara estava naquele lar amparada por auxiliares do Mentor Vespasiano que trabalhavam insistentemente em nome do Amor.

Abriu os olhos, como se tivesse acordando de um sonho, e perguntou:

—Onde estou?! Parece um lar na crosta terrestre! Estou certa?

—Sim, minha filha! — respondeu Vespasiano. — Você está conosco num lar de nossos irmãos encarnados. Um lar muito especial para você, para o seu coração!

— Por que especial para mim?

—Por dois motivos. Primeiro, é o lar onde seus filhos vivem com o pai e sua companheira, Ana.

Ao ouvir o nome daquela que Clara considerava, embora com menos intensidade, uma intrusa, agitou-se dizendo:

— Não quero ver essa mulher! Ela roubou meus filhos!

— Não, Clara. Ana tem sido uma companheira bondosa para seus filhos, como você está em condições de constatar por si mesma. Podemos mesmo dizer que tem sido uma segunda mãe para as crianças. Conversa com eles sobre você explicando-lhes que você é uma alma que está num lugar bom deste lado da vida!

Quer decepcioná-los, alimentando sentimentos agressivos contra aquela que não tem deixado sua memória no esquecimento?! Que tem se doado, apesar de jovem, aos filhos de uma outra mulher?! Aos filhos da ex-esposa de seu atual marido? Por que, minha filha, sentimentos de animosidade contra alguém que não tem nenhuma culpa do que ocorreu com você?! De alguém que se preocupa com os estudos, com a alimentação, com os divertimentos saudáveis, com a saúde de seus filhos, Clara?! Ela, em momento algum, tentou roubar-lhe sua posição de mãe. Não tem nem idade para isso! Tem sido a irmã mais velha que zela amavelmente pelos seus filhos, que ficaram!

Se Jesus nos recomendava a amar aos inimigos, imagine nossa dívida para com aqueles que nos querem bem?! Querem bem aos nossos próprios filhos sem terem essa obrigação?! Se você pensar

melhor, verá que está sendo injusta com a nossa irmã Ana, que tudo tem feito para que seus filhos tenham um verdadeiro lar!

Pense, Clara! Deixe que as lições do Mestre Jesus ocupem espaço em seu coração ao invés da vaidade, do orgulho ferido, minha filha!

Fomos criados por Deus para nos relacionarmos através do Amor que a tudo e a todos invade com um convite sempre renovado para sermos felizes!

Experimente, Clara, a sementeira e colheita do Amor em lugar do ódio!

Atende ao convite do Nosso Senhor Jesus Cristo de amar-nos uns aos outros como ele nos amou!

A partir do momento em que ceder ao amor, será invadida por um sentimento de paz antes desconhecido!

Perdoa, Clara! Todos nós devemos uns aos outros! Se hoje somos feridos, ontem fomos o agressor!

Entregue-se ao Amor, Clara, para que o Amor possa ábençoá-la em todos os instantes de sua vida como espírito encarnado ou desencarnado!

Clara, nesse momento sublime em que recebia o convite amorável de Vespasiano, era tocada por ele no alto de sua fronte pela qual uma luz safirina penetrava suavemente. Ela tinha a sensação que iria adormecer, mergulhar num sono de bênçãos, de paz há muito tempo desconhecida.

Antes, porém, voltou-se para o Mentor e perguntou:

— O senhor disse que esse lar era especial para mim por dois motivos, mas só disse o primeiro deles. Qual seria o segundo motivo?

O Mentor sorriu suavemente e esclareceu:

— Lembra-se, minha filha, quando você perguntou ao doutrinador do Centro Espírita, onde você se manifestava junto aos irmãos encarnados, se o Amor poderia devolver o seu corpo físico ceifado anteriormente? Vou ajudá-la a recordar-se, porque é muito importante essa lembrança.

Nesse momento o Mentor aplicava passes sobre a cabeça de Clara, espalhando luz safirina por todo seu corpo espiritual. Ativando seu arquivo de memórias, insistiu:

— Lembre-se, Clara! É importante para que você conheça a força do Amor e quanto vale a pena nos guiarmos por ele. O doutrinador, naquela ocasião, diante da pergunta se o Amor poderia devolver-lhe seu corpo físico para que voltasse ao convívio junto aos seus filhos na Terra, respondeu-lhe que talvez. Lembra-se?

— Sim, agora estou me lembrando. Os encarnados em torno da mesa! Aproximei-me de uma mulher e, de repente, fui puxada para ela como um ímã poderoso atrai um frágil fragmento de metal! Comecei a falar com aquele homem como se estivesse de novo em um corpo físico!

— Isso, Clara! Continue! É importante essa recordação para que você avalie a força do Amor, minha filha!

—Eu estava revoltada! Ele tentava convencer-me da força do Amor, da opção de amar! Então, perguntei-lhe se esse Amor a quem tanto ele se referia seria capaz de devolver-me o corpo material para que pudesse estar de novo entre meus filhos. Sim! Agora estou lembrada! Mas, não estou entendendo nada! O que isso tem a ver com o segundo motivo pelo qual esse lar que visitamos é extremamente importante para mim?! Não consigo entender!

—Pois é, minha filha. Você perguntou ao irmão doutrinador se o Amor poderia devolver-lhe o corpo novamente, não foi?

— Sim! Mas não entendo!

—Ele pode, Clara! O Amor, se você entregar-se a ele, dará a você um novo corpo com o qual retomará à convivência de seus filhos!

— Meu Deus! Será possível?!

—É possível, Clara. Basta entregar-se ao Amor! Ele está convidando-a a voltar a esse lar junto aos seus filhos!

— Não consigo entender!

— Entenderá se conseguir render-se ao Amor e ao perdão!

Lembre-se de Jesus, minha filha, que injuriado do alto da cruz, onde a maldade dos homens o colocou, suplicou ao Pai o perdão para todos, continuando a amar!

Faça o mesmo neste momento, Clara! Perdoe e ame sem reservas aos seus irmãos e receberá a colheita dessa semente abençoada, neste momento!

— Mas qual o segundo motivo, Mentor?

— O segundo e grandioso motivo é que está sendo convidada para retornar às bênçãos de um novo lar na Terra, Clara!

— Mas onde?! Como?! Não entendo! Qual o segundo motivo?!

— Aqui, Clara! No lar onde seus filhos estão!

— Como?! Não consigo entender!

— Voltar, Clara! Aos braços de seus filhos novamente, voltar ao carinho de um lar! Voltar ao amor de uma nova mãe e um novo pai! Basta que diga "sim" ao perdão e ao Amor!

Clara inebriada de um sentimento de paz até então desconhecido, como que flutuava num mar maravilhoso de felicidade, balbuciou:

— Rendo-me ao perdão e ao Amor. Auxilia-me, meu Deus!

Nesse instante, a Equipe Espiritual encarregada da reencarnação de Clara concluía as últimas providências na ligação do perispírito de Clara ao óvulo que seria fecundado e implantado no útero de Ana, após a conjunção carnal entre ela e o marido naquela noite de bênçãos e paz para todos!

A vitória do Amor!

Clara retomava como filha de Ana e Cláudio! Retomava junto aos filhos, agora na posição da irmã mais nova! Receberia de Ana e Cláudio toda a força do Amor. Voltaria aos braços dos filhos como a querida e mimada irmã caçula!

— Meus queridos! — voltou a falar Vespasiano num ambiente de muitas emoções para todos. — Acabamos de ver a vitória do Amor e do Perdão. Clara retoma para ser amada e ter a oportunidade de amar, exatamente junto àqueles de quem tem a receber e, também, a ressarcir.

É assim que as Leis perfeitas do Pai procedem! Sempre procuram nos colocar exatamente no melhor local para o nosso crescimento como espíritos imortais.

Quando estamos na carne, entretanto, esquecemos o ser espiritual e queremos, quase exigimos, que o homem físico viva bem, não sofra, seja vitorioso!

Esquecemos por completo que a matéria se inicia no berço e termina no túmulo. Não há outra alternativa!

Deixamos, devido a essa má visão da realidade, de investir no espírito imortal e apostamos tudo na matéria que acaba mais dia, menos dia!

Contudo, um determinismo existe que não podemos alterar!

Temos que caminhar em busca da perfeição possível de ser atingida!

Fomos criados para isso e não para o sofrimento, que se constitui em acidente de percurso que nós introduzimos em nossa marcha evolutiva!

Clara retoma para receber amor e preparar-se para a reparação devida diante da própria consciência!

Dispôs-se a amar e concedeu o perdão!

Essas atitudes favorecerão muito a vinculação do seu perispírito ao novo ser que, em breve, começará a ser gerado no ventre de Ana. Proporcionará a essa última uma gravidez sem grandes problemas.

— Mentor! E se Clara tivesse se negado a perdoar e amar, não retomaria?

— Nosso retorno à carne é inevitável por enquanto. A negativa do perdão e ao amor dificultariam o acoplamento do ser espiritual ao seu novo veículo físico. Nesse caso, poderia gerar um processo de

abortamento com a gravidez em curso por razões que a medicina da Terra ainda não está preparada para detectar.

Caso houvesse o insucesso com a gestação de Ana, Clara seria encaminhada à reencarnação através de outros pais. O retomo seria inevitável.

Como aquiesceu, aceitando o Amor e o perdão como orientadores de sua vida, pelo menos no momento presente, passou a facilitar todas as etapas do processo reencarnatório.

Volta para o lado dos filhos, do ex-marido Cláudio e de Ana como a filha muito amada.

Quando o homem compreender todos os recursos que a Providência Divina disponibiliza em seu favor, evitará a maioria dos problemas que pontilham sua existência de dor, de decepções, de desespero e tudo mais.

Pedimos a devida licença para recordarmos os ensinamentos de honorável benfeitor de esferas maiores em uma lição por ele intitulada de "A Estranha Crise":

"O mundo vem criando soluções adequadas para a generalidade das crises que o atormentam.

A carência do pão, em determinados distritos, é suprida, de imediato, pela superprodução de outras faixas de terra.

Corrige-se a inflação, podando a despesa.

O desemprego desaparece pela improvisação de trabalho.

A epidemia é sustada pela vacina.

Existe, porém, uma crise estranha — e das que mais afligem os povos - francamente inacessível à intervenção dos poderes públicos, tanto quanto aos recursos da ciência nas conquistas modernas. Referimo-nos à crise da intolerância que, desde o travo da amargura, que sugere o desânimo, à violência do ódio, que impele ao crime, vai minando as melhores reservas morais do Planeta, com a destruição consequente de muitos dos mais belos empreendimentos humanos.

Para a liquidação do problema que assume tremendo vulto em todas as coletividades terrestres, o remédio não se forma de quaisquer ingredientes políticos e financeiros, por ser encontrado tão-somente na farmácia da alma, a exprimir-se no perdão puro e simples.

O perdão é o único antibiótico mental suscetível de extinguir as infecções do ressentimento no organismo do mundo. Perdão entre dirigentes e dirigidos, sábios e ignorantes, instrutores e aprendizes, benevolência entre o pensamento que governa e o braço que trabalha, entre a chefia e a subalternidade.

Consultem-se nos foros - autênticos hospitais de relações humanas - os processos por demandas, questões salariais, divórcios e desquites baseados na intransigência doméstica ou na incompatibilidade de sentimentos, reclamações, indenizações e reivindicações de toda ordem, e observe-se, para além dos tribunais de justiça, a animosidade entre pais e filhos, a luta de classes, as greves de múltiplas procedências, as queixas de parentela, os duelos de opinião entre a juventude e a maturidade, as divergências raciais e os conflitos de guerra, e verificaremos que, ou nos desculpamos uns aos outros, na condição de espíritos frágeis e endividados que ainda somos quase todos, ou a nossa agressividade acabará expulsando a civilização de cenários terrestres.

Eis por que Jesus, há quase vinte séculos, nos exortou perdoarmos aos que nos ofendam setenta vezes sete, ou melhor, quatrocentos e noventa vezes!

Tão-só nessa operação aritmética do Senhor, resolveremos a crise de intolerância, sempre grave em todos os tempos. Repitamos, no entanto, que a preciosidade do perdão não se adquire nos armazéns, porque, na essência, o perdão é uma luz que irradia, começando de nós."

A beleza das citações minuciosas do Mentor de esferas mais evoluídas preenchem de maneira tão completa as lições buscadas nas experiências vividas, que o silêncio e a prece de agradecimento interior a Deus era a única atitude possível naquele momento tão sublime, onde os Espíritos presentes como que mergulhavam num mar de ensinamentos nunca antes imaginados.

Aguardando o tempo necessário para que cada componente daquele grupo absorvesse os

ensinamentos conquistados em regiões maiores da espiritualidade, Vespasiano retornou às suas considerações.

— Façamos uma prece de agradecimento para podermos partir, respeitando o momento de intimidade conjugal do casal.

Senhor Jesus, Mestre amado!

Depois de tantas lições que nos abençoaram durante esse tempo de aprendizado, fortaleça-nos, Senhor, no serviço em Teu nome!

Falta-nos o mérito e as oportunidades que temos tido revelam a nossa pequenez e a Tua grandeza!

Permita-nos auxiliar, entendendo que necessitamos do auxílio constante!

Permita-nos perdoar, reconhecendo que somos os maiores necessitados do perdão!

Permita-nos amar, para que consigamos cobrir a multidão de nossas faltas no altar da própria consciência!

Permita-nos compreender, para que possamos ser tolerados em nossa vaidade, em nosso orgulho e em nosso egoísmo!

Fortaleça-nos no serviço de doarmos-nos hoje e sempre para que possamos ser dignos de ser o último dos teus servidores!

Uma melodia longínqua de vozes angélicas chegava docemente aos ouvidos daquele grupo de espíritos dispostos ao serviço em favor aos semelhantes.

Um sutil perfume impregnava a atmosfera daquele ambiente, onde o Perdão e o Amor foram vitoriosos. *

O luar derramava seu banho de prata sobre a Terra adormecida, enquanto estrelas distantes não se cansavam do seu acende-apaga ininterrupto.

A caravana, com Vespasiano à frente, pôs-se em marcha para o Plano Espiritual.

Em seus corações a alegria da oportunidade de servir e aprender abençoava cada um daqueles seres em jornada evolutiva para Deus.

Pareciam ouvir na acústica da alma aquelas doces palavras do Cristo: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário..."

Nota do autor: A mensagem intitulada "A Estranha Crise" é de autoria do Espírito Emmanuel, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier.